

**UNIVERSIDADE ESTATAL DE SÃO PETESBURGO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
CÁTEDRA DE ONTOPSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA COM
ABORDAGEM EM ONTOPSICOLOGIA**

JOSEMAR SIDINEI SOARES

**PARTICULARIDADES PSICOLÓGICAS DA PERCEPÇÃO DO TRABALHO
PELOS JOVENS**

**SÃO PETERSBURGO – RÚSSIA
JUNHO – 2012**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1A IDEIA DE TRABALHO NA PERSPECTIVA FILOSÓFICA	7
1.1 METAFÍSICA DA ADOLESCÊNCIA	7
1.2 O CONCEITO DE TRABALHO	16
<i>1.2.1 DIMENSÕES FILOSÓFICAS DO CONCEITO DE TRABALHO</i>	19
1.2.1.1 HESÍODO	19
1.2.1.2 PLATÃO.....	22
1.2.1.3 ARISTÓTELES	26
1.2.1.4 JOHN LOCKE	27
1.2.1.5 GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL	30
<i>1.2.2 O TRABALHO NA PERSPECTIVA PSICOLÓGICA.....</i>	34
1.2.2.1 ABRAHAM MASLOW.....	37
1.2.2.2 SIGMUND FREUD	39
<i>1.2.3 O TRABALHO NA PERSPECTIVA ONTOPSICOLÓGICA.....</i>	42
2 PROGRAMA DE PESQUISA.....	49
2.1 PROBLEMA DA PESQUISA.....	49
2.2 OBJETO DA PESQUISA	52
2.3 CARACTERÍSTICAS DO GRUPO ANALISADO	52
2.4 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	52
2.5 FORMULAÇÃO DAS TAREFAS	53
2.6 HIPÓTESES.....	53

2.7 METODOLOGIA	53
2.8 LÓGICA DE ELABORAÇÃO DA PESQUISA.....	54
3 RESULTADOS DA PESQUISA	56
3.1 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS DOIS GRUPOS DE PARTICIPANTES.....	57
3.1.1 O SENTIDO DO TRABALHO.....	57
3.1.2 MUDANÇA DE RACIONALIDADE PELO TRABALHO.....	61
3.1.3 OBJETIVO NO TRABALHO	65
3.1.4 APRENDIZAGEM PELO TRABALHO	67
3.1.5 VISÃO DE MUNDO APÓS O TRABALHO	69
3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	72
3.2.1 O QUE É O TRABALHO.....	73
3.2.2 CONCEPÇÃO DE TRABALHO ANTES E DEPOIS DE COMEÇAR A TRABALHAR.....	74
3.2.3 IDEIA DE RESPONSABILIDADE	75
3.2.4 O TRABALHO COMO DIFERENCIAL.....	76
3.2.5 O TRABALHO MODIFICOU SUA VISÃO DE MUNDO.....	77
3.2.6 MUDANÇA EM SI MESMO CAUSADA PELO TRABALHO....	78
3.3 ANÁLISE DOS FORMULÁRIOS.....	79
3.3.1 CRIATIVIDADE E NOVIDADE.....	80
3.3.2 MUDANÇA DE PLANOS	81
3.3.3 RIQUEZA	81
3.3.4 IGUALDADE	82
3.3.5 SEGURANÇA	83
3.3.6 AJUDAR OS OUTROS	84
3.3.7 TRADIÇÕES E HÁBITOS.....	85

3.3.8 RESPEITO AOS PAIS E AOS IDOSOS.....	85
3.3.9 ADAPTAÇÃO E ALTERAÇÃO DA NATUREZA.....	86
3.3.10 VIDA TRANQUILA E REGULAR.....	87
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88

INTRODUÇÃO

Até décadas atrás a realidade juvenil era marcada pela dicotomia de duas estradas: trabalho e educação, como se fossem duas situações opostas e excludentes. Assim, os jovens de classe baixa se viam na necessidade de ingressarem logo cedo no mercado de trabalho, aprendendo algum ofício técnico que lhes rendesse o dinheiro suficiente para sustentarem a eles e a sua família. Por outro lado, os filhos de classe média possuíam a opção de não trabalharem e dedicarem-se em um período mais longo aos estudos. Dessa forma, a universidade passava a ser realidade apenas para este segundo e seletivo grupo, enquanto o primeiro não chegava a construir formação acadêmica.

Como resultado, ainda que se prolongasse mais aos universitários a entrada no mercado do trabalho, depois o faziam acessando as melhores posições. O fato de possuírem o diploma garantia a eles o fato de receberem salários melhores e ocuparem postos de prestígio. Por consequência os jovens do primeiro grupo passariam a ser seus funcionários.

Logo se vê que tratava-se de um sistema ingrato, e que de fato forçava o pesquisador a lembrar de Karl Marx e sua célebre crítica a uma estrutura montada para privilegiar as elites e oprimir a maior parte da população.

Porém a condição da juventude em relação ao ingresso nas universidades vem se modificando nos últimos anos. O número de faculdades que vem sendo abertas aumentou consideravelmente, bem como a implementação de tantas bolsas de estudo, pesquisa e extensão, além de possibilidades de financiamentos oferecem novas alternativas a tantos jovens que não possuem economia suficiente para pagarem os estudos ingressarem nas universidades. Também há os estágios remunerados de meio período e inclusive aqueles jovens que realizam jornadas de trabalho oito horas diárias e estudam em outro período. Enfim, são várias as possibilidades que permitem aos jovens estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Por isso, hoje a realidade é

bastante distinta de décadas atrás, e em uma universidade presenciam-se pessoas oriundas de todas as classes sociais.

Essa mescla de jovens oriundos de diferentes realidades culturais, sociais e econômicas fornece outro fenômeno interessante: a multiplicidade de percepções sobre o trabalho. Grande parte dos jovens universitários trabalham no período oposto ao que se dedicam a frequentar as aulas. Mas será que o fazem pelas mesmas razões? Provavelmente não. Por exemplo, jovens que não possuem condições próprias para pagar a faculdade tem maior probabilidade de trabalharem em empregos ou estágios que os remunerem o suficiente para pagar os estudos, enquanto outros se dedicam a procurar trabalhos não pelo salário que oferecem, mas pela experiência profissional que oportunizam. Nesse aspecto, o trabalho surge quase que como uma segunda formação, essencialmente prática e voltada ao mercado de trabalho, em oposição àquela teórica que sobressai-se nas aulas do ensino superior.

Portanto, na atualidade direciona-se cada vez mais à necessidade de se estudar e trabalhar concomitantemente, seja por questões econômicas, seja pela opção de formação dupla (teórica e prática).

Aqui surge a problemática que o presente trabalho enfrenta: estes jovens universitários, que percepção ou ideia de trabalho possuem? Como veem o trabalho, como necessidade imposta pelo sistema, forçando-os a assim o fazerem ou do contrário não conseguirão pagar os estudos? Ou como oportunidade de formação profissional?

Por outro lado uma pesquisa profunda sobre o significado do trabalho em perspectivas filosóficas, psicológicas e ontopsicológica revela que o trabalho pode elevar-se bastante além desses significados, tornando-se meio para o homem construir sua autonomia, dignidade e transcendência.

Contudo, esses significados mais profundos geralmente são cultivados apenas em propostas de formações humanistas, por isso é comum não serem pensadas e vividas pela maior parte dos jovens. Diante disso, a pesquisa investiga a percepção de trabalho de jovens universitários que fazem uma formação humanista e de outros que não o fazem, a fim de descobrir se há diferenças nas opiniões entre os dois grupos.

1A IDEIA DE TRABALHO NA PERSPECTIVA FILOSÓFICA

1.1 METAFÍSICA DA ADOLESCÊNCIA¹

Existe um fenômeno interno que acomete a muitos jovens abaixo dos vinte e quatro anos, que pode ser descrito como uma insatisfação geral, e a percepção de um mal que surge do íntimo de sua alma, para além de qualquer outra insatisfação, instinto e mal estar baseados em situações externas e materiais. Esta dor é acima de tudo uma frustração interna, difícil de ser atribuída a outros fatores.

A fenomenologia desse fenômeno revela-se de diversos modos: pode ser o sentimento de deveres não cumpridos, sofrimento num ambiente familístico, social ou cultural, atraso na fruição de prazeres, ou a suspeita de estar longe de sua verdadeira casa. Todas as fenomenologias possuem como ponto em comum uma vontade incontrolável de surgir, revelar-se ao mundo, de dizer a todos que estão em seu entorno: “Eu existo”!

Os reflexos dessa frustração aparecem de vários modos: “Enquanto isso, a fantasia busca espasmodicamente viagens, fugas, histórias, curiosidades de aventuras que, substancialmente, devem compensar o enorme vazio de um desespero não realizado e incompreendido”. Para acalmar a ansiedade inexplicável, o jovem se vê forçado a adentrar determinados estilos de vida, que podem variar de uma experiência esotérica ao voluntarismo ideológico em missões de justiça social. Alguns encontram o conforto em religiões, outros em ideologias políticas, outros em certos grupos sociais, como os vários movimentos jovens presentes na atualidade.

“Na realidade, trata-se de uma *nostalgia metafísica do ser*”. *Nostalgia* é o conhecimento do passado que se reativa no presente, com tal potência que chega a prevalecer sobre o momento atual. *Metafísica* é a realidade para além dos meios e fatos concretos, é a presença viva e real que está além do mundo

¹ Reflexões e citações proporcionadas a partir do texto “*Metafísica da Adolescência*”, de Antonio Meneghetti, segundo capítulo da obra “*A Arte de Viver dos Sábios*”. Cf. MENEGHETTI, Antonio. *A Arte de Viver dos Sábios*. Tradução de Maria Luisa Andreola. 3. ed. Florianópolis: Ontopsicologia Editrice, 2003. p. 19-28.

material. E o *ser* é o dado fundamental, simples, sobre o qual repousa toda a existência em geral. Não se pode falar sem antes ser, não se pode pensar sem antes ser, não se pode existir sem antes ser. O *ser*² é o que distingue o real do não-real, o ser do não-ser.

A composição poética dos três termos é organizada nestas linhas por Meneghetti:

A nostalgia metafísica do ser significa aquela atração insondável que provoca, de modo inexorável, a auto-realização, para além da experiência que já se tem. É uma vaga necessidade interior, mas bem distinta dos instintos usuais, que impõe o investimento da própria vida em algo de excelente e absoluto.

No início pode parecer uma busca por poder, dinheiro, sexo, reconhecimento, e outros aspectos da vida adulta, contudo, se o indivíduo parar por um momento e realizar profundo olhar para dentro de si, compreenderá que este apelo está para além das fenomenologias materiais, aos bens comuns, é antes um apelo ôntico, um apelo metafísico, um apelo do ser. A nostalgia metafísica do ser é um apelo existencial, a ansiedade intrínseca à existência humana por realizações, construção histórica, desenvolvimento humano. “A árvore deve tocar o céu e viver dos seus ventos e do seu sol, sem jamais destacar as raízes da terra que lhe dá lugar e existência. Ser céu, enquanto se caminha na terra”. A árvore é o perfeito exemplo da existência que ao mesmo tempo presencia-se no aqui e agora terreno, mas que jamais perde o contato com a realidade universal e superior. Suas raízes estão firmes na terra, mas sua copa extrai a energia viva dos céus,

² Existe uma diferença fundamental entre *ser* e *Ser*, situação esta que é o fundamento para qualquer discussão filosófica, teológica e psicológica. Neste trabalho, pretende-se abordar apenas o *ser*, com a inicial minúscula, que segundo Meneghetti define-se como: “universal e geral modo de existir de qualquer coisa ou relação”; enquanto *Ser*, com inicial maiúscula, conceitua-se como: “único real personalizado no princípio organizador de qualquer real ou possível”. Em poucas linhas, o *Ser* seria o princípio organizador de todo o universo, aquilo que os religiosos nomeiam Deus, enquanto *ser* é a existência individual e real. Contudo, não se pode entender como distinção brutal, tendo em vista que o *ser* é justamente a ponte da existência à realidade ontoteológica do *Ser*. Aprofundamentos nessa temática requerem leituras detalhadas de outras obras do autor, como “*Filosofia Ontopsicológica*” e “*Fundamentos de Filosofia*”. MENEGHETTI, Antonio. *Fundamentos de Filosofia*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005; MENEGHETTI, Antonio. *Filosofia Ontopsicológica*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003.

e é este fluxo maravilhoso que lhe concede uma existência perene. Para o homem, significa realizar no aqui e agora sua realização histórica, sem, no entanto, jamais perder contato com a sua verdade interna e superior, aquele apelo metafísico que o impele a sempre ir adiante, não finitizar-se em qualquer situação histórica, mas ser livre, autônomo, vivo. E este apelo, que em geral surge nos jovens a todo vapor, causando-lhe angústia incompreendida, é justamente a resposta metafísica do seu interior, dizendo-lhe: “Acorde, tens um projeto maravilhoso e espetacular para construir, te dei um potencial não para parar, mas para crescer, realizar!”

Entretanto, o caminho para a autorrealização implica a dificuldade de enfrentar uma série de dilemas comuns entre os jovens, partindo dos três estereótipos dominantes. Para Meneghetti a maioria dos jovens cai em pelo menos um destes três estereótipos: biologismo, idealismo crítico e consumismo.³

Os três estereótipos podem ser considerados também ideologias que impostas externamente são aceitas internamente pelo sujeito, e partir daí passam a coordenar suas ações, desejos, pensamentos, estilos de vida.

O biologismo pode ser entendido em um culto excessivo do corpo, a ponto de o mesmo se tornar a identidade do indivíduo. O jovem passa então a viver na maior parte em função dos impulsos biológicos, sobretudo o sexo. O corpóreo, o carnal, passa a condicionar as escolhas do sujeito.

O idealismo crítico é a sensação de perfeição que muitos jovens carregam consigo. Eles observam os pais, professores, chefes, e pensam consigo “eu poderia fazer muito melhor, hoje ainda não tenho poder, mas quando tiver, todos aceitarão a minha inteligência”. O jovem justifica a sua imobilidade atual na promessa de um futuro glorioso. O problema é que o adolescente não faz mais nada e quando percebe o tempo passou e não houve qualquer realização. No fundo é uma ideologia de preguiça, que para justificar o não desenvolvimento critica as realizações daqueles que já construíram algo.

³ MENEGHETTI, Antonio. *I gioanni e l'etica ontica*. Roma: Psicologica Editrice, 2010. p. 60-116.

Por fim, o consumismo é a armadilha da massificação, que transforma os produtos lançados, os programas de televisão, a internet e tantas outras criações em fins em si mesmos, em símbolos que conferem status àqueles que os possuem. O problema é que aqui os jovens passam de consumidores a consumidos.

Junto a estas três ideologias ou estereótipos pode-se juntar ainda outros seis problemas principais: sexomania, alcoolismo, toxicod dependência, delinqüência, psicossomática e superficialidade do poder digital. São nestes elementos que a maioria dos jovens finitizam a própria existência.

A não superação destes estereótipos não significa que o jovem não pode se destacar ou conquistar resultados na sociedade, mas certamente impede a realização maior que é a interior. Para Meneghetti há vários tipos de primados, sendo que o mais elevado deles, o primado existencial, implica em autonomia psicológica.

O autor classifica o primado em naturístico, profissional, social, econômico e existencial.

O primado naturístico está ligado à ecobiologia da própria natureza, é ser o mais belo, o mais forte, etc. Um tipo de primado recebido da própria natureza. De fato, muitos jovens que recebem dons naturais não ultrapassam esse primeiro primado.

O primado profissional é conferido àquele que é considerado o melhor profissional em sua área de atuação. É o melhor engenheiro, advogado, médico, etc.

O primado social é conquistado por políticos, governantes e outros considerados líderes em determinada localidade. São sujeitos que recebem afeto e respeito dos outros tendo em vista a posição a qual estão encarregados, e por isso define-se como primado social.

O primado econômico é mérito daquele que é o mais rico em determinado contexto. É o empresário do petróleo, ferro, etc.

Por fim, o primado existencial é “quella maturità che ci fa simili al tutto della vita”⁴. Evidentemente esse primado não é conferido pelo externo mas pelo próprio íntimo do indivíduo diante de sua existência.

Ora, dos cinco tipos de primados apresentados o último e mais elevado deles certamente exige a superação dos modelos estereotipados apresentados. Desse modo não se libertar do biologismo, do idealismo crítico e do consumismo pode não implicar em impedimento da conquista de um primado profissional, social ou econômico, pois estes são concedidos pelo externo. Pelo externo porque são os outros que dizem que você é o melhor profissional, ou que lhe respeitam pelo primado social ou econômico. Contudo, obter estes primados pode não resultar em felicidade interior, perene. Tais primados são importantes e por vezes fundamentais para a existência, porém não esgotam a autorrealização, que exige o primado existencial. Portanto, o drama que surge dessa problemática é que se o jovem não resolve os seus dilemas interiores, não supera os seus estereótipos, pode inclusive conquistar resultados na carreira e obter primado externo, mas não será completamente realizado e feliz para consigo mesmo.

Esta corrida pelo primado existencial também recebe tratamento especial de Meneghetti na obra *Nova Fronda Virescit*, na qual a luta frenética dos jovens pela realização é apresentada como a busca pela alma:

A alma é uma *ecceidade que se presencia após o nada de tudo*. É difícil entender, especialmente na idade jovem, porque na juventude ainda existe a *corrida dos sentidos, o frenesi da esperança, a necessidade do sucesso*. Existem muitas necessidades quando se é jovem. Todavia, essa realidade é simples quando se torna *transparência* nisso: no fim, é pura experiência transcendental ou transcendente. Quantas vezes eu vejo a mim mesmo e sei de não ser este, mas a simples *ecceidade que se presencia e me presencia no mundo total da vida, é evidência pura*.⁵

Por trás da frenética corrida em busca do sucesso, das vitórias existenciais, seja na família, na escola, no mundo do trabalho, na faculdade, nos círculos de amizade, na própria sociedade, o que se revela por trás é a pura *ecceidade*, a evidência de transcender a si mesmo. A alma é aquilo que

⁴ MENEGETTI, Antonio. *I giovani e l'etica ontica*. p. 179.

⁵ MENEGETTI, Antonio. *Nova Fronda Virescit Vol. III: Em busca da Alma*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006. p. 11.

nos dá realidade e ao mesmo tempo nos transcende, pois nos liga ao eterno do Ser. Por isso buscar a alma pode ser considerada a busca pelo próprio sentido de existir.

Buscar a alma significa encontrar o significado e, portanto, o valor de si mesmo aqui e agora. Não é o valor de Deus, da vida, do mundo, dos outros: é o próprio valor, a importância da própria individualidade, o significado único de si mesmo na vida. Portanto, entender o valor dessa unicidade de si mesmo.⁶

A busca pela alma ou pelo sentido não pode ser identificada com o “ter” tal como faz a maioria dos jovens, que entendem isto como uma luta por conseguir aquilo que os outros entendem como necessários ou de valor. Assim, busca-se a riqueza para poder adquirir os produtos que os outros invejam, busca-se a beleza para que os outros o vejam belo, e assim por diante. Não se faz por valor intrínseco, mas apenas por vitrine aos demais. A estrada para a autorrealização não se situa nessa perspectiva.

De fato, encontrar a estrada é necessidade metafísica, é condição *sine qua non* para a felicidade. Para Meneghetti, essa estrada passa por encontrar aquele trabalho, aquele ofício, que engrandece o sujeito internamente, que ressoa na própria alma.

Saber a alma é saber a própria estrada, portanto não significa somente entender o próprio valor, a importância de existir, a preciosidade especial de ser como se é, mas é também saber o que fazer, qual é o justo ofício de viver, o justo trabalho. “Justo” significa aquele igual apropriado à própria função, o mais próximo a si mesmo, à própria identidade e, portanto, quais amigos frequentar, quais prazeres cultivar, em suma, o que se deve fazer para estar no centro do próprio valor.⁷

A estrada passa por encontrar em cada esfera da vida a justa proporção que cabe ao indivíduo. É necessário cultivar os amigos, prazeres e atividades que identificam o jovem, que lhe preenchem o íntimo. O trabalho, como necessidade do ofício de viver, é essencial para esta busca, pois ele possibilita a entrada no sucesso, na autonomia, bem como a satisfação de transformar e estar no mundo, de elaborar o mundo.

⁶ MENEGHETTI, Antonio. *Nova Fronda Virescit Vol. III: Em busca da Alma*. p. 11.

⁷ MENEGHETTI, Antonio. *Nova Fronda Virescit Vol. III: Em busca da Alma*. p. 13.

Nós gostamos de permanecer no mundo, sermos líderes, ajudar, saber servir, porque de alguma forma nos sentimos superiores. A arte de amar, de saber ser o melhor, torna-se também superioridade, orgulho da própria existência individual. Se o homem foge do mundo, ele também acabou. Há muita coisa para se fazer neste mundo, e é preciso ter a arte de saber estar junto: ser do mundo sem ser da massa. [...] Isto significa que a cada um é possível entrar no plano da criação qualitativa do mundo: é o modo para contribuir com o projeto homem, aquele projeto amado por todos os tempos antes do tempo. Não é importante quem criou o primeiro homem: é importante continuar a criar o homem. Ao fazer isso, dá-se satisfação a si mesmo e, portanto, entra-se naquele mundo onde se frui a alegria.⁸

Ora, ser líder e elaborar o mundo, como se verá mais adiante, se dá justamente na atividade laboral. O homem nasceu neste mundo. Este mundo é para o homem. Cada pequeno homem precisa compreender a magnífica importância desse entendimento. Enquanto se contribui com o progresso da sociedade, o indivíduo auxilia a criar o próprio projeto homem, desenvolve as potencialidades da espécie humana. De certa forma, significa agradecer o berço, a origem de cada pessoa. E para isto não é preciso ser massa. O indivíduo pode conviver junto aos outros, elaborar o mundo junto aos outros, sem se deixar entrar na superficialidade. Trabalha-se com o outro, potencializa-se o melhor do outro, mas internamente mantém-se íntegro, junto de si.⁹ O resultado desse empreendimento é a satisfação, a fruição da alegria.

Isso vale, sobretudo, para aqueles que nasceram com potencial superior, para serem líderes. O líder é a semente que quando cresce produz vida também aos outros. Um líder que vence alavanca tantos outros junto. Logo, o líder nasce também com responsabilidade¹⁰ superior.

⁸ MENEGHETTI, Antonio. *Nova Fronda Virescit Vol. III: Em busca da Alma*. p. 52.

⁹ “Aconselho todos a estabelecerem o seguinte objetivo: aprender a ser capaz e, depois, saber dar algo a mais ao outro que se encontra. Na própria vida, a qualquer momento, deve-se fazer de modo que quem quer que se encontre colha alguma coisa de melhor para si, ou seja, a própria presença estimulou de algum modo algo que o outro é potencial e que, depois, ele terá vontade de realizar. Isso não significa se dar uma de confessor, mas ter uma presença de *total quality*”. MENEGHETTI, Antonio. *Nova Fronda Virescit Vol. III: Em busca da Alma*. p. 55.

¹⁰ A ideia de responsabilidade é importante para o presente estudo. Observa-se a seguinte passagem de Fundamentos de Filosofia, quando Meneghetti aborda a felicidade como o fim último da vontade: “Entra-se, portanto, no ponto crucial da imputabilidade ou responsabilidade do sujeito, no conceito de mérito ou demérito. Neste âmbito, a diferença é dada exatamente pelo ato voluntário. Com mérito se ganha, enquanto que com culpa, com demérito se perde. Imputabilidade, responsabilidade, mérito etc. podem ser reduzidos a isto: ‘Mérito’ significa adquirir poder de fazer, de ser, poder de mais: ao invés ‘demérito’, ‘culpa’ é perda do potencial,

O problema é que os potenciais líderes, em geral, não criam a coragem de assumirem seus papéis de responsabilidade superior perante a sociedade, seja por preguiça, seja por medo. No fundo, é uma questão de mudança de hábitos, de estilo de vida, é preciso se reinventar, deixar nascer o líder que existe dentro para operar no mundo externo.

É o Eu lógico que precisa mudar, são os próprios hábitos dentro dos quais se protege a si mesmo que devem ser modificados. O sujeito fez para si o próprio “pequeno jardim” e tem medo de sair dali, porque cada um refaz a projeção segundo os próprios medos, em vez de reinventar a estratégia adequada ao momento histórico.¹¹

Em seguida Meneghetti aponta qual a estratégia e de onde origina-se este medo que impede o desenvolvimento do potencial de liderança.

Essa é a dimensão do líder: ali está a vida, está o Em Si que já dá a realidade; mas depois é necessária toda a técnica, a arte, na prática, a estratégia das capacidades que o sujeito já tem, do contrário a preguiça e o medo bloqueiam a pessoa. O medo é gerado sempre por dois fatores: 1) pelos hábitos comportamentais psicológicos e 2) pelas oportunidades traídas. A oportunidade traída, ou seja, a onda que não se surfou, arrasta o sujeito com o nariz na praia.¹²

Logo, quando o jovem sente a oportunidade e não aproveita, vem a frustração, a sensação de oportunidade traída, que permanecerá em sua psicologia, gerando o efeito do medo em relação às novas oportunidades, e inclusive reprimindo sua obstinação e coragem por fazer a própria estrada. A liderança, então, passa, acima de tudo, por renovar-se, modificar completamente a dinâmica psicológica, atualizar os hábitos mentais.

diminuição do próprio ser – ‘ser entendido em sentido ôntico, econômico, social, jurídico etc.’. MENEGHETTI, Antonio. *Fundamentos de Filosofia*. São Paulo: OntopsicologicaEditrice, 2005. p. 113. Depois o autor liga o mérito, a responsabilidade por construir a própria existência como condição indispensável para o alcance da felicidade, o fim último da ética. É notório, portanto, que a responsabilidade aqui entendida possui um significado profundo, pois implica na aceitação do indivíduo em se comprometer de modo total pela própria vida.

¹¹ MENEGHETTI, Antonio. *Nova Fronda Virescit Vol. III: Em busca da Alma*. p. 56.

¹² MENEGHETTI, Antonio. *Nova Fronda Virescit Vol. III: Em busca da Alma*. p. 56.

Feita esta decisão, que no fim pode ser entendida como verdadeira metanóia¹³, é possível falar em ser líder, ou, mais especificamente no caso do jovem, em ser primeiro *aprendiz líder*¹⁴.

O ponto de partida é aquilo que o autor chama de *técnica de personalidade*, “entendida como o *savoir-faire* que é a inteligência centrada na ação específica de serviço à empresa, e onde a pessoa é fundamental e determinante”¹⁵.

A técnica de personalidade é um tipo de psicologia prática que consiste em o jovem descobrir qual o melhor modo de se inserir na organização onde trabalha, oferecendo um serviço de valor que o torne único e importante para a empresa. Contribuindo com o espaço profissional onde está, recebe em retorno as mais variadas gratificações. “Portanto, por meio do trabalho, ganha a excelência da própria dignidade, da sua autonomia econômica e da sua liderança”¹⁶. Este jovem cultiva um espírito de autorresponsabilização diferenciado. “Para ele, existe apenas a perene responsabilidade de resolver, formalizar e realizar, capitalizando o seu sucesso no bem e melhoria dos outros”¹⁷.

Para se ingressar adequadamente no mundo do trabalho há três pontos essenciais:

¹³ Conforme o Dicionário de Ontopsicologia a palavra tem origem na língua grega e significa “mudo a mente”. “Variação radical do comportamento para identificá-lo à intencionalidade do Em Si. Reorganização em evolução progressiva de todos os modelos mentais e comportamentais. A sua essência é o desinvestir-se continuamente do passado e o constituir-se sobre a funcionalidade imediata do sujeito aqui e agora, segundo a seleção do Eu a priori. Com este termo, a Ontopsicologia entende uma mudança do piloto Eu, substituir o Eu formado pela doxa por aquele Eu sublimado pela intencionalidade do Em Si ôntico”. MENEGETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008. p. 176.

¹⁴ Como introdução ao livro *Aprendiz Líder*, é importante destacar a seguinte citação que apresenta as características do jovem a qual é direcionado esta obra. Não se trata de qualquer jovem, mas daquele que quer fazer algo de valor e realizar o próprio potencial. “O tema é colocado sob a ótica de um jovem diplomado que, a seu modo, já superou o standard dos seus coetâneos, do seu ambiente, da sua cidade, seja como ocasião, seja como ambição e inteligência. Ele procura olhar além, não apenas porque é ambicioso, mas porque sente que tem dinâmica, energia, capacidade de saber dar e servir mais do que os outros. Trata-se de configurar-se no interior dessa mentalidade em busca de sucesso, de trabalho e de afirmação de si mesmo, encontrando o caminho objetivo e de ação que gratifica o sujeito na estrada que já escolheu”. Mais adiante, o autor apresenta a abordagem que deve fazer o futuro líder: “[...] a abordagem do futuro líder é: o que posso fazer por você? Como e o que você quer? Posso dar porque me agrada e sou capaz. Além disso, o que posso lhe dar como você quer, é coerência com a racionalidade do meu projeto. Hoje trabalho para você, para me tornar melhor amanhã!”. MENEGETTI, Antonio. *Aprendiz Líder*. São Paulo: Foil, 2009. p. 9; 15.

¹⁵ MENEGETTI, Antonio. *Aprendiz Líder*. p. 19.

¹⁶ MENEGETTI, Antonio. *Aprendiz Líder*. p. 20.

¹⁷ MENEGETTI, Antonio. *Aprendiz Líder*. p. 21.

1) Base econômica: não é simplesmente a posse de dinheiro, mas a segurança econômica de saber fazer algo que gere dinheiro. Ou seja, é um saber prático que pode ser utilizado para gerar a própria economia. A autonomia econômica é o primeiro passo da liberdade e da liderança. O indivíduo que depende economicamente de outros está sempre em dívida, não pode agir conforme o que se quer ou o que se é. A pergunta crucial seria “o que eu sei fazer?”.

2) Liberdade legal: significa saber agir sempre dentro da lei, das normas impostas pelo Estado e pela sociedade. Não se trata de atitude de submissão ao sistema vigente, mas de economia existencial. A lei é sempre uma armadilha em que se pode cair um grande.

3) As pessoas de apoio: não se trata do grupo de colaboradores, mas de profissionais especializados em áreas específicas e que em vários momentos podem ser decisivos. Exemplos são o advogado, o contador, o médico, o psicólogo, etc.¹⁸

Compreendido que o trabalho é uma das etapas da construção da autorrealização, que pela atividade de elaboração de si e do mundo o homem consegue manifestar o seu potencial de natureza na história, é preciso agora explorar teoreticamente o significado de trabalho para o homem, tendo em vista as perspectivas filosófica, psicológica e ontopsicológica.

1.2 O conceito de Trabalho

Apresentar o significado de trabalho, sobretudo para os dias de hoje, exige pesquisas interdisciplinares, uma vez que se trata de atividade que permeia as múltiplas dimensões da vida em sociedade.¹⁹

¹⁸ MENEGHETTI, Antonio. *Aprendiz Líder*. p. 21-25.

¹⁹ O fenômeno do trabalho permite uma leitura significativamente vasta, que atravessaria os campos da filosofia, psicologia, economia, sociologia (serão apresentados ao longo do texto), mas, que, poderiam integrar também estudos envolvendo a questão da sustentabilidade, pois é o trabalho que transforma o mundo, seja para aprimorá-lo, seja para destruí-lo, da ciência e da tecnologia, uma vez que o estudo do desenvolvimento da técnica transforma a capacidade de o homem operar no mundo, da ergonomia e outras ciências relativas à saúde, pois a condição psíquica e somática é indispensável para um trabalho eficiente, de uma análise jurídica, tendo em vista que o direito regulamenta as relações de trabalho e também da administração, pois modelos de gestão das organizações são decisivos para os rumos do mundo do trabalho.

Em um primeiro sentido o trabalho pode ser entendido em sua conotação filosófica, naquilo que representa como ideia e essência da manifestação do homem sobre o mundo. O processo de autonomia do ser humano diante da natureza realiza-se pela ação laboral que transforma o mundo natural em mundo humano. Entre os filósofos mais destacados para esta análise estão Locke²⁰ e Hegel²¹.

Diante desta ideia primordial o trabalho repercute em significados psicológicos para o sujeito operante, pois a realização no mundo implica em realização de si mesmo, em autoconhecimento, em elevação da própria dignidade humana. Para vários autores o fenômeno da criatividade é indissociável do esforço do trabalho.

O trabalho é provavelmente o núcleo do desenvolvimento econômico, tanto individual quanto coletivo, pois é pela ação laboral que o homem aprimora sua técnica de produzir materiais, bens, processos e serviços. O trabalho é condição de autonomia financeira para o indivíduo.

Álvaro Vieira Pinto critica a concepção comum de que o trabalho decorre da cultura de cada povo. A cultura seria neste caso um dado imóvel, e as formas de trabalho de cada período histórico ou região identificariam a cultura daquele povo. Desse modo o autor afirma, por exemplo, que assinalamos técnicas antiquíssimas de trabalho como a cultura paleolítica, quando na verdade o correto é entender que são aquelas técnicas que definem a cultura paleolítica. Não é a cultura que produz o trabalho, mas o trabalho que produz a cultura^{22, 23}.

Sendo o trabalho e a cultura elementos tão próximos e por vezes indissociáveis torna-se, normal o fato de que o primeiro sempre foi analisado tanto de modo positivo como negativo. Desse modo o trabalho já foi analisado

²⁰ LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

²¹ HEGEL, Georg. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2005.

²² Esta abordagem poderia ser utilizada para lançar nova luz aos estudos sobre cultura organizacional, uma vez que sempre se parte de que os modos de trabalho em determinada empresa hoje são resultados de um processo histórico e cultural anterior. Entretanto, esta cultura organizacional na verdade é efeito do próprio modo de trabalho que a concretizou historicamente. Ou seja, para transformar a cultura de uma organização é preciso criar novos modos de trabalho. Certamente Álvaro Vieira Pinto externaliza aqui a sua influência em Marx, mas tal interpretação não pode ser resumida a uma visão materialista da cultura, mas sim como uma tentativa de inserir o trabalho como elemento central de organização social.

²³ FREITAS, Marcos Cezar de. *O conceito de tecnologia: o quarto quadrante do círculo de Álvaro Vieira Pinto* (Introdução da obra *O Conceito de Tecnologia*, de Álvaro Vieira Pinto). In: PINTO, Álvaro Vieira. *O Conceito de Tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. p. 19-20.

como castigo divino entre as civilizações antigas, por trazer sofrimento através da obrigação aos homens, como alienação em Marx e como controle social na perspectiva de autores estruturalistas como Foucault. Por outro lado o trabalho já foi enaltecido como elevação da dignidade do homem no Renascimento, como condição de autonomia econômica e existencial em Locke, e como elaboração do mundo em Hegel. Além disso, psicólogos como Rollo May e Maslow demonstram que é pelo trabalho que muitas vezes manifesta-se a criatividade humana.

Esta aparente dicotomia pode ser presenciada inclusive nos dias atuais. Sob o prisma ideológico da *Consolidação das Leis Trabalhistas* o empregado é visto como um sujeito completamente dependente do empregador, de modo que em qualquer acidente de trabalho, inclusive quando o último nada poderia fazer para impedir o acontecimento, deve ser responsabilizado pelo ocorrido ao seu funcionário.

Por outro lado, quando se analisa a empresa na atualidade observa-se que o trabalhador é cada vez mais visto como colaborador, com capacidade e autonomia para exercer sua função. Se de um lado muitos ainda veem a empresa como exploradora da mão-de-obra dos empregados muitos já concebem o trabalho como conquista de espaço e autonomia na sociedade, e que uma carreira profissional realizada com êxito é também um modo de expressar o próprio valor pessoal.

Ambas as visões possuem sentido. Existem trabalhos que dão a sensação de autorrealização enquanto há outros que alienam e exploram o sujeito. A questão é sempre muito particular a cada pessoa: será que este trabalho, neste tipo de carreira, neste tamanho, neste lugar, realizado com este empenho, é funcional a esta pessoa? Por outro lado, o modo como é organizado o trabalho nesta organização reflete em sanidade ou angústia para os seus colaboradores e mesmos para os seus empreendedores? A análise do fenômeno do trabalho, portanto, é bastante complexa.

O objetivo do presente trabalho, portanto, é apresentar fundamentos filosóficos e psicológicos para uma compreensão mais profunda do fenômeno do trabalho, diante da importância de seu papel na vida em sociedade. Não se pretende apresentar de modo exaustivo o pensamento dos autores escolhidos,

porém somente ideias mais específicas que convergem com a temática do fenômeno do trabalho.

1.2.1 Dimensões Filosóficas do conceito de Trabalho

1.2.1.1 Hesíodo

O poeta Hesíodo é um dos primeiros autores a tratar da ideia de trabalho. Para ele, o trabalho é a forma mais justa para se progredir econômica e socialmente. Dessa forma, o trabalho tem uma função ética e também pedagógica, pois estimula o homem a agir bem. O poeta mostra que a autonomia e a satisfação econômica são essenciais ao homem, mas que, conquistando-as pelo trabalho, age-se de acordo com a vontade divina, que na obra recebe conotação ética. Com isso Hesíodo inaugura uma nova forma de pedagogia social na Grécia.

Destaca-se poema *Os trabalhos e os Dias*. O tema da obra gira em torno de um assunto pessoal do poeta: o litígio entre ele e seu irmão preguiçoso, Perses, que após o mau uso da herança paterna busca incessantemente usurpar a parte de Hesíodo. O autor utiliza o conflito existente em torno da propriedade para ensinar que o trabalho é o meio mais justo de se chegar à prosperidade econômica.

Tendo em vista que nesse período os nobres manipulavam a justiça por meio do dinheiro e detinham o poder em detrimento ao trabalho das outras classes. Todas as vantagens culturais e financeiras emanavam das classes mais elevadas, enquanto o homem do campo vivia em condições precárias de trabalho. O solo grego era de difícil cultivo, uma terra quase infértil, obrigando o homem do campo a lutar duramente sobre ela todos os dias.

Além das dificuldades encontradas no cultivo da terra, os agricultores eram constantemente injustiçados. O próprio poeta Hesíodo viu seu irmão receber parcela maior na herança paterna por conta de um suborno feito ao juiz

da causa. A descrença do poeta na justiça pode ser observada no seguinte trecho:

O olho de Zeus que tudo vê e assim tudo sabe também isto vê, se quiser, vê e não ignora que a justiça é esta que a cidade em si encerra. Agora eu mesmo justo entre os homens não quereria ser e nem meu filho, porque é um mal homem justo ser quando se sabe que maior justiça terá o mais injusto²⁴

Hesíodo não confia na justiça estabelecida pelos homens, pois sabe que em sua época é possível enriquecer e ter posses cometendo atos contrários ao ideal de justiça, sem que isso seja punido pelos julgadores. Para enriquecer pode-se optar entre trabalhar e atos injustos. Assim como fez Perses, é possível manipular a justiça em proveito próprio. Mas isso é apenas provisório, pois gera inúmeros outros problemas como os conflitos, o rápido desfazimento dos bens e até mesmo o litígio. Perses não só não soube administrar o que recebeu, como também criou inúmeros problemas para si mesmo. É possível enganar os outros homens, mas não se pode enganar os deuses.

Bens não se furtam: dons divinos são muito melhores. Pois, se por força, alguém toma nas mãos grande bem ou se com a língua pode consegui-lo, como não é raro acontecer, quando o proveito ilude a inteligência dos homens, ao respeito o desrespeito persegue. Facilmente os deuses obscurecem e amingam a casa do homem e por pouco tempo a prosperidade o acompanha.

O homem que a construiu teve que encontrar novas formas de agir, precisou adaptar-se para o trabalho, devido às dificuldades enfrentadas no cultivo do solo infértil da região. Com seus méritos e autonomia conquistada ele obteve realização e tranquilidade. Aquele que cuida do que lhe pertence e conquista seus bens, tem tranquilidade e sossego e não terá motivos para invejar a outrem. Este indivíduo não feriu os preceitos éticos propostos por Hesíodo, quando invoca o grande Zeus e seu olhar divino. É dessa forma que o poeta mostra em sua obra que o trabalho não é um castigo²⁵, mas um meio de

²⁴ HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. São Paulo: Iluminuras, 1996.p. 43

²⁵ Tanto na *Teogonia* como em *Os Trabalhos e os Dias*, Hesíodo apresenta o mito de Pandora e das eras do mundo, demonstrando que a necessidade de trabalhar a terra foi um castigo divino imposto aos homens devido aos seus atos injustos praticados em épocas anteriores. Contudo, a partir desse castigo o homem aprende a formar-se pelo trabalho. Talvez aqui esteja um dos grandes méritos do poeta: inverte a lógica do trabalho como castigo sem negá-la, preferindo enfatizar o aspecto pedagógico do fenômeno. HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1996.

desenvolvimento do homem. Pode-se dizer que realizando externamente o homem realiza também a si mesmo. Cometendo injustiças não se pode alcançar as virtudes que somente o trabalho desenvolve.

Àqueles que a forasteiros e nativos dão sentenças retas, em nada se apartando do que é justo, para eles a cidade cresce e nela floresce o povo; sobre esta terra está a paz nutriz de jovens e a eles não destina penosa guerra o longevidente Zeus: nem a homens equânimes a fome acompanha nem a desgraça: em festins desfrutam dos campos cultivados²⁶

O poeta mostra que o trabalho no campo é uma necessidade para o homem, e aqueles que dele provêm sua subsistência e desenvolvimento recebem bênçãos divinas. A falta de trabalho e ociosidade levam apenas a maquinações que prejudicam a sociedade e põem em risco os bens alheios. Para o autor, um homem mau faz com que toda a sociedade pague por seus erros. O ocioso cedo ou tarde deseja os bens alheios, inveja a prosperidade do vizinho e comete crimes. É por meio de seus conselhos ao irmão que tenta desviar os homens da preguiça e inveja, mostrando como pelo trabalho é possível obter bens por seus próprios méritos.

Se trabalhares para ti, logo te invejará o invejoso porque prosperas; a riqueza glória e mérito o acompanham. Por condição és tal forma que trabalhar é melhor, dos bens de outrem desvia teu animo leviano e, com trabalho, cuidando de teu sustento, como te exorto.

É dessa maneira que resolve seu conflito com Perses: “Esta aí a base do apelo educativo de Hesíodo. Em vez de combater armado o irmão que o agride, procura despertá-lo para as suas melhores tendências, lucrativas para ambos”²⁷.

Em sua poesia essa pedagogia está pautada na justiça e na ética. A justiça do homem, representada pelo litígio, pode ser corrompida de várias formas, fazendo com que alguns maus se beneficiem dela. Assim não é possível alcançar o divino, pois ele vigia as obras mal-intencionadas e envia grandes pesares aos injustos. Os deuses exigem que cada um cuide de seu sustento, não cobiçando os bens alheios, mas trabalhando para prosperar. Nas palavras de Hesíodo: “Por trabalhos os homens são ricos em rebanhos e

²⁶ HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. p. 39

²⁷ SCHÜLER, Donald. *Literatura Grega*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.p. 30.

recursos e trabalhando, muito mais caros serão aos imortais. O trabalho, desonra nenhuma, o ócio desonra é!”²⁸. Aquele que vive no ócio, como Perses, torna-se um problema para a sociedade, pois gera inúmeros conflitos e não constrói nada para seu povo.

Depois de Hesíodo também os filósofos gregos refletiriam sobre a importância do trabalho para o indivíduo e para a comunidade. Um dos grandes nomes nessa linha de pensamento é Platão.

1.2.1.2 Platão

Outro importante pensador antigo a tratar da ideia de trabalho foi Platão²⁹, em sua obra *A República*³⁰. Tem como objetivo descrever a estrutura do Estado perfeito, o qual só pode ser fundado sobre o ideal de justiça e das virtudes. O filósofo mostra que o Estado³¹ reflete seu cidadão, tudo aquilo que

²⁸ HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. p. 45.

²⁹ Platão se preocupou e transmitir seu conhecimento de forma escrita, ao contrário de seu mestre Sócrates. Esta preocupação recai na necessidade da solidificação do saber: “Ao escrevê-las, não se faz mais que assegurar-lhes permanência e fixidez. Subtraem-se a autoridade privada do *basileis*, cuja função era “dizer” o direito; tornam-se bem comum, regra geral, suscetível de ser aplicada a todos da mesma maneira. No mundo de Hesíodo, anterior ao regime da Cidade, a *dike* (justiça) atuava ainda em dois planos, como dividida entre o céu e a terra: para o pequeno cultivador beócio, a *diké*, neste mundo, uma decisão de fato dependente da arbitrariedade dos reis “comedores de presentes”; no céu, é uma divindade soberana, mas longínqua e inacessível. Ao contrário, pela publicidade que lhe confere a escrita, a *dike*, sem deixar de aparecer como um valor ideal, vai poder encarnar-se num plano propriamente humano, realizar-se na lei, regra comum a todos, mas superior a todos, norma racional, sujeita à discussão e modificável por decreto, mas que nem por isso deixa de exprimir uma ordem concebida como sagrada”. VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 43-44.

³⁰ Acerca do significado do título da obra: “seu sentido etimológico “constituição” ou “forma de governo” de uma *polis* ou cidade-estado. É tudo o que diz respeito à vida pública de um Estado, incluindo os direitos dos cidadãos que o constituem. Este aspecto público, comunitário, traduz-se claramente na equivalência que os Romanos deram ao termo, empregando o composto que ainda hoje usamos, república. Não designa, por conseguinte, uma forma de governo determinada, mas todas em geral”. PEREIRA, M. H. R. Introdução. 1972. In: PLATÃO. *A República*. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. p. XLII.

³¹ Para compreender o que é o Estado para os gregos, revela-se necessário antes compreender o que é a *pólis*, ideia de cidade grega onde não existe o individual, somente o coletivo. Os próprios desejos individuais dos cidadãos são reflexo dos anseios sociais. “A *polis* é o centro dominador a partir do qual se organiza historicamente o período mais importante da evolução grega. Só na *polis* se pode encontrar aquilo que abarca todas as esferas da vida espiritual e humana e determina de modo decisivo a forma da sua estrutura. No período primitivo da cultura grega, todos os ramos da actividade espiritual brotam diretamente da raiz unitária da

está em sua alma. Na concepção do filósofo a justiça é uma disposição de alma, a qual só é possível alcançar quando se realiza aquilo para o que se tem aptidão.

Com essa temática surge o debate de como surgiriam a justiça e a injustiça em uma cidade, questão que para o autor está ligada principalmente à concepção de trabalho. Em uma cidade ideal todos os homens exerceriam a atividade para qual apresentam aptidões, sem, no entanto, interferir nos ofícios dos outros. Para explicar o surgimento da justiça, porém, Platão justifica o surgimento da sociedade.

O filósofo apresenta que uma sociedade se forma tendo em vista o fato de que o homem nem sempre pode prover todas as suas necessidades, mas com outros homens pode associar-se e facilitar o provimento. Para sobreviver o homem tem uma série de necessidades básicas, como habitação, alimentação, vestuário, e para obter ou criar tais coisas, é necessário que na cidade se encontrem homens capacitados para tais atividades, como nesse caso um pedreiro, um lavrador, um tecelão. Enquanto cada um deles executar sua tarefa e assim também partilhar com os outros, todos terão as suas coisas, enquanto fazem por si mesmos o que é seu.

Dado o fato de que não é possível exercitar a perfeição em diversas áreas, Platão explica que é melhor ao homem executar apenas um ofício, de acordo com sua natureza e no momento próprio.

Com efeito, não será o lavrador em pessoa, ao que parece, que fará o arado para si, se quer que seja perfeito, nem a enxada, nem os demais utensílios de lavoura. Nem, por sua vez, o pedreiro; também esse precisa de muita coisa. E do mesmo modo o tecelão e o sapateiro³²

Cada homem deve ser excelente ao exercer o ofício ao qual é destinado, por vocação e por lei, e nos demais ofícios poderá contar com seus companheiros. A cidade ideal de Platão necessita basicamente de três classes sociais: a dos que provêm as necessidades materiais, a dos responsáveis pela guarda e defesa da cidade, e aquela dos que administram e governam a cidade. Cada um dos ofícios têm suas particularidades, assim como a natureza

vida em comunidade. A *polis* é o marco social da história da cultura helênica". JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 98.

³² PLATÃO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.p. 75

do homem. A classe dos lavradores e artesãos precisa da virtude da temperança, para que possa servir às classes superiores convenientemente e também ser capaz de dominar seus desejos e prazeres. A segunda classe é a dos guerreiros, sendo que esta necessita ser ousada e corajosa, capaz de manter-se em constante vigilância. Cabe também aos guerreiros a importante responsabilidade de garantir que os cidadãos recebam tarefas de acordo com a sua natureza e proporcionar a eles a educação conveniente. Já os governantes serão aqueles que desenvolveram suas virtudes mais do que os outros e aprenderam a amar a Cidade, tendo como missão agir sábia e racionalmente à frente da administração.³³

A cidade perfeita é, portanto, aquela em que predomina a temperança na primeira classe social, a fortaleza ou coragem na segunda e a sabedoria na terceira. A “justiça” nada mais é que a *harmonia que se estabelece entre as três virtudes*. Quando cada cidadão e cada classe social desempenham as funções que lhes são próprias da melhor forma e fazem aquilo que por natureza e por lei são convocados a fazer, então a justiça perfeita se realiza³⁴

O filósofo argumenta que as tarefas devem ser divididas observando que os homens não nascem iguais, cada um tem uma natureza que lhe é peculiar e, portanto, deve ter como responsabilidade uma tarefa específica que esteja de acordo com ela. Em sua natureza, o homem pode ter características físicas e psíquicas diferentes, que o tornarão apto para determinado ofício. Pode-se observar isso no trecho: “Há ainda uns outros servidores, segundo julgo, que, pelo seu intelecto, não seriam muito dignos de serem admitidos na nossa comunidade, mas são possuidores de uma força física suficiente para trabalhos pesados”³⁵.

Com tal organização bem definida e administração adequada das tarefas não haveria como formar-se a injustiça entre os homens, pois estes por meio do trabalho já teriam obtido o necessário para a sua natureza, assim como, não tomando para si um ofício para o qual não tem aptidão ele também não gerará problemas para a comunidade.

³³ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: filosofia pagã antiga*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 159.

³⁴ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: filosofia pagã antiga*. p. 159.

³⁵ PLATÃO. *A República*. p. 77

E, depois de terem construído casas, trabalharão, no verão, quase nus e descalços, mas no inverno, suficientemente vestidos e calçados [...] banquetear-se-ão, eles e os filhos, bebendo por cima vinho, corados de flores, e cantando hinos aos deuses, num agradável convívio uns com os outros, sem terem filhos acima da proporção dos seus haveres, com receio da penúria ou da guerra [...] E assim passarão a vida em paz e com saúde, morrerão velhos, como é natural, e transmitirão aos seus descendentes uma vida da mesma qualidade³⁶

Se o homem alcança aquilo que lhe é necessário, o suficiente para sua existência, não há razão para querer tirar o que tem de seu vizinho. Assim como seu vizinho não terá razão para roubar sua lavoura se também tiver o que é necessário para si. Da mesma forma, para evitar que se prejudique a sociedade, um cidadão não deve fazer aquilo que não é devido à sua natureza. Se um lavrador decidir ao mesmo tempo ser um guerreiro, a cidade terá seu exército prejudicado; assim como, se um guerreiro decidir se aventurar nas lavouras, pode-se arriscar o alimento da comunidade. Essa é a ideia de organização ideal do Estado para Platão: “[...] a cada um dos outros atribuímos uma única arte, aquela para a qual cada um nasceu e que havia de exercitar toda a vida, com exclusão das outras, sem postergar as oportunidades de se tornarem um artífice perfeito”³⁷. Para ele o princípio da divisão das tarefas tem como fundamento a busca por perfeição no conjunto, onde cada uma das partes é realizada pelo homem.

É na busca por tornar-se o artífice perfeito naquilo que a alma pede que o filósofo propõe como caminho para um Estado ideal a formação de um tipo de homem elevado. Tem sua concepção de trabalho relacionada fortemente à virtude e à justiça, pois para Platão a justiça não está pautada somente nas leis do Estado e nas normas de conduta existentes, mas tem origem e fundamento na alma do homem. Independente de a justiça estar a cargo de muitos ou de apenas um, esta será modificada ao seu modo ou de acordo com os seus interesses. O filósofo deseja o Estado ideal³⁸, um espaço dentro do qual é

³⁶ PLATÃO. *A República*. p. 78-79.

³⁷ PLATÃO. *A República*. p. 82.

³⁸ Para Platão, era necessária uma figura que faria a mediação entre o mundo das Ideias, ou seja, o mundo perfeito, e o mundo das Sombras, cópia imperfeita habitada pelos homens. Esta figura seria o Demiurgo: “[...] a imagem de um Artífice que plasma o Princípio material (uma espacialidade indeterminada ou uma espécie de substrato ou de excipiente informe) em função do “modelo” das Idéias, fazendo com que cada coisa se assemelhe e imite o mais perfeitamente possível o seu “paradigma ideal” JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do Homem Grego*. p. 82.

possível formar o melhor indivíduo e cidadão. Por isso é tão importante o processo de educação do homem, pois somente por meio dela é possível transformar o Estado.

Para o filósofo a educação no Estado ideal deve estar de acordo com o trabalho de cada um, pois este é uma parte essencial da alma. Se pelo trabalho o homem fazer o que sua alma pede, então ele deve receber uma formação que possibilite-o fazer isso do melhor modo e, principalmente, saber qual é a sua verdadeira vocação.

1.2.1.3 Aristóteles

Depois de Platão, outro filósofo clássico que tratou a ideia de trabalho foi Aristóteles, que em sua obra *Ética a Nicômacos* traz a ideia de bem para o homem e da felicidade como sendo o seu bem supremo. O bem é a causa que move os homens a realizarem qualquer ação, é o fim atingível pela atividade. Para ele, todas as ações do homem têm como objetivo uma finalidade, um bem, mas todas elas têm por fim último levá-lo à felicidade. Mesmo os bens como as honras, o dinheiro, o prazer são buscados por causa da felicidade, e não em si mesmos.

Para Aristóteles a felicidade está ligada ao ato de conduzir bem a própria vida. Isso ocorre por meio da ação escolhida com sabedoria, por isso em toda função ou atividade o bem é a perfeição, a excelência. Assim também é com o homem, pois por participar da vida tem uma função que lhe é própria. Isso relaciona a felicidade ao trabalho, esta é a atividade do homem na qual ele deve buscar aquilo que ama e conseqüentemente a excelência.

Sendo a qualificação a respeito da excelência acrescentada ao nome da função (a função do citarista é tocar a cítara, e a de um bom citarista é tocá-la bem), se este é o caso (e afirmamos que a função própria do homem é um certo modo de vida, e este é construído de uma atividade ou de ações da alma que pressupõem o uso da razão, e a função própria de um homem bom é o bom e nobilitante exercício desta atividade ou a prática destas ações, se qualquer ação é bem executada de acordo com a forma de excelência adequada) – se este é caso,

repetimos, o bem para o homem vem a ser o exercício ativo das faculdades da alma de conformidade com a excelência³⁹

Nesse ponto o filósofo mostra que a felicidade está ligada ao trabalho, pois a felicidade é a atividade conforme a excelência. Para cada um é agradável aquilo que ama, ao citarista dá prazer tocar sua flauta, assim como para o artesão dará prazer seu artesanato. A felicidade é para o homem exercer sua atividade conforme a excelência, e as atividades contrárias a ela levam o homem à situação oposta.

Será feliz o homem que desenvolver sua potencialidade para determinada atividade e com ela se ocupar constantemente, pois ele “estará sempre, ou pelo menos frequentemente, engajado na prática ou na contemplação do que é conforme à excelência”⁴⁰. Com isso o homem engrandece sua alma, e se sofrer vicissitudes suportará com maior nobreza e dignidade. Embora, em Aristóteles se entenda que, como as atividades de uma pessoa são determinantes de sua vida, aquela que utilizá-la conforme a alma não poderá ser desgraçada, pois praticará boas ações e sempre agirá de forma sábia diante das circunstâncias.

Depois dos filósofos antigos, embora seja possível encontrar valiosas contribuições sobre o trabalho na obra dos pensadores medievais, para compreender a dinâmica e a justificativa ao trabalho sustentadas na contemporaneidade os principais fundamentadores são os filósofos modernos, entre eles Locke e Hegel.

1.2.1.4 John Locke

O trabalho possui também grande importância na filosofia de John Locke, pois é meio de aquisição da propriedade privada⁴¹, um dos pilares para a construção de seu pensamento. O pensador inglês figura-se entre os

³⁹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Brasília: UnB, 2001.p. 24.

⁴⁰ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. p. 29.

⁴¹ “Chama-se propriedade a relação entre o sujeito “A” e o objeto “X”, quando A dispõe livremente de X e esta faculdade de A em relação a X é socialmente reconhecida como uma prerrogativa exclusiva, cujo limite teórico é “sem vínculos” e onde “dispor de X” significa ter o direito de decidir com respeito a X”, quer possua ou não em sentido estrito material”. MARTINGNETTI, G. Propriedade. In: BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO, G. *et al* . *Dicionário de Política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. p. 1021.

contratualistas⁴², corrente filosófica que parte da ideia de que em um primeiro momento o homem é livre e vive em um estado de natureza, mas que renuncia esta liberdade plena firmando o contrato social com o Estado para que este assegure determinados direitos que, sozinho, o homem não poderia garantir⁴³.

Para Locke, o direito a ser preservado pelo Estado é o da propriedade privada, que é conquistado através do trabalho.⁴⁴

Inicialmente, todos os bens existentes na terra são comuns a todos os homens, já que Deus deu a terra para toda a humanidade. A partir do momento que o homem faz qualquer modificação em um destes bens comuns, ou seja, trabalha neles, adquire a propriedade sobre este bem:

O trabalho de seu corpo e a obra de suas mãos, pode-se dizer, são propriamente dele. Qualquer coisa que ele então retirado estado com que a natureza a proveu e deixou, mistura-a ele com o seu trabalho, e junta-lhe algo que é seu, transformando-a em sua propriedade. Sendo por ele retirada do estado comum em que a natureza a deixou, a ela agregou, com esse trabalho, algo que a exclui do direito comum dos demais homens.⁴⁵

O trabalho consiste em qualquer ação que modifique o estado natural no qual se encontrava a coisa. Por exemplo, a simples ação de colher uma maçã de uma árvore é um trabalho, pois este fruto foi retirado de seu estado natural quando repousava pendurado na macieira. O homem, ao colher o fruto da árvore, torna-se proprietário desta coisa e reserva-se no direito de impedir que outros homens a tirem de sua propriedade. Portanto, além da aquisição da propriedade, o trabalho⁴⁶ faz com que o homem adquira também

⁴² “Doutrina que reconhece como origem ou fundamento do Estado (ou, em geral, da comunidade civil) uma convenção ou estipulação (contrato) entre seus membros. Essa doutrina é bastante antiga, e, muito provavelmente, os seus primeiros defensores foram os sofistas” (ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.p. 205). Os pensadores mais célebres do contratualismo foram Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau.

⁴³ “Assim, o que torna inaceitável o estado da natureza, para Locke, não é a inexistência de leis – no estado da natureza vige o direito natural -, mas sim o fato de que, diante da violação de uma dessas leis, falta uma instituição capaz de proporcionar a reparação dos danos e a punição dos culpados”. BOBBIO, Norberto. *Locke e o Direito Natural*. Brasília: Editora UnB, 1997. p. 181.

⁴⁴ Já Hobbes queria defender a segurança e a vida diante da ameaça de uma violência generalizada que seria o estado de natureza. Rousseau buscava garantir a liberdade e o bem comum para a coletividade.

⁴⁵ LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. 409.

⁴⁶ Sobre o caráter individual da aquisição da propriedade através do trabalho: “Não é preciso o consentimento dos outros homens para que se possa transformar um bem no estado natural, por meio do trabalho, em direito privado. [...] O trabalho retira das mãos da natureza o bem

outros direitos sobre aquela coisa, podendo defendê-la de outros homens, empregar o uso que achar conveniente, etc.

São claros os benefícios àquele que trabalha e que conseqüentemente adquire a propriedade, porém para Locke não somente este, mas os demais homens podem ser beneficiados através do trabalho de um, já que para ele “sem a propriedade, o comum não teria utilidade alguma”⁴⁷. Esta afirmação recai no fato de que uma coisa modificada e aprimorada através do trabalho proporciona maiores benefícios do que esta mesma coisa em seu estado natural. Locke dá o exemplo do cultivo da terra, em que “as provisões que servem ao sustento da vida humana produzidas por um acre de terra cercada e cultivada são dez vezes maiores que as que rende um acre de terra em comum inculta de igual riqueza”.⁴⁸

Não pode haver demonstração mais clara disso do que a feita pelas diversas nações americanas, que são ricas em terra e pobres em todos os confortos da vida; às quais a natureza abasteceu tão generosamente quanto a qualquer povo com os materiais da fartura, ou seja, um solo fecundo, apto a produzir em abundância o que poderia servir de alimento, agasalho e deleite. E contudo, por não ser melhorado pelo trabalho, não tem um centésimo das conveniências que desfrutamos. E o rei de um território largo e fértil de lá alimenta-se, veste-se e mora pior que um trabalhador diarista na Inglaterra.⁴⁹

Dentro de uma sociedade o homem constantemente é beneficiado pelo trabalho empregado por outra pessoa. Quando se compra determinada fruta em uma loja, existe anteriormente o conjunto do trabalho de várias pessoas que tinham um objetivo em comum de trazer aquela fruta para a loja para que outros pudessem usufruir dela. Sem isto, restaria a única alternativa de se buscar a coisa na própria natureza, o que exigiria um esforço muito maior. O trabalho então qualifica o ambiente de convívio social, pois o resultado de meu trabalho faz com que determinada coisa ganhe maior utilidade para os outros indivíduos, da mesma forma que eu me benefico do resultado do trabalho dos outros.

comum e o transforma em propriedade” FRANÇA, V. R. Um estudo sobre a relação entre o Estado e a propriedade privada a partir de John Locke. *Revista de Informação Legislativa*. Brasília: Secretária de Edições Técnicas do Senado Federal. a. 37, n. 148, p. 187, out. 2000. p. 188.

⁴⁷ LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. p. 410.

⁴⁸ LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. p. 421.

⁴⁹ LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. p. 421.

1.2.1.5 Georg Wilhelm Friedrich Hegel

Se em Locke o trabalho já assumia um espaço relevante na construção da sociedade, para o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel o ato de trabalhar se elevará a uma dimensão existencial, assumindo o posto de elemento essencial para que o homem se diferencie da mera condição de animal, o que posteriormente possibilitará ao homem alcançar a Ideia de Liberdade, ponto máximo na filosofia política de Hegel.

O processo de construção da liberdade no homem, em Hegel, passa pelo entendimento de duas obras: a *Fenomenologia do Espírito* e as *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito*. Em ambas o trabalho ocupa papel de destaque como modo de transformação de si e do mundo.

A *Fenomenologia do Espírito* trata do caminho existencial percorrido por um indivíduo que sai do estado inculto até o Saber Absoluto. Neste percurso, momento determinante é quando a consciência passa a ser consciência de si, ou seja, se vê como sujeito e objeto, em uma superação desta oposição que se dá de modo prático, com a ação viva da consciência no mundo. Ao agir e elaborar o mundo, a consciência de si experimenta a si mesma. Uma dessas experiências, para Hegel, é o trabalho, momento em que a consciência manifesta o desejo de transformar o mundo natural, já existente antes do homem, em mundo humano, reflexo da consciência de si. Nesse processo de transformação o homem transcende a condição animal para a condição humana.

O homem como animal possui apenas desejos biológicos, tal como todos os animais, que agem apenas guiados pelo instinto. O homem, a partir do momento em que passa a desejar algo não-natural dá início à sua transcendência para a condição de consciência de si. Para Hegel a coisa não-natural que o homem desejará será justamente outro desejo, de outra consciência, ou seja, desejar o desejo de outrem.

O processo de desejar o outro implica ainda no fator do reconhecimento: a consciência, para desejar o outro, deve reconhecer este outro. Inicia-se aqui o processo de socialização que adiante resultará na formação da família, da

sociedade, do Estado.⁵⁰ Ora, para qualquer instituição surgir é necessário que duas ou mais consciências reconheçam-se como iguais, ou como de igual valor.

Esse momento também é importante para passagem do sentimento de si para a consciência de si. O animal sente que vive. O homem tem certeza que vive, pois tem certeza que vive junto a outros homens, reconhece-se e reconhece a outrem. Ele tem uma certeza sobre si, sobre sua existência. “Mas sua certeza ainda não é um saber. O valor que ele se atribuiu pode ser ilusório; a ideia que ele faz de si pode ser falsa ou louca”.⁵¹

Desta forma, para que sua certeza sobre si mesmo possa não ser somente subjetiva (relacionada somente a ele), mas torne-se também objetiva (esta certeza existe também no mundo), o homem precisa impor esta sua certeza a outro homem. Assim, ele buscará o reconhecimento do que ele é por outro homem. Trata-se agora de um reconhecimento desigual, a consciência pretende demonstrar que é superior ou melhor que outra: surge o conflito, a competitividade. Este momento é a célebre luta por reconhecimento.

Quando duas consciências se encontrarem, ambas buscarão o reconhecimento por parte da outra, e tendo ambas o mesmo objetivo é inevitável que entrem em uma luta até a morte. Para Hegel, em determinado momento uma das consciências irá temer a morte, sentirá este temor abalar todo o seu ser, e isto a tornará perdedora. Tal situação ocorre porque o seu principal objetivo neste momento deixou de ser a busca pelo reconhecimento,

⁵⁰ “Já notamos anteriormente que o trabalho pode ser entendido, numa primeira aproximação, como o ato humano de transformação da natureza e, portanto, da sua humanização, vindo a constituir-se, como tal, em elemento mediador entre as pessoas que se comunicam através da natureza humanamente significada. Sendo mediador, o trabalho estabelece, evidentemente, uma relação entre os termos que a sua mediação deve dialeticamente unir. Da parte do homem, tal relação tem como fundamento – sendo o trabalho um ato da pessoa – a esfera própria de manifestação do pessoal, a razão e a liberdade. Sobre esse fundamento, o termo da relação do trabalho constitui-se, no homem, como um ato voltado para uma esfera exterior à sua imanência de sujeito espiritual; e tal esfera vem a ser, precisamente, o termo objetivo da relação do trabalho. Esta, então, é constitutiva do homem como ser-em-situação, ou ser situado num horizonte de mundo. Relação constitutiva ou primeira: por ela, com efeito, o homem situa-se no mundo, não como uma coisa submetida aos seus determinismos, mas como um sujeito que luta e se esforça por definir a sua situação-no-mundo em termos de transcendência sobre o mundo. Compreender e transformar o mundo para finalizá-lo segundo as exigências e necessidades do sujeito: eis a intenção original que estabelece, entre o homem e o mundo, a relação de trabalho. O trabalho revela-se pois, originalmente, como a luta do homem para dar à sua situação no mundo uma significação humana”. VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia I*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1986. p. 121-122.

⁵¹ KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.p. 17.

que como anteriormente visto é um desejo não-natural, e passou a ter como prioridade a preservação de sua vida. Tendo perdido a luta ele terá que se sujeitar a outra consciência que lhe poupou a vida, tornando-se sua serva. O homem que não temeu a morte torna-se por esta razão senhor do outro. “O indivíduo que não arriscou a vida pode bem ser reconhecido como *pessoa*; mas não alcançou a verdade desse reconhecimento como uma consciência-de-si independente”.⁵²

Na dialética do senhor e do escravo⁵³ o trabalho passará a desempenhar função decisiva para a realização da liberdade. Mesmo o homem que se tornou senhor ainda não é livre, porque ele só é senhor na medida em que o escravo o reconhece como senhor. Além disto, o senhor apenas consome os produtos produzidos pelo servo, não elaborando ou modificando o mundo pelas próprias mãos, apenas usufrui do que é produzido pelo servo.⁵⁴

O servo também não é livre, pois ele vive na satisfação dos desejos do senhor. No entanto, como o servo é o único que trabalha, é também o único que tem condições de atingir a liberdade. O senhor encontra-se em uma posição estática, imutável e ociosa. Não há nada que o senhor possa fazer para modificar a sua condição, e também em sua vida não há ação, mudança, movimento. Sem movimento, não há como o senhor alterar a sua condição, ou seja, atingir a liberdade. Além disso, o impasse existencial do senhor é que ele é reconhecido unicamente por alguém que ele mesmo não reconhece, o servo.

⁵² “Das Individuum, welches das Leben nicht gewagt hat, kann wohl als *Person* anerkannt werden; aber es hat die Wahrheit dieses Anerkanntseins als eines selbständigen Selbstbewußtseins nicht erreicht”. HEGEL, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986 (Werke in zwanzig Bänden, 3) auf der Grundlage der Werke von 1832-1845 neu edierte Ausgabe, Redaktion Eva Moldenhauer und Karl Markus Michel. p. 149.

⁵³ O Senhor, o Escravo e o mundo: eis os três termos que se entrelaçam no jogo de mediações características dessa experiência fundamental. O Escravo e a coisa exercem respectivamente a função mediadora que permite à consciência-de-si do Senhor afirmar-se na independência reconhecida do seu ser-para-si. A unilateralidade do reconhecimento reside aqui no fato de que o Senhor não reconhece o Escravo como outra consciência-de-si mas como mediador da sua ação sobre o mundo. Ao Escravo cabe o trabalho exercido sobre a coisa, ao Senhor a fruição da coisa trabalhada que passa além da simples satisfação animal do desejo. Enquanto mediadora, a consciência servil passa a ser a verdade da consciência independente. VAZ, H. C. L. *A significação da Fenomenologia do Espírito*. In: HEGEL, Georg. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2005.p. 22.

⁵⁴ Mas para o reconhecimento propriamente dito, falta o momento que o senhor opera sobre o outro o que o outro operaria sobre si mesmo; e o escravo faz sobre si o que também faria sobre o Outro. Portanto, o que se efetuou foi um reconhecimento unilateral e desigual”. HEGEL, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986 (Werke in zwanzig Bänden, 3) auf der Grundlage der Werke von 1832-1845 neu edierte Ausgabe, Redaktion Eva Moldenhauer und Karl Markus Michel. p. 152.

O servo, por outro lado, é obrigado a trabalhar para o senhor e, portanto está em constante movimento de aprendizagem, de aquisição do conhecimento. Para cada desejo do senhor a ser satisfeito o servo é obrigado a estudar para ser capaz de transformar aquela coisa dada natural em algo útil ao senhor. Neste constante trabalho o servo vai se tornando um senhor da natureza, pois a modifica da maneira como quer e assim aprimora seu conhecimento e seu saber, se qualifica como homem e qualifica também o mundo do qual faz parte.

O homem que trabalha reconhece no mundo efetivamente transformado por seu trabalho a obra que é sua: reconhece a si mesmo, vê aí sua própria realidade humana; descobre e revela aos outros a realidade objetiva de sua humanidade, da ideia inicialmente abstrata e puramente subjetiva que faz de si.⁵⁵

Para executar o trabalho o homem olha para si mesmo para identificar suas habilidades e limitações⁵⁶, e por isto o trabalho é meio para o autoconhecimento. O produto proveniente do trabalho é um espelho daquele homem, pois mostra de forma objetiva o que sua inteligência foi capaz de produzir. Desta forma o trabalho⁵⁷ revela no mundo algo que existe de interior no homem.

⁵⁵ KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*.

⁵⁶ “O homem, representando-se subjetivamente as relações de trabalho criadas, desenvolve novas capacidades de assimilação das técnicas produzidas, tornando-se simultaneamente consciente de que estas relações de trabalho são móveis, novas e determinadas. [...] O ato individual de produção de um objeto torna-se o momento através do qual a natureza interioriza-se no processo de trabalho e o homem se faz objetivo e real, na transformação prática do mundo”. ROSENFELD, Denis. *Política e Liberdade em Hegel*. São Paulo : Brasiliense, 1983. p. 179.

⁵⁷ “Em contato com a multiplicidade das determinações e dos objetos que despertam interesse desenvolve-se a *formação teórica*, não só uma multiplicidade de representações e conhecimentos, mas, também, uma mobilidade e uma rapidez do representar e do passar de uma representação a outra, o captar relações intrincadas e universais etc., - a formação do entendimento em geral, por conseguinte, também, a da linguagem. – A *formação prática* pelo trabalho consiste na carência que se gera a si mesma e no *hábito da ocupação* em geral, depois, na *restrição do seu fazer*, em parte segundo a natureza do material, em parte, sobretudo, segundo o arbítrio dos outros, e num hábito, que se adquire por essa disciplina, de atividade *objetiva* e de habilidades *universalmente válidas*” HEGEL, Georg. W. F. *Grundlinien der Philosophie des Rechts oder Naturrecht und Staatswissenschaft im Grundrisse*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982 (Werke in zwanzig Bänden 7) [mit Hegels eigenhändigen Notizen und den mündlichen Zusätzen], auf der Grundlage der Werke von 1832-1845 neu edierte Ausgabe Redaktion Eva Moldenhauer und Karl Markus Michel. p. 352. Tradução para o português em: HEGEL, Georg. W. F. *Linhas Fundamentais da filosofia do Direito ou Direito natural e ciência do estado em compêndio – primeira parte, o direito abstrato*. Tradução, introdução e notas de Marcos Lutz Müller. Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 5. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2003.

O trabalho transforma o mundo e civiliza, educa o homem. O homem que quer – ou deve – trabalhar tem de reprimir o instinto que o leva a consumir imediatamente o objeto bruto. E o escravo só pode trabalhar para o senhor, isto é, para alguém diferente de si, se reprimir seus próprios desejos. Logo, ao trabalhar, ele transcende, ou, se preferir, ele se educa, cultiva, sublima seus instintos ao reprimi-los. Por outro lado, ele não destrói a coisa tal como é dada.⁵⁸

Portanto, para Hegel, a “sujeição laboriosa é [...] a fonte de todo o progresso humano, social, histórico. A História é a história do escravo trabalhador”.⁵⁹ Destaca-se aqui a importância do trabalho como componente essencial à caracterização do homem como tal. Tanto que Hegel conforme citado acima coloca de maneira indissociável a História do mundo com a história do trabalhador. E, portanto, o trabalho⁶⁰ é o grande responsável por humanizar o homem, e elevá-lo a ser uma possibilidade de constante transcendência de sua condição naturalmente dada.

Apresentadas algumas visões filosóficas, é importante agora passar a abordar também a contribuição da psicologia para o entendimento do fenômeno do trabalho.

1.2.2 O trabalho na perspectiva psicológica

O trabalho e seu significado para os sujeitos vem cada vez mais sendo abordado pela ciência psicológica, já que o envolvimento do indivíduo com os outros, com a organização e com o mundo é um dos traços fundamentais de construção de sua personalidade.

⁵⁸ KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*.

⁵⁹ KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*.

⁶⁰ “O processo de trabalho e as relações sócio-culturais resultantes expressam, de um lado, a solidariedade entre suas diferentes partes, de outro, o sentido das oposições que se esboçam nesse processo. Assim, a cultura prática não produz somente uma divisão aperfeiçoada do trabalho, mas termina por mecanizar a subjetividade dos indivíduos que se dedicam a ela. Hegel considera possível, o que é notável para a época, uma substituição do homem pela máquina. (§ 198). Ora, se a máquina pode tomar o lugar do homem, é porque o trabalho já se converteu numa necessidade puramente mecânica, não-livre e a liberdade da cultura não é apenas, positivamente, o florescimento da subjetividade, mas também a sua parcialização”. ROSENFELD, Denis. *Política e Liberdade em Hegel*. p. 180.

Embora a temática ‘trabalho’ esteja presente em várias áreas da Psicologia, as três que mais se destacam ao analisar esta categoria são a Psicologia Cognitiva, Psicologia Organizacional e Psicologia Social.

Melo afirma que a Psicologia presta atenção a três pressupostos fundamentais na atividade laboral: 1) o trabalho envolve a totalidade do homem (física, psíquica e social) e constitui elemento importante na construção da subjetividade; 2) a organização onde se desenvolve o trabalho é um fenômeno psicossocial, na qual as práticas sociais que ocorrem em seu interior precisam ser investigadas e analisadas; 3) o trabalho exerce significativa influência, tanto física como mental nos sujeitos.⁶¹

Diante destes fundamentos o trabalho exerceria algumas funções principais: a) econômica, relacionada à produção, comércio e aquisição de bens, referindo-se às condições materiais de existência; b) sociopolíticas, que se relacionam às tensões sociais e políticas, uma vez que o trabalho é elemento que pode oferecer protagonismo e desenvolvimento de carreira mas também exclusões; c) psicossociais, que se vinculam às experiências do indivíduo, as quais influenciam as relações sociais nas organizações, na família, na comunidade, etc.

Melo, baseando-se em Martin-Baró, afirma que:

[...] do ponto de vista social, o trabalho constitui o centro a partir do qual a pessoa organiza a sua vida e as suas relações humanas e, do ponto de vista psicológico, ele torna-se o marco de referência para que o indivíduo estabeleça a sua identidade entre os demais, o seu desenvolvimento potencial a ser alcançado e a sua própria existência.⁶²

A dupla perspectiva social e psicológica já demonstra o papel central do trabalho na vida humana hoje. Por um lado ele organiza as relações e a própria vida do sujeito. A escolha de determinada profissão, da região onde trabalha, etc, condiciona as relações e a vida do indivíduo. E por outro lado é no trabalho que o indivíduo desenvolve as suas potencialidades, realiza-se na existência.

⁶¹ MELO, Simone Lopes de. *O significado do trabalho entre os jovens na transição de estudante universitário a profissional*. 2002. 183f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002. p. 37.

⁶² MELO, Simone Lopes de. *O significado do trabalho entre os jovens na transição de estudante universitário a profissional*, p. 38.

Pelo trabalho muitas pessoas encontram sentido à vida, “reconhecimento social, construção da identidade, independência econômica, contatos sociais, [...] desenvolvimento da potencialidade humana”⁶³, entre outras qualidades que poderiam ser elencadas. Também é certo que pelo trabalho é possível encontrar resultados não positivos como discriminação, exploração e *stress*.

Entretanto, para se estudar o sentido de trabalho captado pelos sujeitos não se pode ater-se a estudos conceituais, que abordam a categoria em sua generalidade, mas também entender como se forma no indivíduo concreto, diante de sua realidade existencial o sentido para o trabalho. Na presente pesquisa a hipótese é que jovens com formação ontopsicológica possuem sentido distinto de trabalho quando comparados com jovens que não realizaram tal formação. Portanto, parte-se do pressuposto que cada pessoa constrói o seu sentido de trabalho. As condições para esta construção também precisam ser estudadas.

Segundo Melo, as duas abordagens mais comuns na Psicologia para a identificação do sentido para o trabalho são a fenomenológica e a existencialista (materialista-dialética).

Na abordagem existencialista o sentido de trabalho é subjetivo, pois varia de indivíduo para indivíduo, mas também social, pois reflete a realidade histórica e existencial na qual o sujeito está inserido. Isto é, cada pessoa exerce o trabalho em um contexto específico, e a partir daí interpreta subjetivamente as suas experiências com a atividade laboral, resultando que o seu sentido de trabalho decorre desse processo subjetivo imerso no social.⁶⁴

Já uma abordagem fenomenológica centraria sua análise nas variáveis determinantes da experiência com o trabalho, que seriam antecedentes, centrais e consequenciais ao trabalho. Entre as antecedentes estão o contexto organizacional, entre as centrais os valores do indivíduo conferidos ao trabalho e entre as consequências o resultado obtido com o trabalho. Diferença substancial da abordagem fenomenológica para com a existencialista é que a

⁶³ MELO, Simone Lopes de. *O significado do trabalho entre os jovens na transição de estudante universitário a profissional*, p. 39.

⁶⁴ MELO, Simone Lopes de. *O significado do trabalho entre os jovens na transição de estudante universitário a profissional*, p. 42.

primeira tenta mensurar, quantificar os dados, abstraindo daí o significado de trabalho de determinado indivíduo ou grupo.

Entre as determinantes mensuradas pela abordagem fenomenológica encontram-se: a) centralidade do trabalho, isto é, o grau de importância conferido ao trabalho pelo indivíduo quando comparado a outras dimensões da vida como família, lazer, etc; b) objetivos e resultados com o trabalho, que seriam os valores e resultados que cada sujeito espera obter com o exercício laboral; c) normas sociais, que seriam direitos e deveres exigidos pela sociedade.

Melo, baseando-se em Tamayo e Borges, afirma que estudos dos anos 90 identificam o trabalho como uma das duas áreas mais importantes da vida para a maioria dos indivíduos, sendo que a outra seria a família.⁶⁵

Existem várias metodologias e abordagens técnicas para tentar mensurar e identificar o sentido de trabalho dos indivíduos. Entretanto, uma síntese necessária agora é que todas elas parecem partir do pressuposto de que o sentido conferido ao trabalho se dá numa dimensão subjetiva que é de interpretação das experiências e valores próprios relacionados ao trabalho, o que depende do contexto e da história em que cada pessoa está inserida. É nesta perspectiva que a presente pesquisa vê o fenômeno do trabalho e o sentido conferido a cada um, e por isso se tentará demonstrar que a formação ontopsicológica é fundamental para a construção de um sentido mais elevado de trabalho.

1.2.2.1 Abraham Maslow

O sentido mais elevado do trabalho também foi analisado na perspectiva da psicologia humanista, a qual tem em Abraham Maslow um de seus principais representantes.

Maslow afirmava que todas as pessoas buscam a autorrealização. Para ele as necessidades humanas estavam hierarquicamente divididas das mais básicas às mais elevadas, as quais sendo supridas levavam o indivíduo à

⁶⁵ MELO, Simone Lopes de. *O significado do trabalho entre os jovens na transição de estudante universitário a profissional*, p. 44

autorrealização. As necessidades mais básicas envolvem a sobrevivência, alimentação, vestuário e abrigo, formando a base de uma pirâmide; já as necessidades mais elevadas, ou metanecessidades, envolvem a estima, interação social, aprendizado e crescimento, até atingir o topo da pirâmide, a autorrealização.

A Teoria da Hierarquia das Necessidades é geralmente aplicada ao mundo do trabalho, onde se acredita ser possível obter a satisfação das mesmas. Para Maslow os indivíduos autorrealizados tendem a assimilar o trabalho dentro da própria identidade, como parte efetiva de seu próprio Eu, são homens que tem a postura ideal diante do trabalho. Essa assimilação faz com que o trabalho faça parte da definição que o indivíduo tem sobre si mesmo.

O autor considera o trabalho como algo terapêutico, pois faz com que o ser humano saudável cresça em direção à autorrealização. Para ele uma administração saudável da vida profissional do indivíduo pode aperfeiçoá-lo e aperfeiçoar o mundo.

Durante suas pesquisas chegou à conclusão de que pela psicoterapia individual era impossível chegar a um considerável aperfeiçoamento do mundo, então buscou utilizar suas lições como dados de pesquisa, abrangendo o universo do ensino, onde poderia atingir mais pessoas e com isso melhorar a vida de um número maior de indivíduos. Porém, após um tempo percebeu que tão importante quanto à educação e, possivelmente até mais, é a vida profissional dos indivíduos, pois abarca ainda mais dimensões da vida.

A psicoterapia tende a focar a questão exclusivamente no desenvolvimento do indivíduo, do eu, da identidade. Pensava na educação criativa, e agora na administração criativa, não apenas para o indivíduo, mas também no desenvolvimento deste através da comunidade, do time, do grupo, da empresa – que é um caminho de crescimento pessoa tão legítimo quanto os caminhos autônomos⁶⁶

Na visão do autor uma boa comunidade, um bom emprego, uma boa equipe podem ajudar o indivíduo em questões as quais o terapeuta individual não consegue alcançar. No trabalho existem muitos recursos diferenciados de crescimento, envolvendo a criação e execução das atividades, que possibilitam

⁶⁶ MASLOW. Abraham. *Diário de Negócios de Maslow*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003. p. 9.

isso. Por meio das tarefas os conflitos do homem podem ser projetados no mundo sob forma de problemas externos, de forma que, além de poder visualizá-los ainda poderá trabalhá-los com menos ansiedade e introspecção.

Para ele o único caminho real para viver bem é o trabalho árduo e total compromisso com fazer bem-feito o trabalho que a vida nos coloca.

Muitas pessoas alcançaram um tipo superior de amor à vida, como o completo respeito por todas as coisas que conheciam, por meio do trabalho e de suas responsabilidades. A busca pela autorrealização por meio do trabalho é um caminho para a felicidade humana, pois a dedicação séria e identificação com uma tarefa metamotiva o homem. Nesse sentido, Maslow critica os jovens:

O problema da maioria dos jovens que despontaram depois de mim é que parece que eles têm uma noção de autorrealização como forma de luz que os acometerá repentinamente sem que nada façam. Todos parecem esperar passivamente por isto, sem realizar qualquer esforço⁶⁷

A autorrealização pelo trabalho exige disciplina, esforço e dedicação. Porém, uma verdadeira realização exige o desenvolvimento de uma tarefa válida e de maneira superior, situação esta que a maioria dos jovens resiste a enfrentar.

1.2.2.2 Sigmund Freud

Sigmund Freud foi um dos pensadores mais influentes da história, e teve grande importância, principalmente, para a ciência psicológica. Como o grande responsável pela descoberta do inconsciente, Freud acreditava que em geral os seres humanos tendiam a menosprezar os verdadeiros valores da vida. Em sua opinião, os homens limitavam-se a ambicionar poder, sucesso e riqueza apenas, esquecendo-se de buscar valores mais profundos e elevados para a própria vida.

⁶⁷ MASLOW. Abraham. *Diário de Negócios de Maslow*. p. 15.

Apesar disso, o mestre da psicanálise afirmava existir um tipo superior de homem, que buscava o sentido da própria vida e a satisfação de suas necessidades de um modo diferenciado. Segundo ele:

Há alguns poucos homens aos quais não é negado o respeito de seus contemporâneos, ainda que a sua grandeza resida em qualidades e realizações inteiramente alheias às metas e aos ideais da multidão. Não será difícil supor, porém, que apenas uma minoria reconheça esses grandes homens, enquanto a grande maioria nada queira saber deles⁶⁸

Para o autor nada nos é mais certo do que o sentimento que temos de nós mesmos, de nosso eu. Essa sensação se prolonga por nosso interior, sem fronteiras definidas. Porém, o sentimento do eu pode ser perturbado e limitado em relação ao exterior, podendo ocorrer inclusive casos em que percepções, sentimentos e pensamentos parecem alheios, não pertencendo ao eu.

O nosso atual sentimento do eu, portanto, é apenas um resíduo minguado de um sentimento de grande abrangência – na verdade, um sentimento que abrangia tudo e correspondia a uma íntima ligação do eu com o ambiente. Se nos for permitido supor que esse sentimento primário do eu tenha ficado conservado – em maior ou menor medida – na vida psíquica de muitas pessoas [...] os conteúdos ideativos correspondentes a esse sentimento primário seriam justamente os de uma ausência de limites e de uma ligação com o universo⁶⁹

Para Freud, a vida é muito árdua para homem, pois traz dores, decepções e tarefas insolúveis. Apesar destas dificuldades, os seres humanos revelam, por meio de seu comportamento, que a felicidade é a finalidade de sua vida. O homem deseja se tornar feliz e assim permanecer.⁷⁰ Porém, para alcançar a felicidade encontra inúmeros obstáculos, como as limitações do próprio corpo, os perigos do mundo externo e a relação com os outros seres humanos.

Uma das maiores fontes de frustração do homem é a relação com os outros homens, pois para assegurar uma convivência segura e tranquila com os demais ele precisa moderar suas reivindicações de felicidade, seus impulsos mais selvagens e naturais. O homem precisa adaptar-se ao outro, aos seus desejos, necessidades e comportamentos. Essa convivência, ao mesmo

⁶⁸ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 41.

⁶⁹ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. p. 48.

⁷⁰ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. p. 62.

tempo que é necessária, limita suas possibilidades de satisfação, posto que este passa a precisar aceitar regras, imposições e o bem estar da maioria acima do seu.

O mestre da psicanálise afirma que o melhor modo de se enfrentar tais obstáculos e as limitações impostas à própria felicidade é sublimar⁷¹ os impulsos que não podem ser satisfeitos e que gerarão a frustração. A sublimação dos impulsos ocorre principalmente por meio do trabalho:

Isso é alcançado sobretudo quando se consegue elevar de modo satisfatório o ganho de prazer obtido de fontes de trabalho psíquico e intelectual. Desse modo, o destino pouco pode fazer contra nós. Satisfações tais como a alegria do artista ao criar, em dar corpo aos produtos de sua fantasia, ou a do pesquisador na solução de problemas e na descoberta da verdade, possuem uma qualidade especial que um dia com certeza seremos capazes de caracterizar metapsicologicamente⁷²

O homem quando realiza algo, cria, trabalha, consegue elevar-se e obter satisfações que Freud denominava “mais finas e mais elevadas”⁷³. Estas mesmas criações podem se tornar fonte de satisfação, não somente para o criador, mas também para aqueles que encontram nela o gozo de sua criação. O autor exemplifica utilizando como objeto uma obra de arte: esta não é somente elevação para o artista criador, mas também para aquele que sensível à influência da arte pode louvá-la como fonte de prazer e de consolo. Nesta relação, enquanto o artista se liberta, seu espectador também consegue temporariamente libertar-se.

Durante seu desenvolvimento o homem sofre cisões com o seu eu verdadeiro, pois vive limitado àquilo que a sociedade lhe impõe. Ao encontrar um meio de realizar no mundo externo, ele consegue realizar-se interiormente e aproximar-se mais daquilo que é e sempre esteve conservado em sua psique. Pelo trabalho ele encontra a “ausência de limites” proposta por Freud.

⁷¹ “Termo derivado das belas-artes (sublime), da química (sublimar) e da psicologia (subliminar), para designar ora uma elevação do senso estético, ora uma passagem do estado sólido para o estado gasoso, ora, ainda, um mais-além da consciência”. ROUDINESCO, Elizabeth. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 730.

⁷² FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. p. 69.

⁷³ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. p. 69.

Não são os valores como poder e sucesso que tornarão o homem feliz e impedirão que ele se frustre com as condições de vida, mas sim os valores elevados como o do próprio trabalho.

1.2.3 O trabalho na perspectiva ontopsicológica

Na perspectiva ontopsicológica o trabalho manifesta-se como fenomenologia da tomada de posse do Eu sobre o mundo, do sujeito sobre o objeto. Essa ação se dá no plano da consciência, por isso, antes de se estudar o trabalhar em si mesmo é importante revisar brevemente o que Antonio Meneghetti aborda sobre a manifestação da consciência, o que exige partir-se do que o autor entende por Em Si ôntico.

Todo o discurso da Ontopsicologia procede da evidência, da ecceidade do real que é cada ser humano.⁷⁴

A tomada de consciência de si mesmo é uma passagem de assimilação prática. A formação do Eu é dada pelas ações da dinâmica assimiladora dos objetos. Em uma perspectiva geral, a tomada de consciência deriva da relação circular entre o sujeito e os objetos. O sujeito aprende a conhecer-se somente agindo sobre os objetos e os objetos se tornam cognoscíveis somente em função do processo das ações exercidas sobre eles.⁷⁵

O Eu nasce a partir do processo interiorizado de assimilação que é, organicamente idêntico ao real. No caso de uma deformação conceitual sobre os observáveis da ação, corre-se o risco do indivíduo, além de não se ter uma oportuna tomada de consciência, continuar em atitudes comportamentais de não consciência de si mesmo.⁷⁶

⁷⁴ “Todo o proceder da exposição científica da Ontopsicologia está sempre dentro da evidência. Não se pode partir de uma observação externa, porque nesse caso existe sempre uma zona de estranheza e a medida não seria mais certificante. Não saio da evidência. Cada um tem a evidência de si mesmo. Nós somos a existência, somos a ecceidade do real que não é todo o real, mas é “um real, o único ao qual somos intrínsecos, co-presentes, o único que nos é possível, que nos substancia e nós mesmos, de fato, substanciamos a nossa existência”. MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010. p. 152.

⁷⁵ MENEGHETTI, Antonio. *O Nascimento do Eu*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003. p. 41-44.

⁷⁶ MENEGHETTI, Antonio. *O Nascimento do Eu*. p. 41-44.

O Em Si ôntico, encarnado no espaço do devir existencial, especifica-se sublimando no Eu *a priori*. Em qualquer situação, existe uma única solução ótima a ser atuada na determinada posição da individuação, tal ação determina o objeto fenomênico-histórico do Eu, com todas as relativas especificações (nome, lugar, consciência, afetividade etc.).⁷⁷

O eu psicológico pode atuar o êxito histórico do Em Si ôntico quando o seu potencial constrói-se por inteiro no seu devir existencial, o homem retorna familiar com o Ser. O indivíduo faz a si mesmo cada vez que transfere o potencial ao fato realizado, cada vez que impõe uma ação, o sujeito varia e imposta o próprio universo. No interior da corrida do devir, cada um de nós determina o próprio universo todas as vezes que age ou não age.⁷⁸

O Eu histórico é o resultado da intencionalidade do Em Si ôntico que consiste no levar o indivíduo à auto-realização, sendo isso possível somente à luz do guia do Eu *apriori*, forma ótima daquele indivíduo em cada posição que se encontra. O Eu *a priori* é a imagem do ser no aqui e agora existencial, é a reflexão da volição histórica do Em Si.⁷⁹

O trabalho é uma forma que o homem possui de por em prática seu potencial, construindo-se historicamente e estando em contato com o Em Si. A ação do trabalho modifica o universo a sua volta modificando também o próprio ser, determinando a posição do indivíduo naquele lugar e momento, abrindo o caminho para o indivíduo encontrar sua autorrealização.

O critério da existência do Em Si é o processo de identidade em evolução. O processo se reforça cada vez que ocorre a interação entre o Em Si e o ambiente, aqui constituído pela idade do sujeito, seu sexo, sua cultura, o caminho que traçou até aqui, entre outros. O ambiente é constituído por todo o conjunto que configura o aqui e agora. O encontro entre o Em Si e o ambiente aqui e agora dá somente uma passagem que é ótima ao aumento da realidade, o chamado Eu *a priori*.⁸⁰

O nosso conhecimento procede segundo um específico modo de interação. A ação sempre antecipa tudo, enquanto acontece por si, através dela há a possibilidade de espelhar-se. O Eu *a priori* é a primeira posição de

⁷⁷ MENEGHETTI, Antonio. *O Nascimento do Eu*. p. 78.

⁷⁸ MENEGHETTI, Antonio. *O Nascimento do Eu*. p. 78-80.

⁷⁹ MENEGHETTI, Antonio. *O Nascimento do Eu*. p. 78.

⁸⁰ MENEGHETTI, Antonio. *O Nascimento do Eu*. p. 82.

reflexão da ação. Ao vê-la, pode atuá-la ou não. Se o sujeito a atua, essa se torna precipitado histórico, portanto, Eu lógico-histórico. Como enfatiza Antonio Meneghetti:

*O Eu a priori é o momento no qual a interação do organismo entre Em Si e ambiente dá o seu reflexo de ação única, para a vantagem do indivíduo pessoa. O Eu a priori é a regra para o sujeito, o design no qual a natureza faz ver, em um momento, a passagem para a evolução da identidade em cada situação. Portanto, o Eu a priori é um momento de processo lógico para o sujeito, que serve a este para compreender.*⁸¹

O homem interage com o ambiente através do trabalho, torna sua ação precipitado histórico. O Eu *a priori* reflete a ação do trabalho, ou seja, o trabalho aparece como manifestação do Em Si ôntico na história. Trabalhando, o homem se conhece como tal, consegue realizar uma passagem para a evolução de sua identidade.

O primeiro conceito do 'Eu sou' é formal, ainda deve encarnar-se através de estruturas psicológicas e situações físicas, químicas e históricas. O primeiro conceito de 'Eu sou' é uma forma que preside aos modos de metabolização, de seleção do ambiente. Esse conceito qualifica o ser como homem, mas que ainda não se tornou, não é maduro, não é auto-realizado. O conceito profundo do 'Eu sou' consiste em haver condições de especificar todo um programa. É a projeção de um querer-se do ser como existência típica.⁸²

A individuação do homem, o nascimento do Eu, provém de desenvolvimento proporcionado pela contínua realização de ações que seguem a seleção temática do indivíduo, segundo sua própria constante organísmica. Cada ação que se põe, diversifica um Eu do outro, dá identidade ao Eu e faz sujeito o objeto. Quanto mais se realiza a ação cônica à especificidade temática, mais se torna pessoa.⁸³

A capacidade de especificar implica uma intencionalidade, realizar um trabalho planejado pelo Eu formal, se realiza o objetivado por seu projeto, autodeterminando a si mesmo. O indivíduo exterioriza sua individuação através do trabalho formalizando o objeto, atuando, e assim alimentando, o

⁸¹ MENEGHETTI, Antonio. *O Nascimento do Eu*. p. 82.

⁸² MENEGHETTI, Antonio. *O Nascimento do Eu*. p. 89-90.

⁸³ MENEGHETTI, Antonio. *O Nascimento do Eu*. p. 92.

crescimento do Eu⁸⁴. Se o indivíduo escolhe por não agir conforme o que foi planejado pelo Eu formal, aumenta sua própria situação de não-eu e termina em angústia.

Existencialmente, quando o indivíduo realiza a própria vida mediante os próprios méritos, o próprio trabalho, entra em um estado de graça que é luz e estímulo aos outros.

Quando l'essere umano, dopo il suo travaglio, raggiunge lo stato di grazia, partecipa di una dimensione o benessere molto al di sopra dei suoi meriti; si sente gratificato di qualcosa che non aveva mai pensato e immaginato, talmente è bello lo stato di grazia.⁸⁵

Nesse estado o indivíduo transcende a sua realidade existencial cotidiana, passando a viver conforme o seu potencial de natureza. Entra-se em uma dimensão superior.

In questo stato, la persona ha carisma e coglie modi di esistere che hanno una partecipazione illuminante: si entra veramente in una dimensione fuori l'ordinario, oltre l'egoismo e l'ambizione che il soggetto poteva avere nativamente prima.⁸⁶

Percebe-se como a realização histórica pode levar a momentos ou mesmo a uma existência superior, possibilitando o encontro entre o Ser e o existir. Como visto, esta é a finalidade da autóctise histórica.⁸⁷

Retorna a lógica do existir partindo da premissa de que o Eu lógico-histórico deve realizar-se tendo em vista as coordenadas existenciais do Eu a priori.⁸⁸

⁸⁴ “Eu existo e, enquanto tal, posso o meu bem ou o meu mal. O resto não o sei porque não pertence ao meu ser. Tudo o que não toca onde eu sou é nada, para mim não existe. “É” somente o que, de algum modo, implica relação. [...] Onde eu sou, porém, eu posso, sou responsável, sou variável, posso ser condicionável, posso ser mais ou menos, debatido ou exaltado. Se experimentamos basear o critério de realidade, para nós humanos, fora do âmbito humano, o critério não é real. O mundo da vida formaliza-se em conexão com a individuação. O universo pode condicionar a criatura na medida em que a criatura é real para aquele universo. MENEGHETTI, Antonio. *Critério Ético do Humano*. Porto Alegre: Ontopsicologica Editrice, 2002.

⁸⁵ MENEGHETTI, Antonio. *Conoscenza ontologica e coscienza*. Roma: Psicologica Editrice, 2007. p. 173

⁸⁶ MENEGHETTI, Antonio. *Conoscenza ontologica e coscienza*. p. 173.

⁸⁷ “O Ser começa uma forma de existência, a qual tem o seu fim natural no transcendente: o eu da natureza acaba transfigurando-se, durante a existência, em sobrenatureza. Isto se atua através de uma responsabilidade de ética ôntica em autóctise histórica: correspondência do Eu lógico-histórico com o Eu a priori”. MENEGHETTI, Antonio. *A Graça: a Lógica do Dom*. Porto Alegre: Psicologica Editrice do Brasil, 1996. p. 104.

⁸⁸ “O Eu a priori é a forma histórica segundo a qual o Ser quer se individualizar. Se o Eu lógico-histórico age sempre em correspondência à forma otimal do Eu a priori, acede deterministicamente à vidência do Ser, portanto, a um estado permanente de transcendência.

O problema está em superar todas as dificuldades e dilemas que emanam da inserção do monitor de deflexão na psique do homem, que impõem tantas culpas, medos, determinando esquizofrenicamente o indivíduo a viver fora de sua natureza. Contudo, historicamente, através da realização, e aqui o trabalho como construção de autonomia e dignidade representa valor essencial, é possível transcender esta condição.

O monitor de deflexão constitui a culpa de origem em todos os seres humanos, ou pelo menos na maioria. O modo como resolvê-lo é uma questão de ciência. Precisa libertar-se daquilo que é o determinismo esquizofrênico, porque – uma vez que este esteja eliminado, o sujeito tem a possibilidade de ver como estão as coisas, de se tornar um capaz de verdade, da verdade que lhe pertence. Sucessivamente verá os demais perigos, porém manterá constante o seu “uno” holístico. Assim fazendo, *age no tempo, mas ganha no eterno*. Sacrifica-se em alguma hora, mas recolhe para sempre. Trabalha historicamente, mas ganha metafisicamente. Seja qual for a ação, quando a reencontra é sempre gratuita, é sempre o Ser que se autodetermina naquele lugar.⁸⁹

O trabalho deixa de ser apenas necessidade histórica para passar a ser possibilidade de acesso ao metafísico. O homem opera e realiza aqui e agora, mas os resultados que colhe com a ação são retornos de ganho eterno, metafísico. É como se muito mais do que o resultado concreto do trabalho fosse importante, a simples condição de trabalhar tendo em vista o potencial de natureza representasse o viver para si. O realizar, e não a realização abre as portas ao metafísico.

Em *Intelecto e Personalidade* o autor traz o exemplo de que um campeão mundial não se sente realizado quando está no pódio, sendo aplaudido, mas quando corre, quando arrisca, quando é ação.⁹⁰ A alegria está enquanto se faz, enquanto se realiza, depois desaparece, tal como a existência, que se é alegria enquanto o sujeito é vivo e existente conforme o seu projeto de natureza.

Ser feliz enquanto se vive conforme o projeto de natureza indica outra dimensão fantástica: a felicidade está também ligada à história. Todo indivíduo

A lógica íntima do existir é o aceder como norma de natureza à sobrenatureza. Isto acontece desde que não se verifiquem interrupções, culpas e nenhum gênero de esquizofrenia existencial”. MENEGHETTI, Antonio. *A Graça: a Lógica do Dom*. p. 104.

⁸⁹ MENEGHETTI, Antonio. *A Graça: a Lógica do Dom*. p. 104-105.

⁹⁰ MENEGHETTI, Antonio. *Intelecto e Personalidade*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006. p. 153.

nasce com determinado potencial, mas somente se sentirá realizado se colocar em prática, transformar em história e matéria este potencial. A potência que não se torna ato na verdade não existe, não vale para a existência. Esta mensagem está na síntese poética de *Intelecto e Personalidade*: “É preciso saber escrever toda a alma no corpo. Se o Verbo não se faz Carne, a história é ausência do Espírito, daquele Espírito sem o qual nada tem valor”⁹¹.

Esta é a entrada na eternidade, a transcendência da existência, logo temporal. Não obstante, cada projeto concretizado historicamente, cada trabalho efetuado de modo conforme a natureza do sujeito, abre momentos de abertura à eternidade. Nota-se, então, a dimensão transcendente é possível pelo trabalho.

A eternidade é toda sem tempo, é uma e sem partes. Porém, nos milhares de dias e noites, pode-se retomar e deixar a eternidade; e cada vez que se retoma a eternidade, é sempre única, nova, total. Este é o dom dos êxtases depois de cada projeto realizado: magia e revelação múltipla da existência bem-sucedida.

Um projeto realizado não é apenas concretização, finalização de um trabalho, é significado de êxito. Quando o arquiteto, o médico, o advogado, o empresário, o professor, e qualquer profissional, executa bem e conclui de modo coerente um projeto por consequência gera bem-estar a si, aos clientes e a tantas pessoas; também abre novas oportunidades, torna-se um momento de brilho intenso que revela o quanto a vida é infinita de possibilidades. Não há caminhos traçados e definitivos para uma consciência aberta à novidade. Somente quem está expondo-se ao infinito pode acessar o metafísico.

Isto, porém, é possibilidade. No fim, embora todos possam acessar a dimensão da felicidade na existência junto ao Ser, de fato apenas alguns conseguem realizar. A autorrealização é também uma questão de liberdade, pois exige o ato de vontade do sujeito e realizar a si mesmo conforme o próprio potencial. Tal dinâmica está na relação entre intelecto e vontade.

A alma possui duas faculdades preponderantes: o intelecto e a vontade. Como o intelecto é a faculdade do verdadeiro, que entende o ente enquanto ente, a vontade é a faculdade decisional apetitiva e faz sempre parte do contexto agente ad extra, ou seja, quanto o intelecto, ou alma, apetece, quer,

⁹¹ MENEGHETTI, Antonio. *Intelecto e Personalidade*. p. 154.

intenciona. A partir do contato cognoscitivo, apetece, é decisão afetiva, quer a posse: o ser quer se tornar naquele modo.⁹²

O intelecto distingue o verdadeiro, enquanto a vontade promove a intencionalidade, o ato de a alma desejar algo, um objeto, uma ação, um resultado, etc.⁹³

Nisso abre-se a dimensão da possibilidade de liberdade: pela vontade, depois de o intelecto ter conhecido o objeto, o sujeito toma posse, decide interagir com o objeto.

“Liberdade” significa que, dadas as circunstâncias, as premissas, os requisitos para agir, para fazer uma operação – existe uma certa situação, o sujeito tem necessidade de algo, portanto deveria realizar uma determinada ação – o egoísmo prático, salutar, deveria ser consequencial.⁹⁴

O trabalho, como já visto quando foram abordados os filósofos Hegel e Locke, é um modo de elaborar, transformar o mundo. Pelo trabalho o intelecto decide agir, se faz vontade. Pelo trabalho, então, o homem é capaz de liberdade.

Com isso foi visto que o trabalho está intimamente ligado a várias dimensões da vida humana que elevam o sujeito a um patamar de excelência. O trabalho é possibilidade de liberdade, de abertura de transcendência do homem ao metafísico. Em última análise, o trabalho é promoção de dignidade da pessoa humana.

⁹² MENEGHETTI, Antonio. *Intelecto e Personalidade*. p. 76.

⁹³ “Normalmente a vontade procede após o conhecimento, enquanto não pode apeteecer algo que não conhece. Portanto, uma primeira coisa é conhecida e, sucessivamente, desejada ou rejeitada. O intelecto faz o conhecimento, opera o próprio juízo e depois pode permanecer indiferente, querer, não querer ou querer em parte; depois de ter sido conhecida, a coisa (objeto ou relação) pode ser apetecível, conveniente, interessante, ou seja, cônica ao reforço, a potencialidade do sujeito”. MENEGHETTI, Antonio. *Intelecto e Personalidade*. p. 76-77.

⁹⁴ MENEGHETTI, Antonio. *Intelecto e Personalidade*. p. 80.

2 PROGRAMA DE PESQUISA

2.1 PROBLEMA DA PESQUISA

O capítulo 1 apresentou uma pesquisa bibliográfica como fundamento para o significado existencial do trabalho para o homem, partindo dos gregos antigos, com o poeta Hesíodo, atravessando diversos filósofos e psicólogos, e concluindo com o argumento da teoria ontopsicológica.

Nesta trajetória identificou-se o trabalho como o movimento do homem de transformar o mundo e a si mesmo. A própria evolução da civilização é resultado da vontade humana colocada no mundo externo. O trabalho transforma o mundo natural em mundo humano.⁹⁵ Mas nesse ato também aprimora a si mesmo, desenvolve suas potencialidades.

Cada indivíduo nasce com determinado potencial natural. Porém é na ação, na realização externa no mundo que este potencial cresce e retorna em satisfação interior. Assim, o trabalho é uma das etapas fundamentais para o ser humano autorrealizar-se.

Tendo em vista a teoria ontopsicológica o indivíduo nasce com um projeto de natureza, o qual se percorrido garante a felicidade⁹⁶ de desfrutar a existência junto ao Ser. Este projeto, individuado como Em Si ôntico, é em parte metafísico e em parte histórico. Portanto, o homem nasce para viver uma existência de realizações, mas se isto se concretizará ou não dependerá do próprio sujeito, que possui o livre-arbítrio de escrever a própria história.

O indivíduo está em uma determinada sociedade, e, portanto, deve realizar a si próprio ao mesmo tempo em que respeita as normas e costumes do mundo em que vive. Para Meneghetti, o “Eu lógico-histórico está sempre em um compromisso: deve salvar a sociedade e a sua inseidade metafísica, não deve destruir nem a sociedade nem o Em Si ôntico. [...] O Eu deve ser o

⁹⁵ Cf. LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. São Paulo: Martins Fontes, 1998; KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

⁹⁶ Também Aristóteles entendia que o indivíduo poderia alcançar a felicidade se vivesse e realizasse conforme as virtudes. Cf. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Brasília: UnB, 2001.

construtor da medianicidade entre ser e existência, pessoa e sociedade”⁹⁷. Nesta perspectiva, o trabalho é elemento fundamental, pois ao mesmo tempo em que auxilia o sujeito na sua construção do projeto metafísico contribui com a elaboração do mundo e aprimoramento social. O trabalho integra a lógica da vivência em sociedade.

A construção histórica é ação contínua, e passa em grande parte pelo desenvolvimento do indivíduo no trabalho. O trabalho é construção da vida.

Pelo trabalho o homem pode conquistar autonomia econômica, afetiva, social. Depois pelo trabalho o homem torna-se líder, pois ao evoluir na carreira profissional passará a ocupar cargos e posições de destaque na sociedade. Além disso, o cotidiano do trabalho oferece momentos de profunda satisfação interior, experimentados durante a realização de grandes projetos, grandes vitórias na carreira.

Para a atualidade o trabalho amplia ainda mais sua importância, pois é um dos elementos centrais de uma formação ontopsicológica. Para conhecer a si mesmo e aprimorar-se como indivíduo, o sujeito precisa entrar nas dialéticas do mundo do trabalho, que é o espaço ideal para desenvolver a parte comportamental. Trabalho em equipe, disciplina, responsabilidade, saber lidar sob pressão, cumprimento de metas, melhoria contínua, inovação, empreendedorismo, busca por resultados, são todas atitudes ou virtudes indispensáveis para a pessoa construir a vida, e podem ser aprendidas no trabalho.⁹⁸

Levando a discussão para o universo dos jovens, uma vez que é que na fase da juventude que o indivíduo geralmente ingressa no mundo profissional percebe-se que o trabalho é instrumento fundamental para aprender a conduzir a própria vida.

Pelo trabalho o jovem tem a oportunidade de iniciar a construção do próprio protagonismo e potencial de liderança.

[...] é a formação de uma nova inteligência empreendedora individuada, reforçada e focalizada na ação prática do sucesso: atualização da criatividade com verificação de realização. O líder é o centro operativo de diversas relações e funções, é aquele que sabe individuar a proporção de como as relações

⁹⁷ MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. p. 45.

⁹⁸ Na Grécia Antiga o poeta Hesíodo defendia o trabalho como valor de formação humana. HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. São Paulo: Iluminuras, 1996.

da vida s movem, e sabe aplicar, a cada situação, a fórmula certa para resolver e realizar econômica, política e socialmente.⁹⁹

Porém, a questão que se apresenta é: os jovens de hoje possuem esta percepção existencial sobre o trabalho? Como o indivíduo conseguirá aproveitar o trabalho como momento de aprimoramento e autoconhecimento se ele não o percebe nesta dimensão? E se o indivíduo não vê o trabalho desta forma, qual é a sua visão? Tendo em vista esta problemática, a presente pesquisa visa investigar a percepção da ideia de trabalho entre jovens universitários já inseridos no mercado de trabalho.

É importante analisar se os jovens estudantes, já inseridos no mercado de trabalho, têm observado as inúmeras possibilidades de desenvolvimento proporcionadas pelo trabalho, ou se o veem de forma mais superficial, como necessidade ou garantia de subsistência.

Contemporaneamente o trabalho é bastante disseminado entre os jovens universitários, sendo comum a inserção no mercado de trabalho ainda durante a formação profissional. As variáveis que levam o jovem a optar por conciliar o trabalho e os estudos são muitas, e nem sempre a necessidade econômica é predominante. Muitos jovens buscam o trabalho para adquirir experiência, desenvolver suas competências e conhecer melhor a própria área de atuação.

. Apesar de as universidades serem espaço de desenvolvimento, percebe-se que somente a aprendizagem teórica não é suficiente para formar jovens que estão em busca de se tornarem protagonistas na existência. Aliar os estudos ao trabalho é importante, pois coloca o jovem em diversas experiências de enfrentamento e de necessidade de tomada de decisão diante da vida.

⁹⁹ MENEGHETTI, Antonio. *Aprendiz Líder*. São Paulo: FOIL, 2009. p. 8

2.2 OBJETO DA PESQUISA

A pesquisa investiga qual a percepção da ideia de trabalho presente entre os jovens universitários já inseridos no mercado de trabalho. Além disso, a pesquisa dividirá os participantes em dois grupos, sendo que um será formado por jovens que realizam formação ontopsicológica e o outro não. Dessa forma é possível investigar se jovens já envolvidos no processo de autoconhecimento e desenvolvimento existencial possuem uma percepção distinta da ideia de trabalho.

2.3 CARACTERÍSTICAS DO GRUPO ANALISADO

A amostra foi constituída por um total de 40 questionários respondidos sobre a ideia de trabalho e sua importância para a formação dos jovens universitários ou recém-formados.

Dentre os questionários respondidos, 20 foram respondidos por jovens que receberam formação ontopsicológica (participaram de cursos, palestras, *coaching*, grupos de estudo e extensão e outras atividades de autoconhecimento na perspectiva ontopsicológica) e 20 por jovens que não receberam formação ontopsicológica. As respostas dos dois grupos serão comparadas.

Estes jovens estão situados na faixa de idade entre os 17 e 25 anos e já inseridos no mercado de trabalho.

2.4 OBJETIVOS DA PESQUISA

- Verificar a percepção da ideia de trabalho em jovens universitários já inseridos no mercado de trabalho;
- Identificar as diferenças que podem ser encontradas na percepção da ideia de trabalho entre os jovens universitários que receberam formação ontopsicológica e aqueles que não receberam;

- Analisar a importância da formação ontopsicológica para a responsabilização dos jovens pelo próprio potencial.

2.5 FORMULAÇÃO DAS TAREFAS

A pesquisa será realizada através de duas etapas:

- Aplicação de questionário simplificado com perguntas abertas e de múltipla escolha a dois grupos de participantes (jovens que receberam formação ontopsicológica e que não receberam), sendo cada um composto por 20 pessoas;
- Aplicação de questionário avançado, com perguntas abertas, em dois representantes de cada um dos grupos citados acima.

2.6 HIPÓTESES

- Jovens pesquisados que possuem formação ontopsicológica têm uma percepção de trabalho como oportunidade de realização e crescimento, enquanto grande parte dos jovens que não receberam formação ontopsicológica voltada para o trabalho o relacionam mais a questões de autonomia financeira e imposição social;
- Jovens que possuem formação ontopsicológica na perspectiva do trabalho têm maior possibilidade de aprendizado e realização no trabalho, pois o desenvolvem de maneira mais responsável e profunda;
- A formação ontopsicológica é fundamental na atualidade para a educação e responsabilização dos jovens por seu potencial e carreira.

2.7 METODOLOGIA

O método investigativo utilizado na presente pesquisa foi o método indutivo-dedutivo.

A coleta de dados será realizada por meio da pesquisa empírica através da técnica do questionário. Os dados serão organizados em gráficos e tabelas, permitindo sua quantificação e análise objetiva tendo em vista o método estatístico.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizadas também as abordagens qualitativa e quantitativa. A abordagem define os procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação dos fenômenos observados. A abordagem quantitativa é caracterizada pela quantificação na coleta de informações e no tratamento delas por meio de técnicas de percentual e estatística. Já abordagem qualitativa não emprega um instrumento estatístico como base no processo de análise, mas parte de uma busca para entender a natureza do problema e sua profundidade, ampliando as relações descobertas de forma subjetiva.¹⁰⁰ Observando a análise e tratamento dos dados coletados por meio dos instrumentos, foi utilizada a abordagem quantitativa com o objetivo de garantir a precisão dos resultados. Já a abordagem qualitativa permite interpretação mais profunda e subjetiva do fenômeno, sendo essencial sobretudo na segunda etapa dos questionários.

2.8 LÓGICA DE ELABORAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa será realizada através de dois questionários, sendo o primeiro simplificado e o segundo mais complexo.

O primeiro questionário possui 34 perguntas, das quais 15 de múltipla escolha e as 19 restantes abertas. Com este buscou-se descobrir qual a percepção da ideia de trabalho em jovens universitários já inseridos no mercado de trabalho, de modo que se contemplaram perguntas sobre as habilidades desenvolvidas pelos participantes com o trabalho, aspectos positivos e qual é seu maior objetivo com ele.

Os dados foram tabulados e organizados em gráficos seguindo as questões e as respostas atribuídas a elas pelos participantes da pesquisa. Sobre os dados foram elaboradas tabelas no Excel e gráficos

¹⁰⁰ RICHARDSON, Jarry Roberto. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 2010.

agrupando as informações. Os dados foram descritos e analisados considerando os referenciais bibliográficos desta investigação.

O segundo questionário é estruturado em 14 questões abertas e buscará identificar entendimentos mais profundos sobre o objeto estudado em dois jovens de cada grupo.

3 RESULTADOS DA PESQUISA

A presente pesquisa foi desenvolvida com a participação de 40 jovens, na qual se constituiu um grupo com predominância do sexo feminino (61%) e de idades entre 17 e 26 anos:

		Idade			
		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Valid	17 anos	1	2,4	2,5	2,5
	18 anos	2	4,9	5,0	7,5
	19 anos	8	19,5	20,0	27,5
	20 anos	9	22,0	22,5	50,0
	21 anos	3	7,3	7,5	57,5
	22 anos	8	19,5	20,0	77,5
	23 anos	1	2,4	2,5	80,0
	24 anos	3	7,3	7,5	87,5
	25 anos	4	9,8	10,0	97,5
	26 anos	1	2,4	2,5	100,0
	Total		40	97,6	100,0
Missing	System	1	2,4		
Total		41	100,0		

Tabela 1 - Idade

Dentre o grupo não houve predominância significativa em alguma das idades, porém, ainda assim, houve concentração um pouco maior nas idades: 20, 19 e 22 anos. Isso ocorreu, pois esta é a média de idade entre universitários, sendo que, a presente pesquisa teve como público alvo jovens universitários ou recém-formados. Todos os participantes da pesquisa atuam profissionalmente e predominantemente estão cursando o ensino superior (85%), sendo que, o restante já concluiu a graduação (15%).

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi necessária entre os participantes a divisão em dois grupos: jovens que receberam formação ontopsicológica (Grupo I) e, jovens que não receberam formação ontopsicológica (Grupo II). Esta foi feita de maneira equilibrada, contando com a participação igualitária de 20 jovens em cada um dos grupos.

3.1 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS DOIS GRUPOS DE PARTICIPANTES

Para proceder à análise dos dados colhidos pela pesquisa empírica, envolvendo o questionário e a entrevista sobre a percepção da ideia de trabalho entre os jovens universitários, foi respeitada a divisão por grupos. O Grupo I é composto por jovens que tiveram formação ontopsicológica, ou seja, participaram de cursos, palestras, *coaching*, utilizaram instrumentos para autoconhecimento ou outras atividades voltadas à formação ontopsicológica. O Grupo II, por sua vez, é composto por pessoas que não realizaram formação ontopsicológica.

3.1.1 O Sentido do Trabalho

A questão denominada “Um trabalho que faz sentido é um trabalho que...?” tem como objetivo indicar o que os participantes têm em vista quando trabalham, qual sua motivação e concepção acerca da ideia de trabalho. Com isso foi possível também, fazer um parâmetro comparativo entre as concepções de trabalho do Grupo I (formação ontopsicológica) e do Grupo II (sem formação ontopsicológica).

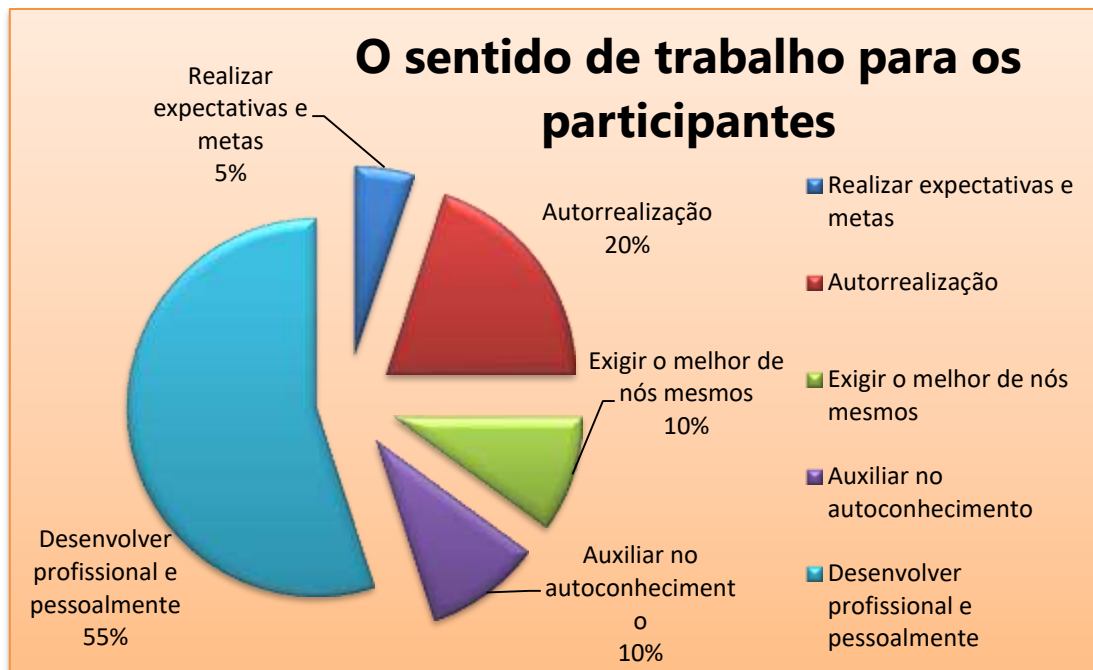


Gráfico 1 - Respostas do Grupo I à pergunta "Um trabalho que faz sentido é um trabalho que?"

Dentre os participantes com formação ontopsicológica predominou a resposta *Desenvolver profissional e pessoalmente* (55%), sendo seguida por *Autorrealização* (20%), *Auxiliar no autoconhecimento* (10%), *Exigir o melhor de nós mesmos* (10%) e *Realizar expectativas e metas* (5%). Dessa forma, é possível observar que para esses participantes o trabalho surge como oportunidade de desenvolvimento, não apenas profissional, mas também como pessoa. O trabalho interfere positivamente na vida do indivíduo como um todo, indo além dos limites do local de trabalho.

Além da resposta majoritária, que abrange mais de a metade dos participantes, respostas com menor frequência como *Auxiliar no autoconhecimento* e *Exigir o melhor de nós mesmos*, também representam formas de desenvolvimento. O apontamento do trabalho como forma de autoconhecimento, confirma a possibilidade de que o indivíduo ao agir e realizar suas atividades descobre-se e se vê de forma mais realista. Isso porque o desenvolvimento do trabalho aponta de forma concreta quais aspectos precisam ser desenvolvidos e quais aspectos são mais fortes no indivíduo.

Assim como, remetendo-se a Platão, é possível afirmar que por meio do trabalho o homem descobre não só seus pontos fortes, como também aquilo para o que foi feito, qual é sua vocação, a atividade que está de acordo com o

próprio íntimo. Se forem analisados de forma profunda, os aspectos mais relevantes podem evidenciar a condição do íntimo do homem.

Outra afirmação bastante relevante para nossa pesquisa foi a segunda concepção mais representativa, a *Autorrealização* (20%). Maslow, em sua *Hierarquia das Necessidades*, afirma ser a autorrealização o topo da hierarquia de necessidades do homem, aquilo que pode alcançar de melhor na própria história. Para o autor, a autorrealização está completamente ligada ao trabalho, pois somente por meio da realização histórica do próprio potencial é possível alcançá-la.

Um músico deve compor, um artista deve pintar, um poeta deve escrever, caso pretendam deixar seu coração em paz. O que um homem pode ser, ele deve ser. A essa necessidade podemos dar o nome de autorrealização... Refere-se ao desejo do homem de se tornar, em *realidade*, no que já é em potencial; tornar-se tudo aquilo de que uma pessoa é capaz.¹⁰¹

O fato de os participantes terem assinalado a *Autorrealização* demonstra que não só acreditam ter um potencial de natureza, como também buscam realizá-lo historicamente por meio do trabalho. O potencial, enquanto não realizado, é capacidade de ser, somente após torná-lo realidade o indivíduo pode ser aquilo que nasceu para ser.

Enquanto os participantes do Grupo I responderam as afirmações já citadas, o Grupo II à mesma perguntou trouxe os seguintes dados:

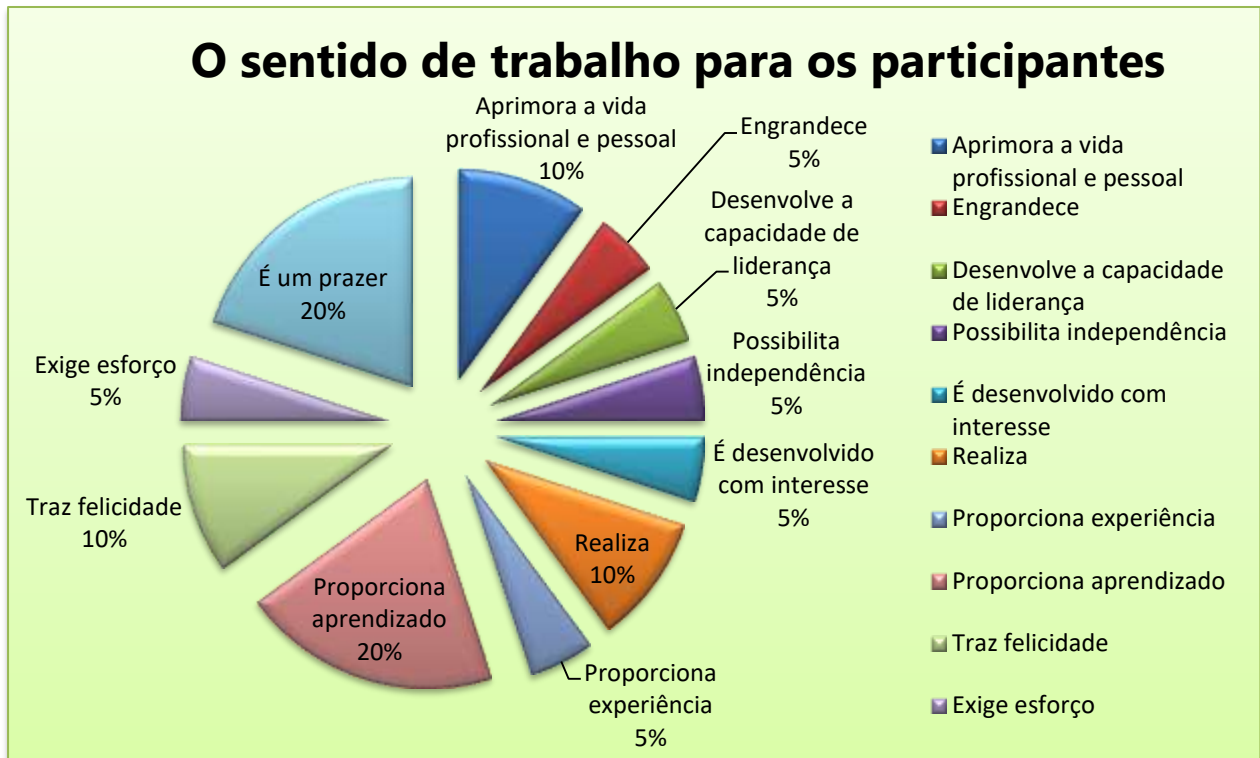


Gráfico 2 - Respostas do Grupo II á pergunta "Um trabalho que faz sentido é um trabalho que?"

Entre o Grupo II a resposta mais representativa foi o sentido de trabalho como *Prazer* (20%), tendo a mesma representação a resposta *Proporciona aprendizado* (20%). Em seguida vieram as opções *Traz felicidade* (10%), *Realiza* (10%), *Aprimora a vida profissional e pessoal* (10%), *Exige esforço* (5%), *É desenvolvido com interesse* (5%), *Engrandece* (5%), *Desenvolve a capacidade de liderança* (5%), *Possibilita independência* (5%) e *Proporciona experiência* (5%).

O trabalho considerado *Prazer* pelos participantes remete a um trabalho que agrada, uma atividade de que gostam e portanto realizá-la lhes dá prazer. Para esses participantes o sentido do trabalho está ligado ao gosto pelo o que se faz, a quanto aquela atividade agrada o realizador. Assim como, a opção *Proporciona aprendizado* está ligada à experiência adquirida pelo contato com aquela atividade. Isso fica mais claro observando a resposta do participante 8: "O melhor no trabalho é poder conciliar o conhecimento teórico à parte prática, assim é possível aprender mais em minha área". Com essa opção entende-se que o trabalho é importante para os participantes, tendo em

vista a experiência que pode ser adquirida, o que se pode aprender de forma mais prática em relação à própria atuação.

Resposta importante de se analisar também é a alternativa *Exige esforço*. Com essa opção podemos perceber que dentre os participantes há aqueles que caracterizam o trabalho como um esforço, algo que não é feito de forma agradável, mas sim como uma necessidade. Há como pano de fundo na área profissional algo de obrigacional, o trabalho como uma imposição, seja ela social, financeira ou moral, e não escolha do indivíduo.

Aspecto importante a destacar nesta questão é que enquanto os jovens com formação ontopsicológica conseguem conceber o trabalho como forma de desenvolvimento e autoconhecimento, os jovens sem formação ontopsicológica conseguem transcender a ideia de trabalho como tortura ou obrigação, mas o veem na melhor das hipóteses como um prazer apenas.

3.1.2 Mudança de racionalidade pelo trabalho

Na questão “Depois do trabalho o que mais mudou no seu modo de pensar...” é possível analisar em quais aspectos e até que ponto o trabalho modificou a racionalidade dos participantes.

O que mais mudou no modo de pensar depois do trabalho

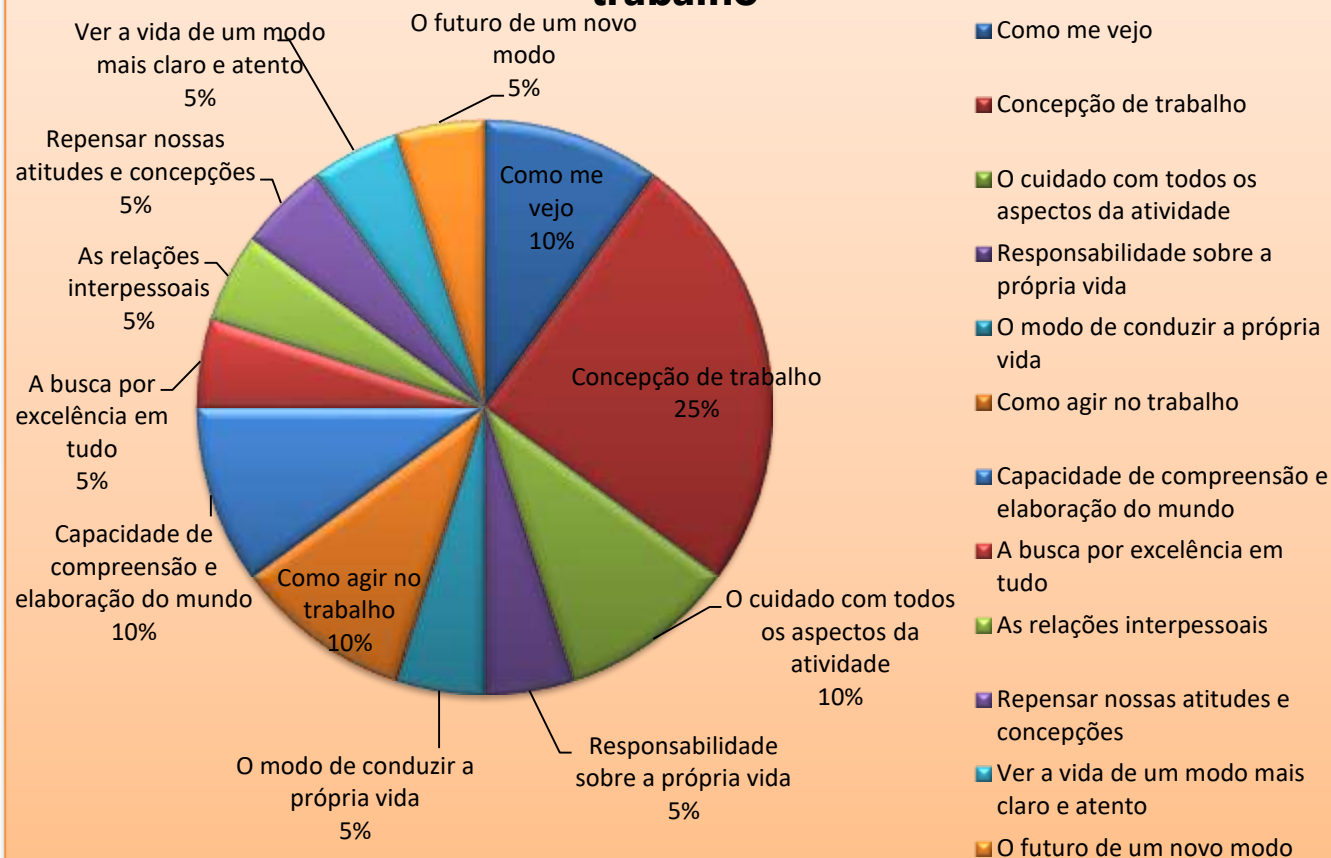


Gráfico 3 - Respostas do Grupo I à pergunta "Depois do trabalho o que mais mudou no seu modo de pensar...?"

Entre os participantes do Grupo I predominou a opção *Concepção de trabalho* (25%) e em seguida vieram as respostas *Como me vejo* (10%), *Capacidade de compreensão e elaboração do mundo* (10%), *Como agir no trabalho* (10%) e *O cuidado com todos os aspectos da atividade* (10%). Dentre as respostas de menor frequência estavam: *Responsabilidade sobre a própria vida* (5%), *O modo de conduzir a própria vida* (5%), *A busca por excelência em tudo* (5%), *As relações interpessoais* (5%), *Repensar nossas atitudes e concepções* (5%), *Ver a vida de um modo mais claro e atento* (5%) e *O futuro de um novo modo* (5%).

A opção mais frequente, *Concepção de trabalho*, demonstra que os participantes mudaram o modo de ver o trabalho após iniciarem-se no mundo

profissional. Podemos observar com mais clareza esse argumento na resposta do participante 16:

[...] antes de trabalhar sempre ouvi dos meus pais e amigos que o trabalho era uma obrigação e também necessidade para viver [...] só com o meu primeiro trabalho eu entendi que o trabalho não era um fardo, muitas vezes era um prazer realizá-lo

Existe ainda em nossa sociedade a concepção de trabalho como fardo, como necessidade de subsistência apenas ou ainda, uma imposição social. É comum encontrar aqueles que veem o trabalho somente como fonte de renda ou uma ocupação necessária para a vida em sociedade. Porém, por meio das respostas dos participantes do Grupo I, é possível perceber que para estes há uma concepção diferenciada de trabalho, na qual este pode ser desenvolvimento, forma de autoconhecimento, possibilidade de autonomia, realização existencial, entre outros. Com isso, também, chega-se a segunda resposta mais frequente, *Como me vejo*, onde é possível observar que o modo diferenciado de ver o trabalho tem relação direta no modo de ver a si mesmo.

Além de o trabalho ser uma forma de elaboração que em seu desenvolvimento possibilita ao realizador descobrir a si mesmo e ver-se de forma mais real, o impostar-se de forma séria e profunda em relação a ele tem influência direta no modo como ele transformará o indivíduo. Aqueles que trabalham de forma profunda e inteira colocam-se em cada parte da realização, fazendo com que a atividade torne-se um pouco ele e ele um pouco a atividade. Dessa forma, o modo como se vê o trabalho depende do modo como vê a si mesmo, e o contrário é verdadeiro.

Em relação ao segundo Grupo, obteve-se os seguintes dados:

O que mais mudou no modo de pensar depois do trabalho

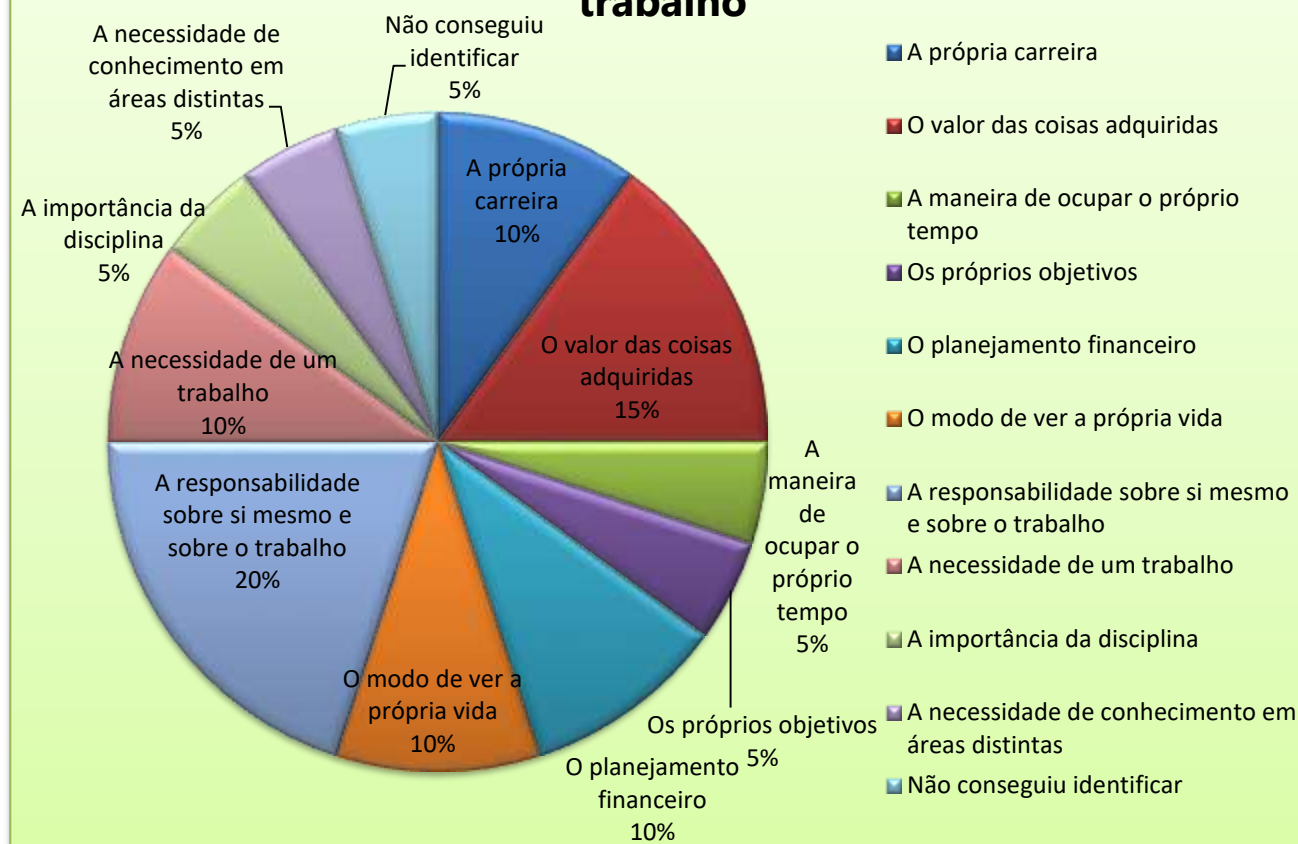


Gráfico 4 - Respostas do Grupo II à pergunta "Depois do trabalho o que mais mudou no seu modo de pensar...?"

Entre os participantes do Grupo II como resposta mais frequente tem-se *O valor das coisas adquiridas* (15%), e em sequência *O planejamento financeiro* (10%), *O modo de ver a própria vida* (10%), *A necessidade de um trabalho* (10%), *A própria carreira* (10%), *A necessidade de conhecimento em áreas distintas* (5%), *A importância da disciplina* (5%), *A maneira de ocupar o próprio tempo* (5%), *Os próprios objetivos* (5%) e *Não conseguiu identificar* (5%).

As duas respostas mais frequentes à pergunta estão relacionadas ao âmbito econômico. A primeira, *O valor das coisas adquiridas*, remete ao modo como se avalia o valor econômico dos objetos e outras coisas suscetíveis à custo. É possível observar esta ideia na afirmação do participante 42:

Antes do trabalho meus pais compravam o que eu precisava ou me davam dinheiro para isso. Eu tinha a maior parte das coisas que eu queria. Depois que comecei a ganhar meu próprio

dinheiro, passei a ver que as coisas eram mais difíceis e caras do que eu pensava.

Essa afirmação demonstra que para os participantes do Grupo II a maior mudança de pensamento com o trabalho está ligada à administração financeira, à importância do dinheiro e ao modo como decidem utilizar o que recebem pelo trabalho. Essa mesma ideia é pano de fundo para a resposta *Planejamento financeiro*.

Com menor frequência, encontram-se as respostas *A importância da disciplina* e *A maneira de ocupar o próprio tempo*. Por meio delas é possível observar que com o trabalho os participantes mudaram o modo de pensar em como administrar seu tempo, tendo em vista a hierarquia de atividades e também as responsabilidades novas adquiridas. Da mesma forma foi necessária também a disciplina, para que fosse possível realizar as atribuições do trabalho.

Outra resposta importante à pesquisa foi *Não conseguiu identificar*, pois com ela observou-se que dentre os participantes sem formação ontopsicológica, haviam aqueles que não conseguiram identificar o que a experiência do trabalho agregou em suas vidas, demonstrando que era possível haver entre eles indiferença ou descaso em relação ao trabalho. A partir dessa resposta é possível perceber também que alguns dos participantes não haviam ainda analisado o que o trabalho representava em suas vidas, e portanto, ao questionar-se não encontraram resposta.

É importante ressaltar que, pelo trabalho os participantes do Grupo I mudaram não somente o modo de ver o trabalho, sua concepção, mas também o modo de ver a si mesmos. Os participantes do Grupo II mudaram pelo trabalho principalmente o modo de se relacionar e administrar o próprio tempo e dinheiro, sendo que, alguns nem mesmo conseguiram identificar mudanças em si mesmos.

3.1.3 Objetivo no trabalho

Em relação à pergunta “O seu maior objetivo com o trabalho é?”, as respostas do Grupo I foram as seguintes:

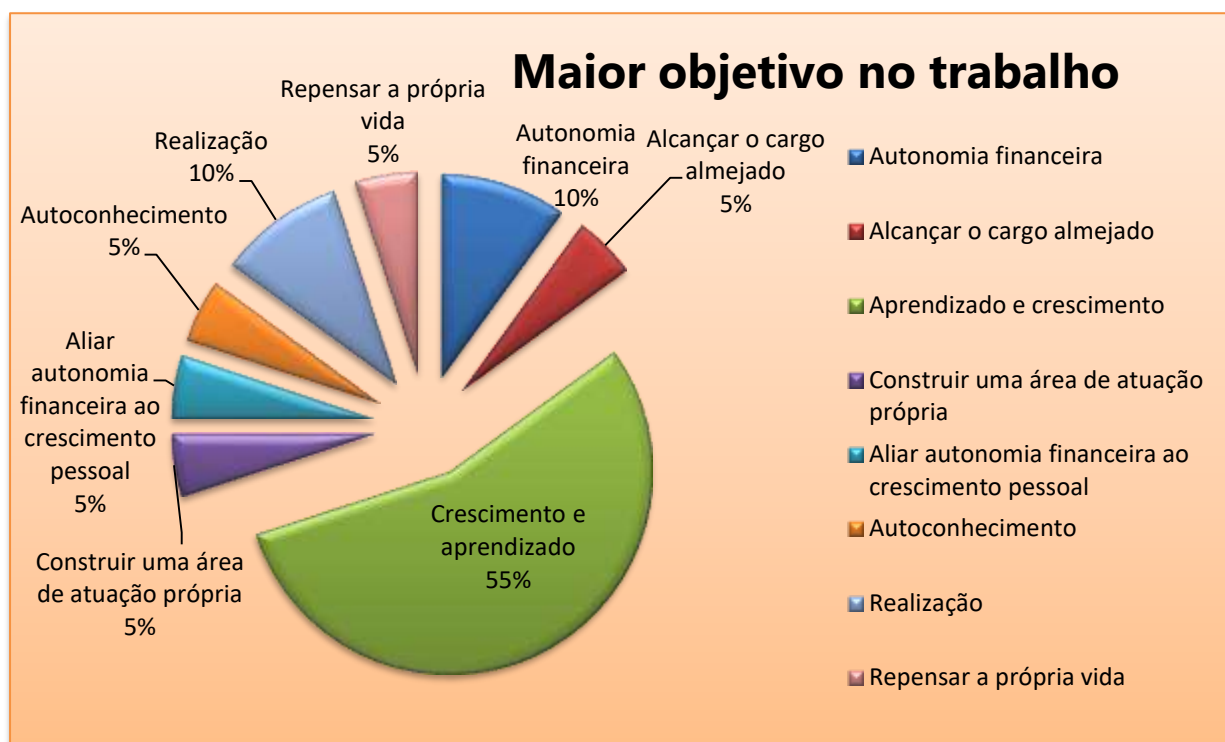


Gráfico 5 - Respostas do Grupo I à pergunta "O seu maior objetivo com o trabalho é?"

O Grupo I apresentou como resposta mais significativa *Crescimento e aprendizado* (55%), seguindo com *Realização* (10%), *Autonomia financeira* (10%), *Autoconhecimento* (5%), *Repensar a própria vida* (5%), *Alcançar o cargo almejado* (5%), *Aliar autonomia financeira ao crescimento pessoal* (5%) e *Construir uma área de atuação própria* (5%).

O principal objetivo do grupo pelo trabalho é o *Crescimento e aprendizado*, representando mais de a metade das escolhas. Esse dado demonstra que pelo trabalho o que os participantes mais buscam é crescer enquanto pessoas. Mesmo nas demais respostas percebe-se a relação com o crescimento, quando há o intuito de se realizar, repensar a própria vida e buscar o autoconhecimento. Os objetivos apresentados pelos participantes vão além dos objetivos comuns ou usuais como conquistas materiais, status social ou estereótipo. Buscam cultivar o lado mais belo de si, de forma egoísta e saudável.

Enquanto isso, o Grupo II apresentou os seguintes dados:



Gráfico 6 - Respostas do Grupo II à pergunta "O seu maior objetivo com o trabalho é?"

Dentre o Grupo II a resposta *Conhecimento* (45%) foi a de maior participação, a qual foi seguida por *Estabilidade financeira* (15%), *Crescimento* (15%), *Reconhecimento* (10%), *Realização* (10%) e *Experiência* (5%).

Majoritariamente foi apresentado o *Conhecimento*, demonstrando o interesse dos participantes em aprender com a experiência pelo trabalho. Essa hipótese já foi também confirmada anteriormente, quando citada como sentido para o trabalho. Também significativa foi a resposta *Estabilidade financeira*, a qual se comparada a questão anterior confirmará a predominância do aspecto financeiro no que se refere ao trabalho para os participantes. Pelas respostas do grupo sem formação ontopsicológica, é possível demonstrar que, diferentemente do Grupo I, este tem com o trabalho uma relação baseada em aspectos econômicos.

3.1.4 Aprendizagem pelo trabalho

Na questão "O seu trabalho traz aprendizagem contínua?", tinha-se como objetivo descobrir de que forma os participantes utilizavam o trabalho como oportunidade de aprender. Porém, não apenas uma forma limitada de

aprendizado, mas sim, a constante atualização e renovação de conhecimento. Com isso, é possível também, analisar até que ponto há disponibilidade no jovem para aprender, tendo em vista que o trabalho é uma fonte quase ilimitada de possibilidades de aprendizado.

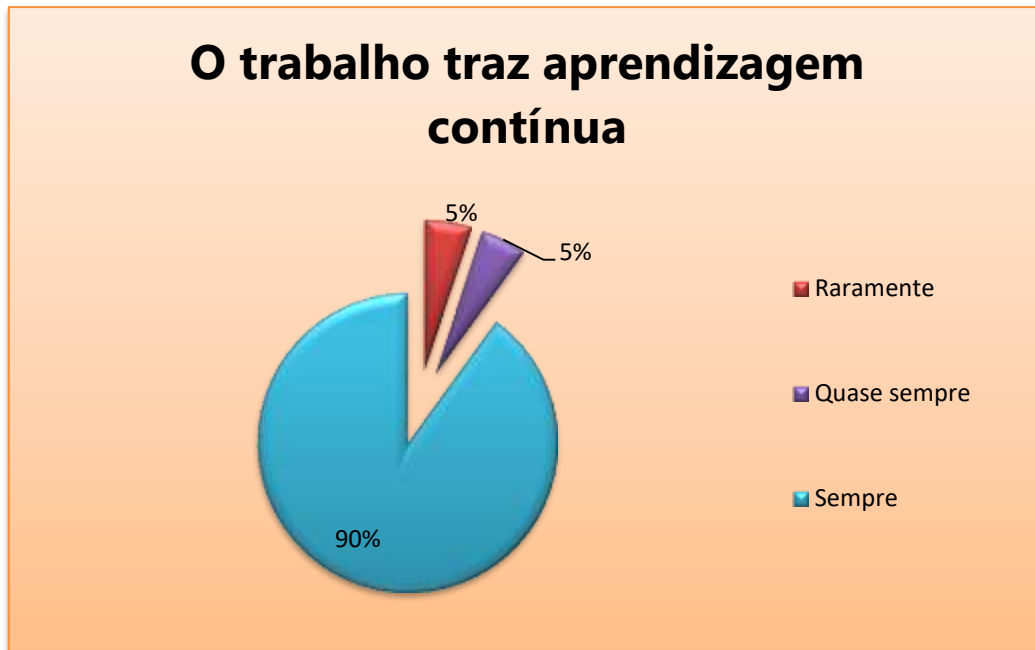


Gráfico 7 - Respostas do Grupo I á pergunta "O seu trabalho traz aprendizagem contínua?"

Nas respostas do Grupo I a opção *Sempre* teve 90% de participação, sendo então a resposta mais representativa. Com menor frequência foram utilizadas as respostas *Raramente* e *Quase sempre*, ambas com 5%. Com isso, foi possível observar que no grupo com formação ontopsicológica quase todos os participantes veem o trabalho como forma de aprendizagem contínua, e para isso estão abertos e disponíveis.

Por outro lado, o Grupo II teve em seus dados de respostas para a mesma questão:

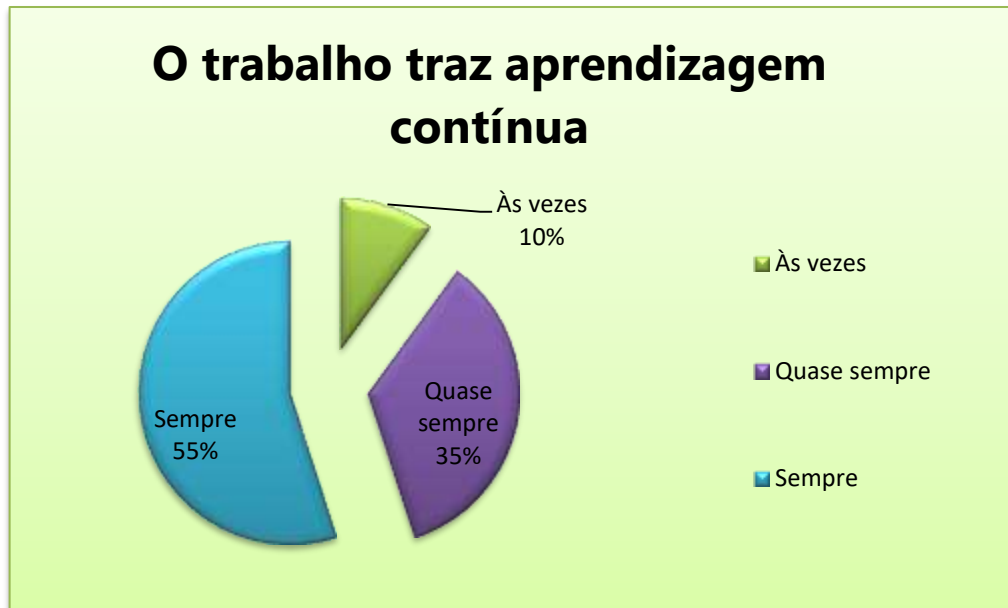


Gráfico 8 -- Respostas do Grupo II á pergunta "O seu trabalho traz aprendizagem contínua?"

A resposta majoritária dentro do Grupo II, assim como no Grupo I, foi a opção *Sempre* (55%), seguida por *Quase sempre* (35%) e *Às vezes* (10%). Apesar de entre os grupos a resposta majoritária ter sido a mesma, houve uma diferença entre de 35% de participação. Dentre o Grupo I, praticamente todos os participantes consideram que seu trabalho traz aprendizagem contínua, enquanto no Grupo II, pouco mais de a metade concorda com a mesma afirmação.

Com isso, evidencia-se que entre os participantes com formação ontopsicológica, a ideia de trabalho como aprendizado é já consolidada, faz parte da concepção de trabalho dos mesmos. Já entre os participantes do Grupo II, não há tal consenso, mostrando que para muitos o trabalho ainda não é visto ou aproveitado como oportunidade de aprendizado.

3.1.5 Visão de mundo após o trabalho

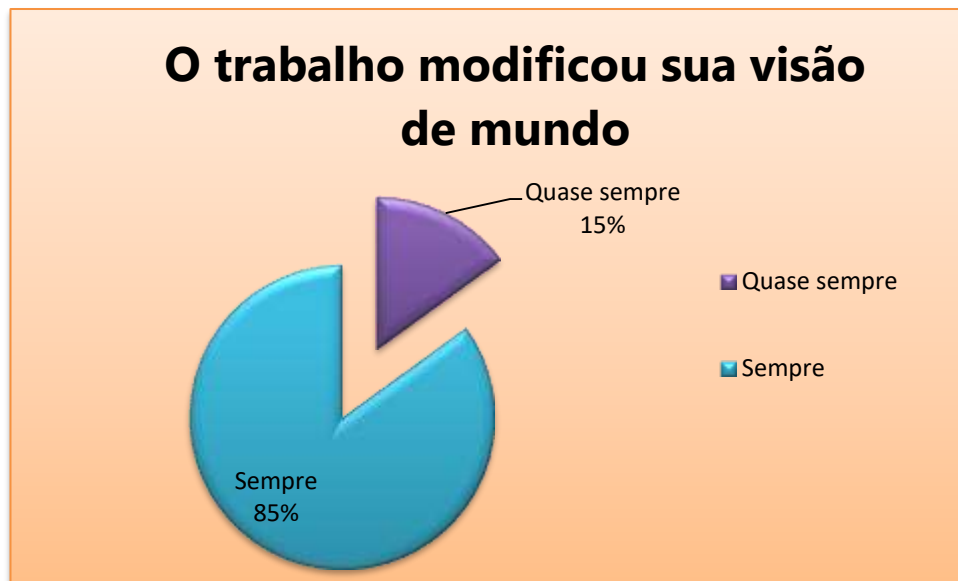


Gráfico 9 - Respostas do Grupo I á pergunta "O seu trabalho modificou sua visão de mundo?"

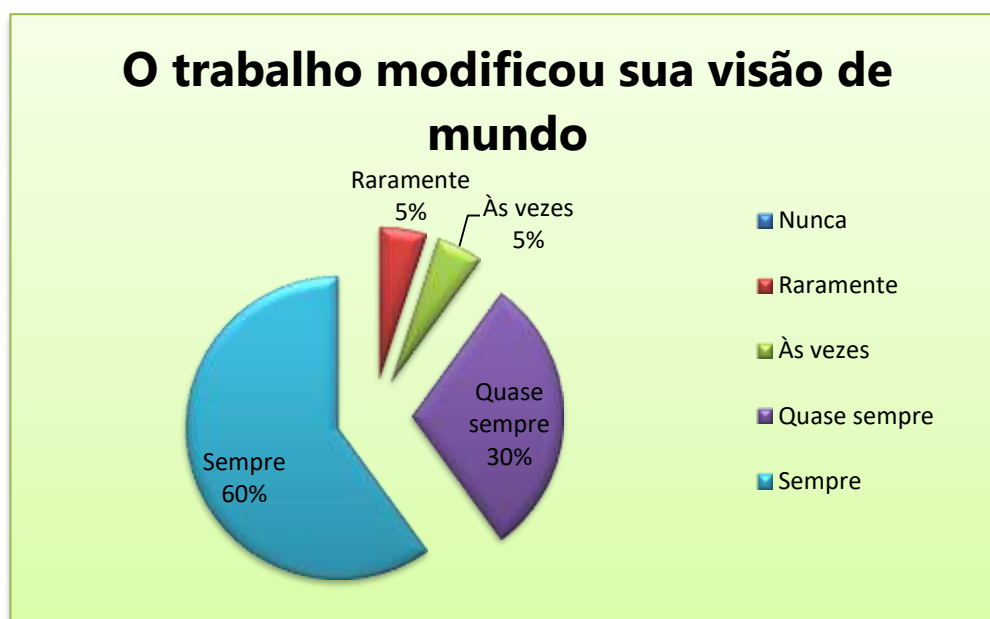


Gráfico 10 - Respostas do Grupo II á pergunta "O seu trabalho modificou sua visão de mundo?"

Desta questão colhe-se que os participantes do Grupo I são mais incisivos ao afirmarem que o trabalho sempre modifica a sua visão de mundo, com 85% contra 60% do Grupo II. Embora a diferença não pareça ser tão larga reforça a tese de que os indivíduos do Grupo I possuem maior harmonia quanto às respostas, o que revela que possuem opiniões e visões mais claras quanto às perguntas realizadas, enquanto que os participantes do Grupo II

muitas vezes se depararam pela primeira vez no ato de refletirem sobre estas questões.

Como síntese dos dados apresentados, expõe-se a seguir um quadro com o resumo das respostas comparadas entre os dois grupos. As respostas da coluna esquerda são as mais representativas da opinião dos participantes inseridos no Grupo I, ou seja, daqueles que fizeram formação ontopsicológica. Já a coluna direita representa a opinião dos participantes que se inserem entre aqueles que não fizeram formação ontopsicológica. As porcentagens citadas são o resultado das várias questões que envolvem cada um daqueles temas.

Resumo comparativo entre as respostas dos Grupos I e II	
<i>Respostas do Grupo I</i>	<i>Respostas do Grupo II</i>
(1) <u>Sentido do Trabalho</u>	
55% (Desenvolver pessoalmente e profissionalmente)	40% (É um prazer e proporciona aprendizado)
(2) <u>O que mais mudou no modo de pensar depois do Trabalho</u>	
25% (Concepção de trabalho)	20% (Responsabilidade sobre si mesmo e sobre o trabalho)
(3) <u>Maior objetivo no Trabalho</u>	
55% (Crescimento e aprendizado)	45% (Conhecimento)
(4) <u>Se o trabalho traz aprendizagem contínua</u>	
90% (Sempre)	55% (Sempre)
(5) <u>Visão de mundo após o trabalho</u>	
85% (Sempre)	60% (Sempre)

A afirmação anterior aqui se torna mais nítida: de fato o Grupo I é mais coeso. Exemplo disso é a linha 1, sobre sentido do Trabalho, onde para obter os 40% do Grupo II foi necessário reunir as respostas de duas opções (“É um prazer” e “proporciona aprendizado”).

Ademais, as respostas do Grupo I são mais coerentes, pois a maioria gira em torno das ideias de desenvolvimento pessoal e profissional e crescimento e aprendizagem, ou seja, revela essa ideia primordial de trabalho como formação e desenvolvimento, para estes participantes.

Por outro lado os participantes do Grupo II não parecem ter muito claro suas concepções sobre trabalho, pois as respostas predominantes variam entre conhecimento, responsabilidade, prazer e aprendizagem. Ou seja, parecem ter visões fragmentadas e não uma concepção abrangente do que vem a ser trabalho. Além disso, em raras ocasiões as respostas do Grupo II revelaram alguma opção bastante predominante sobre as demais, tendo em vista que nas três primeiras perguntas do quadro, aquelas que oferecem maior liberdade de resposta, nenhuma superou a margem de 50%.

Não se pretende aqui afirmar que os participantes do Grupo II possuem visão inferior sobre o Trabalho, mas que é nítido que em seu processo existencial pouquíssimas vezes refletiram sobre a importância da experiência profissional para a própria vida. De modo geral parece que as respostas são mais condicionadas socialmente e historicamente por aquilo que ouvem e aprendem nas famílias, comunidades, escolas, faculdades, etc.

Independentemente de qual seja a sua concepção de trabalho, refletir sobre tal questão é fundamental para se poder absorver e aprender mais nas experiências relacionadas ao trabalho, pois assim passa-se do estágio automático, de trabalhar por trabalhar, para um estado psicologicamente mais autônomo, em que o jovem sabe dizer para si mesmo o que quer com este trabalho, qual a razão e como sente diante dele. Sem ter essa noção profunda a capacidade de aprendizagem no trabalho sofre redução.

Não obstante para se ter uma compreensão mais profunda e detalhada das percepções dos dois grupos é necessário analisar as entrevistas individuais, pois assim é possível colher dados que não são claros em respostas objetivas.

3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A segunda parte da pesquisa empírica do presente trabalho foi desenvolvida a partir da realização de uma entrevista com dois participantes de cada um dos grupos integrantes da pesquisa. Os entrevistados da pesquisa foram escolhidos de forma aleatória e, para melhor identificação foram

separados como participantes A e B de cada grupo, sendo identificados pelo número.

O objetivo da entrevista era poder aprofundar alguns itens trabalhados de forma mais superficial no questionário e, também, questionar alguns aspectos não abordados no primeiro momento.

3.2.1 O que é o trabalho

Por meio da questão “O que é o trabalho para você?” buscou-se de forma mais clara e aberta encontrar a concepção de trabalho para os participantes.

	O que é o trabalho para você?
A2	O trabalho é algo que proporciona benefícios verdadeiros às pessoas, o importante para mim é conseguir fazer algo que seja diferente para a sociedade e alimente o ambiente em que estou.
B2	Fonte de renda para ajudar a pagar a faculdade.
A1	Possibilidade de construção da autonomia existencial. O trabalho proporciona independência econômica, aprimoramento das relações interpessoais, desenvolvimento do próprio potencial. Pelo trabalho o homem entra em contato com o mundo e torna-se capaz de transformar este mundo. Para poder fazer aquilo que se quer, deve partir do trabalho.
B1	O trabalho é uma oportunidade de reconstrução da própria vida, fazer novidade, pois por meio dele há sempre a possibilidade de redescobrir a si mesmo e também de se desenvolver. Só é possível crescer e se construir pela ação, pela elaboração das coisas, nos colocamos de forma séria no que fazemos.

Tabela 2 - "O que é o trabalho para você?"

Com essa indagação é possível observar alguns dos aspectos já ressaltados de forma mais genérica nas questões referentes ao sentido e objetivo do trabalho na primeira parte da pesquisa. Porém, com esta questão buscou-se evidenciar de forma mais profunda as diferenças na concepção de trabalho entre os grupos.

É importante ressaltar a forma como os participantes do Grupo II falam do trabalho como algo que não os toca profundamente, que não é algo seu. Para o participante A2, o trabalho é algo para a sociedade somente, algo feito para a instituição e não principalmente para si mesmo. Nesse sentido, acredita

que seu trabalho beneficia as pessoas, mas não consegue identificar de que forma ele interferena própria vida, qual o significado para si enquanto pessoa. Já o participante B2, reafirmando a resposta majoritária da questão “*O que mais mudou no seu modo de pensar após o trabalho?*”, remete o trabalho a questões econômicas. O trabalho é reduzido a necessidade de subsistência e fonte de renda somente, ignorando seus aspectos mais profundos e inclusive alguns básicos como gosto, identificação, vontade de realizar.

Nas respostas dos integrantes do Grupo I é possível encontrar análises mais profundas da ideia de trabalho, como por exemplo, na resposta do participante A1 quando o considera uma oportunidade de construção da autonomia existencial. Diferentemente do participante A2, o participante A1 traz o trabalho como algo seu e que pode torná-lo livre. Ainda quando aborda a questão financeira, a aborda também ligada à independência, a ideia de ser livre. Toda a sua concepção de trabalho remete a ideia de liberdade, entrar em contato com o mundo, elaborá-lo e então tornar-se livre. Para ele, o ponto de partida para isso é o trabalho.

O participante A2, por sua vez, vê o trabalho como oportunidade de reconstrução de si e da própria vida. Partindo da ideia de que o trabalho é fonte de autoconhecimento, a partir dele é possível descobrir-se e fazer novidade. O trabalho não é a única fonte de autoconhecimento, mas somente por meio da ação é possível mudar e se desenvolver.

3.2.2 *Concepção de trabalho antes e depois de começar a trabalhar*

	Como você via o trabalho antes de começar a trabalhar? Como você o vê hoje?
A2	Por ter crescido no interior aprendi com a minha família que o trabalho é uma necessidade, algo essencial à sobrevivência. Se eu quisesse algo na vida teria que lutar por isso. Já naquela época sentia necessidade de evoluir para sair daquele lugar para conquistar minha mãe e meus sonhos, melhorando sua realidade. Hoje me sinto bem por trabalhar e por ser gratificante atender as pessoas e poder proporcionar ajuda a elas.
B2	Comecei a trabalhar cedo para poder pagar os estudos, comprar roupas e outras coisas. Hoje continua sendo a mesma coisa, a única diferença é que por ser vinculada a área que estudo é também uma oportunidade de aprender.

A1	Via como imposição social e histórica. Necessidade para sobreviver e ter um mínimo de liberdade na vida social. Encarava o trabalho de um modo mais pesado, como se fosse um fardo. Hoje o trabalho é espaço de alegria, pois proporciona momentos de realização e criatividade. Pelo trabalho tenho a experiência de construir algo superior, atividades que podem transformar a mim e aos outros. Reconheço que foi somente quando me impussei de modo distinto em relação ao trabalho que parte de minha angústia passou a ser preenchida.
B2	Antes via o trabalho como uma ocupação necessária, mas não agradável. Hoje continuo vendo o trabalho como algo necessário, mas não pelos mesmos motivos. Muito além da possibilidade de renda e outros aspectos mais básicos, vejo como necessidade para o crescimento enquanto pessoa e também para transcender algumas formas de pensar e de ver a si mesmo. Muitas concepções, ideias e argumentos mudaram depois de trabalhar, pois pude me colocar à prova e ver os resultados das minhas ações.

Tabela 3 - "Como você via o trabalho antes de começar a trabalhar? Como você o vê hoje?"

Os quatro entrevistados antes do trabalho o concebiam como necessidade ou imposição social e histórica. Ambos acreditavam que este era um meio para se chegar à subsistência, obter conquistas financeiras e até mesmo ter um mínimo de liberdade social. Porém, os participantes do grupo sem formação ontopsicológica, Grupo II, após o trabalho mantiveram na base a mesma concepção, apenas agregando novos aspectos como adquirir conhecimento na própria área ou auxiliar as pessoas.

Por outro lado, os participantes do Grupo I, grupo com formação ontopsicológica, demonstraram ter mudado totalmente a concepção primária após o trabalho. Ambos transcenderam a concepção de trabalho como necessidade ou obrigação para então vê-lo como oportunidade de crescimento, realização, criatividade e até mesmo algo terapêutico, que auxilia na superação da angústia e mudança de racionalidade.

3.2.3 *Ideia de responsabilidade*

A ideia de responsabilidade está completamente ligada à concepção de trabalho para os participantes de nossa pesquisa. A palavra responsabilidade foi utilizada inúmeras vezes como resposta às questões incluídas no

questionário da primeira parte de nossa pesquisa empírica, sendo que foi uma das opções de maior peso na questão “*O que mais mudou no seu modo de pensar depois do trabalho?*”.

	O que é responsabilidade para você?
A2	Cumprir aquilo que me propus.
B2	Cumprir prazos, fazer as coisas certas.
A1	A atitude de tomar conta em modo total da própria vida. Saber que tudo, de bom ou de ruim, que acontece a nós, é responsabilidade nossa. Conscientemente ou inconscientemente somos sempre nós que agimos a favor ou contra nós mesmos.
B1	Responsabilidade é conduzir de modo sério tudo que nos envolve. É o modo de se impostar a todo o momento como o responsável por tudo o que fazemos e também pelo o que acontece conosco.

Tabela 4 - “O que é responsabilidade para você?”

A partir dos dados das entrevistas evidenciou-se que a concepção de responsabilidade é muito diferente entre os grupos participantes, por isso cabe contextualizá-las. Para os participantes do Grupo II ela está muito mais ligada à obrigações, prazos e deveres. Para eles, a responsabilidade está inserida principalmente no contexto do trabalho.

Já os participantes do Grupo I, trouxeram a ideia de responsabilidade muito mais ligada à própria vida, às atitudes e a profundidade no modo de agir. Para eles, a responsabilidade envolve tudo ligado a eles mesmos, ao modo de agir na própria vida e não apenas no trabalho, mas também a ele.

3.2.4 O trabalho como diferencial

A questão “*O seu trabalho se tornou um diferencial em relação aos outros jovens? Por quê?*” tem como objetivo analisar de que forma os jovens têm utilizado o próprio trabalho em sua formação pessoal e profissional, tendo em vista que, este pode ou não se tornar um diferencial em relação aos outros jovens.

	O seu trabalho se tornou um diferencial em relação aos outros jovens? Por quê?
--	---

A2	Sim, pois por atuar em uma área com a qual me identifico posso aprender muito e isso fez com que eu adquirisse maior conhecimento que o normal.
B2	Depende das amizades, colegas. Meus amigos de mais tempo acham que mudei meu modo de falar e agir, enquanto os colegas mais recentes não veem muita diferença. Pelo trabalho atual imagino que ainda não conquistei destaque do restante.
A1	Sim, pois me ajudou a desenvolver a parte atitudinal, que é um grande diferencial. Responsabilidade, atitude de buscar se conhecer, iniciativa, entre outras atitudes. Além disso, a experiência de trabalhar em uma perspectiva ontopsicológica ensina a ter uma visão e forma de se relacionar com o ser humano diferenciado, mais preocupado com o desenvolvimento de potencial de cada um.
B1	Sim, pois por ter percebido a importância do trabalho para a minha formação eu me impus de forma séria e pude aproveitar as oportunidades de crescimento e autoconhecimento que ele proporcionou. Pelo trabalho tive disponibilidade total para mudança e aprendizado, o que resultou em uma transformação de racionalidade e atitude em relação à vida.

Tabela 5 - "O seu trabalho se tornou um diferencial em relação aos outros jovens? Por quê?"

3.2.5 O trabalho modificou sua visão de mundo

	O trabalho modificou sua visão de mundo? Por quê?
A2	Sim, pois apesar de acreditar que o mundo pode melhorar com as pessoas dispostas a lutar pelos direitos da coletividade, percebi que ainda existe muita coisa que as impede de agir. As pessoas não fazem muito pelos outros, mas eu achava que os cargos como os do poder judiciário buscavam melhorar a sociedade. Depois de iniciar meu trabalho vi o quanto há de influência política, econômica e de poder que impede a sociedade de melhorar.
B2	Modificou, pois percebi como o mundo é maior do que eu pensava e como ainda sou pequeno.
A1	Sim, antes tinha uma visão mais pessimista do ser humano. Digamos que trabalhando com formação humanista aprendi a amar e valorizar mais o ser humano, buscar compreender o potencial de cada um. Conhecendo melhor a mim mesmo consegui relativizar várias opiniões, compreendendo melhor os dilemas dos outros.
B1	Sim, depois do trabalho minha visão em relação a tudo foi aos poucos modificada, porque percebi que precisava ser muito mais

	humilde em relação às minhas ideias e concepções, o que abriu muito mais o meu modo de ver as pessoas, a mim mesma e ao mundo como um todo.
--	---

Tabela 6 - "O trabalho modificou sua visão de mundo? Por quê?"

3.2.6 Mudança em si mesmo causada pelo trabalho

	Você vê diferença em você antes e depois de trabalhar? Por quê?
A2	O que mudou foi o crescimento intelectual e também passei a me sentir mais útil para a sociedade, dando mais valor a mim mesma.
B2	Sim, pois me tornei mais responsável e aprendi a me comportar de maneira mais adulta e adequada. O trabalho me ajudou a amadurecer e entender que é necessário estudar constantemente na área de atuação que escolhi.
A1	Sim, confio mais em mim, no meu potencial. Em síntese, depois de trabalhar passei a acreditar que posso construir uma carreira realmente de valor. Eu era muito angustiado, não conseguia vislumbrar um modo de achar uma carreira que me desse retorno existencial também. Agora sei que é possível construir a própria personalidade através do trabalho.
B1	Sim, vejo que hoje sou outra pessoa. Antes de trabalhar tinha muito medo de enfrentar as dificuldades que encontrava e de resolver meus próprios dilemas. Sentia a necessidade de fazer algo, mas não sabia o que, como, quando. Permanecia uma angustia que muitas vezes se tornava raiva e agressividade. Somente pelo trabalho pude perceber aos poucos que era na verdade muito diferente do que aparentava ser e que, havia uma parte especial minha que precisava ser encontrada e desenvolvida. Com os momentos de realização, alegria e tantos outros envolvidos no desenvolvimento do trabalho fui aos poucos tomando coragem para enfrentar meus próprios dilemas, começar a me descobrir e me responsabilizar pela minha vida.

Tabela 7 - "Você vê diferença em você antes e depois de trabalhar?"

Nota-se que existe uma percepção diferenciada quanto a ideia de trabalho nos participantes de ambos os grupos. Em cada questão, os participantes do grupo 1 ressaltaram sempre aspectos existenciais mais profundos que os participantes do grupo 2.

Com isso não se pretende levantar alguma diferenciação ou comparação de superioridade entre os grupos, mas evidenciar a distinção que promove a experiência de participar de uma formação ontopsicológica.

As visões dos participantes do grupo 2 não podem ser consideradas de menor valor, pois refletem a realidade histórica vivenciada por eles. Todos os participantes retratam o percurso existencial trilhado por cada um.

Qual então o impacto de uma formação ontopsicológica?

A pedagogia ontopsicológica busca propiciar ao jovem uma formação que possibilite autóctise histórica, que construa o indivíduo conforme o projeto de natureza que emana do Em Si ôntico. A formação ontopsicológica parte desta premissa para auxiliar os jovens a cultivarem estilos de vida e hábitos diferenciados, conscientizando-os da importância fundamental de não desabarem na massificação. Porém, para se despertar para esta realidade é preciso transcender estereótipos e ideologias aprendidas na cultura familística e societária ligadas ao trabalho, sobretudo aquela que defende a atividade laboral como dor e apenas luta por sobrevivência em um mundo capitalista.

Tal concepção de trabalho já era criticada por Hesíodo na Grécia Antiga, e receberia contestações de vários filósofos nos séculos seguintes. Para se compreender valores mais profundos no trabalho é necessário relativizar essas concepções estereotipadas.

As considerações finais serão construídas no sentido de ressaltar a importância de uma formação ontopsicológica para cultivo de uma ideia mais responsável de trabalho.

3.3 ANÁLISE DOS FORMULÁRIOS

A terceira parte da pesquisa empírica do presente trabalho foi desenvolvida a partir do preenchimento de dois formulários pelos mesmos quatro participantes das entrevistas, ou seja, dois participantes com formação ontopsicológica identificados como A1 e A2, e dois participantes sem formação ontopsicológica identificados como B1 e B2. Os formulários são baseados no Teste Schwartz,

No primeiro formulário foram apresentadas descrições de 40 pessoas, e os participantes tinham que responder o quanto aquela pessoa parecia ou não com ele. No segundo formulário, foram apresentadas 45 questões sobre

algumas características da pessoa e o participante deveria responder se aquilo se aplica ou não a ele.

Esses formulários ajudam a compreender o que as diferentes formações proporcionam na formação da personalidade dos participantes e no entendimento do que é importante na vida. Os formulários são apresentados na íntegra como anexos ao final do trabalho.

Os jovens que fizeram formação ontopsicológica destacam-se por frequentarem ciclos de palestras e cursos visando desenvolvimento pessoal e profissional, residências de autenticação, treinamentos em coaching, e várias atividades teóricas e práticas que visam conduzir a pessoa ao íntimo de si mesma, ao seu projeto de natureza. Com isso é natural que o jovem passe a tratar de sua carreira e vida de um modo diferenciado, observando cada experiência como oportunidade de crescimento, e não apenas obediência às normas sociais.

3.3.1 Criatividade e novidade

O primeiro item do formulário descrevia uma pessoa que para ela era importante inventar algo novo e ser criativo, agir à sua maneira. Enquanto ambos B1 e B2 responderam que essa pessoa se parecia apenas um pouco com eles, A1 e A2 responderam que de fato essa pessoa era parecida com eles.

As atividades de formação ontopsicológica sempre focaram na importância de se criar novas coisas, viver a vida sempre se reinventando, usando a criatividade não somente em grandes projetos, mas em todas as atividades do dia a dia.

Ciclos de formação pessoal e profissional além de palestras sobre criatividade e novidade, sempre traziam atividades que exigiam dos participantes muitas vezes realizarem coisas que nunca haviam feito.

No seu trabalho, A1 e A2 são constantemente estimulados a criarem novos projetos de trabalho, a desenvolverem sua criatividade ao máximo e sempre tornar as tarefas do dia a dia melhores de alguma forma.

Já no caso de B1 e B2, não há uma percepção muito grande da importância da criatividade e novidade. Os jovens sem uma formação adequada, muitas vezes pensam que ser criativo e criar coisas novas é algo circunstancial, algo mais próximo de pessoas mais inteligentes, de artistas, enquanto eles estão satisfeitos em seguir um caminho já pré-determinado, sem necessidade de grandes novidades.

3.3.2 Mudança de planos

Importante frisar também que desenvolvendo a criatividade e a busca por novidades, os jovens com formação ontopsicológica ficam mais preparados para mudar de planos constantemente, conforme as circunstâncias e as surpresas que surgem.

A questão 6 do segundo questionário traz a questão da mudança de planos conforme necessário. B2 responde que muda a maioria das vezes, enquanto B1 normalmente não muda, em compensação tanto A1 quanto A2 mudam sempre.

Para ser líder, é necessário estar preparado para as constantes mudanças e surpresas que surgem no dia a dia. A formação ontopsicológica ajuda o jovem a estar preparado para ter que sempre mudar os seus planos conforme a circunstância.

O jovem precisa conhecer bem a sua área de atuação, além de desenvolver a criatividade e a intuição, para assim estar preparado para mudar seus planos conforme a situação pede.

3.3.3 Riqueza

A segunda questão do primeiro formulário trazia uma pessoa que para ele o importante era ser rico, possuir muito dinheiro e ter coisas caras. B2 respondeu que não parecia com ele e B1 que não parecia nada com ele. A2 respondeu que parecia um pouco com ele, e A1 respondeu que de fato se parecia com ele.

A importância da riqueza é vista com grande destaque nos diferentes participantes, aqueles que não tiveram formação ontopsicológica não deram valor à riqueza, consideraram algo sem importância para eles, o que reflete um forte pensamento nos jovens que não vêem a riqueza como algo positivo, mas como algo responsável pelos males da sociedade.

Diferente é o pensamento de A1 e A2, que enquanto o primeiro considera como algo importante, A2 pelo menos vê como sendo algo um pouco importante.

Nas atividades de formação ontopsicológica proporciona-se um melhor entendimento acerca da importância do dinheiro, como a riqueza de grandes empresários através de seus empreendimentos trazem grande influência na economia e são fundamentais para o desenvolvimento dos países, das tecnologias, desenvolvimento que reflete no crescimento da sociedade e da qualidade de vida.

A riqueza é consequência de trabalho árduo, de conquistas, proporciona qualidade de vida, se vestir bem, morar em uma casa bela e funcional, se alimentar de forma adequada, tudo possui um custo, o que ajuda a valorizar os próprios pertences e a estimular um refinamento cada vez maior.

A formação ontopsicológica mostra que o dinheiro é algo positivo, que não é errado buscar a riqueza, pelo contrário, é buscar ter sucesso em sua atividade, proporcionar desenvolvimento, buscar viver a vida com qualidade.

3.3.4 Igualdade

A terceira questão do questionário traz uma pessoa que considera importante a igualdade de tratamento entre as pessoas, que as pessoas devem possuir condições de vida iguais. B2 diz parecer com ele e B1 diz parecer muito com ele, em contrapartida, tanto A1 como A2 responderam que não se parece nada com eles.

Esse ponto representa uma das maiores diferenças entre quem teve e quem não teve formação ontopsicológica. A1 e A2 aprenderam que cada um possui as condições de vida conforme suas ações. Aqueles que aprenderem a agir no mundo do *business* e se esforçarem no trabalho terão melhores

condições, aqueles que se tornarem líderes receberão tratamento diferenciado da sociedade.

Uma mente inteligente sempre terá mais, aquele que se dedica a vida inteira ao seu desenvolvimento pessoal e profissional sempre terá mais que aquele que prefere agir com o mínimo de esforço. Se na prática houvesse uma igualdade de condições entre as pessoas, muitos não fariam nada para contribuir e simplesmente viveriam na base do esforço alheio.

A formação ontopsicológica demonstra para esses jovens que o líder, a pessoa que sabe trabalhar com inteligência e esforço possui mais devido ao seu esforço e dedicação.

3.3.5 Segurança

A quinta questão do primeiro formulário descreve uma pessoa que para ela é importante viver em um ambiente seguro e evitar tudo que possa ameaçar a sua segurança. B2 respondeu que se parece com ele e B1 que se parece muito com ele. Já A2 diz que se parece apenas um pouco, enquanto A1 diz não se parecer com ele.

Também é importante aqui a questão 13 do segundo formulário, que traz a expressão “Mais vale um pássaro na mão que dois voando.”, ou seja, mais vale a segurança do que já se possui do que arriscar perder tudo. B2 respondeu que sim e B2 antes sim que não. Já A1 respondeu que não e A2 antes não que sim.

Os jovens que buscam a formação ontopsicológica são sempre incentivados a saírem de sua zona de conforto, não é buscar qualquer risco sem pensar nas consequências, mas é buscar o seu desenvolvimento indo atrás de desafios, buscar novas experiências, desenvolver novos projetos, pois ficar sempre em um ambiente seguro, nunca correndo riscos, é ficar estagnado.

Constantemente os jovens deixam de tomar decisões importantes na vida pelo simples medo de arriscar, de sair daquela rotina segura, daquela simplicidade em que vive, mas assim jamais proporciona desenvolvimento.

Os jovens com formação ontopsicológica buscam sair da zona de conforto, colocar a segurança em risco, para buscar realizar novos projetos e investimentos e assim se desenvolverem.

Atividades como o *coaching* permite que o jovem apresente suas ideias para um consultor que poderá lhe ajudar indicando que caminhos que colocar essa segurança em jogo é uma coisa positiva, ajudando o jovem a não colocar em risco a sua segurança de forma estúpida, mas sim com inteligência.

3.3.6 Ajudar os outros

A questão 12 do primeiro formulário descreve alguém que considera importante ajudar os outros, que quer cuidar do bem-estar deles. B2 respondeu se parecer com ele e B1 que se parece muito com ele. Já A1 diz se parecer um pouco com ele e A2 que se parece com ele até certo ponto.

Importante frisar aqui que os jovens com formação ontopsicológica não negam a importância de ajudar os outros, mas relativizam essa ajuda, parece com eles, mas apenas um pouco ou até certo ponto. A formação ontopsicológica ajuda os jovens entenderem que não há como ajudar os outros sem antes ajudar a si mesmo.

Muitos jovens cometem o erro de colocar os outros em primeiro lugar, porém não há como ajudar os amigos, a família e a sociedade se o jovem não se colocar em primeiro lugar. A formação ontopsicológica demonstra aos jovens que se desenvolvendo, desenvolvem também o ambiente a sua volta.

Por exemplo, os jovens que realizam a formação ontopsicológica participam de ciclos de palestras e cursos que buscam desenvolver a liderança e as habilidades no mundo do *business*, se tornando um líder no *business*, esse jovem pode constituir uma grande empresa, gerando empregos, se tornar um destaque na sua área de atuação, proporcionando um serviço de qualidade a todos, pode gerar uma grande influência na economia, e assim por diante.

3.3.7 Tradições e Hábitos

A questão 25 do primeiro formulário descreve alguém que considera importante agir conforme as tradições estabelecidas e seguir os hábitos que assimilou.

B2 respondeu parecer um pouco com ele e B1 respondeu parecer muito com ele. Em contrapartida, ambos A1 e A2 responderam não se parecer nada com eles.

A formação ontopsicológica busca mostrar aos jovens que muitas das tradições da sociedade, e muitos dos hábitos que os jovens acabam construindo, são derivados de complexos e estereótipos sociais, e muitos jovens que não possuem essa formação, vivem toda sua vida com base nessas tradições e hábitos, achando que aquilo é o certo, não percebendo a quantidade de esquizofrenia e angústia que gera em muitos jovens por esse motivo.

Um dos principais pontos da formação ontopsicológica é ajudar os jovens a relativizarem as tradições e os hábitos que construíram no decorrer de sua vida, ensinando a substituir velhos hábitos negativos por novos, construídos tendo como base um novo estilo de vida, voltado ao trabalho, pois a única maneira de acabar com esses velhos hábitos e tradições enraizados em muitos jovens é ensiná-lo a importância do trabalho, pois como foi demonstrado anteriormente com os questionários e as entrevistas, o trabalho permite que a pessoa veja o mundo de outra forma.

3.3.8 Respeito aos pais e aos idosos

A questão 28 do primeiro formulário descreve alguém que considerada importante respeitar os pais e as pessoas idosas e ser obediente a elas. Tanto B1 como B2 responderam que se parecem com ele, enquanto A1 e A2 responderam que não se parecem.

A formação ontopsicológica demonstra que o compromisso do jovem é primeiro com ele mesmo, ele deve obediência ao seu Ego, ao seu projeto de natureza, não aos seus pais ou pessoas idosas.

Muitos pais não conseguem suportar a ideia do filho se desenvolver e não precisar mais deles, e dessa forma acabam indo contra o desenvolvimento do próprio filho. O respeito é sempre importante, mas a obediência estrita não é inteligente.

O jovem é ensinado a saber respeitar a sua família, mas também em buscar a sua autonomia, construir sua própria identidade.

3.3.9 Adaptação e alteração da natureza

A questão número 40 do primeiro formulário descreve alguém que considerada importante adaptar-se à natureza, fazer parte dela. Acredita que as pessoas não devem alterar a natureza.

B2 respondeu que se parece com ele e B1 diz que se parece muito com ele. A2 respondeu que se parece um pouco com ele, e A1 respondeu que não se parece com ele.

Freqüentemente os jovens sem a formação adequada consideram que não se deve alterar a natureza. A formação ontopsicológica mostra aos jovens que existe uma relação profunda entre o meio ambiente e o ser humano, e a sustentabilidade é um tema bastante trabalhado em eventos dessa área, porém não se limita a isso, o desenvolvimento sem a mínima alteração da natureza é impossível.

Deve-se prezar pela preservação da natureza, mas essa preservação deve ser feita de forma inteligente. A formação ontopsicológica mostra que há casos em que a alteração da natureza pode resultar em uma maior harmonia entre o homem e o ambiente, sendo uma ilusão achar que a alteração da natureza é sempre algo negativo.

Deve-se encontrar a forma correta de alteração da natureza para a construção de cidades, fornecimento de matéria-prima, sem que se esgote os bens naturais e nem deixar de proporcionar desenvolvimento.

Os jovens de formação ontopsicológica participam de *residences* em que entram em contato com a natureza, plantando árvores e entrando em sintonia com o ambiente, sem deixar de demonstrar que as alterações são necessárias e devem ser feitas.

3.3.10 *Vida tranquila e regular*

A questão 36 do segundo formulário traz a afirmação de as vezes sonhar com uma vida tranquila e regular. B1 respondeu que sim, tanto B2 como A1 responderam antes não que sim e A2 respondeu que não.

Apesar de uma diferença um pouco menor que os demais pontos trabalhados, ainda assim pode-se perceber que quem possui uma formação ontopsicológica dificilmente pensa em uma vida tranquila e regular, uma coisa buscada por muitos jovens sem essa formação.

A Ontopsicologia ensina os jovens a buscarem sempre mais, a estarem sempre buscando um maior desenvolvimento, nunca ficar na mesma, buscar sempre novas experiências e desafios

Os jovens com estavam realizando a formação ontopsicológica, são exigidos todos os dias a realizarem coisas novas, coisas que exigem estudo e esforço, pois é trabalhando muito que esses jovens conseguem se desenvolver, se realizar, esses jovens encontram a verdadeira felicidade, pois estão trazendo a sua contribuição na transformação do mundo para melhor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa partiu da realidade atual do jovem universitário brasileiro, onde muitos conciliam os estudos e o trabalho. Observa-se que as universidades são um grande espaço de desenvolvimento e aquisição do conhecimento, porém somente as atividades acadêmicas não são suficientes para formar jovens, pois estes muitas vezes chegam infantilizados ou superficiais. Mesmo aqueles mais profundos e sérios ainda se encontram em um período turbulento e de estruturação da própria vida, tornando esse momento difícil, mas de possível reconstrução.

Com a experiência profissional o jovem tem a possibilidade de desenvolver e atuar o próprio potencial, aprender a utilizar os instrumentos que, unidos ao estudo, permitirão a conquista de sua autonomia e liberdade de ação. No entanto, sem a formação ontopsicológica muitos jovens não compreendem a importância do trabalho e acabam não aproveitando essa experiência do melhor modo. Grande parte dos jovens universitários ainda vê o trabalho de modo superficial, levando em conta somente os aspectos mais básicos envolvidos na atividade, como experiência prática, estabelecimento de contatos, entre outras aptidões que, ainda que certamente de grande valor, não esgotam todas as possibilidades de aprimoramento proporcionadas pelo trabalho. Enquanto isso, jovens com formação ontopsicológica voltada para o trabalho formam uma consciência de responsabilidade pela própria vida e buscam seu melhor na experiência do trabalho.

Entende-se que o trabalho seja uma possibilidade do homem atuar o potencial da existência, um caminho para a própria realização. Ainda assim, para que o homem consiga utilizá-lo de modo adequado é necessária essa percepção da ideia de trabalho. Por isso, esta pesquisa dedicou-se a investigação da ideia de trabalho entre os jovens universitários, para que fosse possível analisar qual o diferencial daqueles que receberam formação ontopsicológica.

Dessa forma, buscou-se por meio da pesquisa bibliográfica encontrar as principais bases filosóficas para a ideia de trabalho. Passando pelos poemas do pensador Hesíodo e sua ideia de trabalho como função ética e pedagógica

até chegar a Hegel e o trabalho como transformação e elaboração do mundo e de si. Logo após, buscou-se na teoria ontopsicológica os fundamentos para refletir o trabalho como manifestação do Em si ôntico na história.

Com isso chegou-se à busca de dados empíricos que tornassem possível a análise da percepção da ideia de trabalho entre os jovens universitários da atualidade, a partir da qual foi possível evidenciar primeiramente que o trabalho, enquanto experiência, é positivo para todos os jovens. Os participantes de ambos os grupos, com formação e sem formação ontopsicológica, relataram experiências de desenvolvimento e aprendizado. Com a análise profunda dos dados colhidos, contudo, aos poucos destacaram-se entre os jovens sem formação ontopsicológica respostas ligadas a aspectos mais básicos relacionados ao trabalho, como a ideia trabalho como fonte de subsistência e necessidade social.

Porém o trabalho pode ser também abertura de transcendência. O jovem que se envolve de modo maduro e responsável no trabalho supera visões estereotipadas.

O trabalho é condição indispensável para autonomia, liberdade, autoconhecimento e dignidade enquanto ser humano.

O trabalho é fonte de autonomia porque somente na atividade laboral, no exercício de transformação do mundo o sujeito conquista a própria economia, que é o ponto de partida para depois se conquistar autonomia em sentido jurídico, e por fim existencial. O jovem não autônomo economicamente é dependente dos pais, amigos, ou outros, e assim, não pode construir ou fazer aquilo que deseja. O direito de se fazer aquilo que se quer depende da possibilidade de ter sustento para tal. Sem autonomia econômica é necessário viver-se conforme a norma imposta por outro. A felicidade de poder construir algo conforme a própria vontade, como dizia Hegel, depende, em primeira mão, do indivíduo dominar tecnicamente um ofício e ser economicamente autossustentável. Autonomia é um modo de libertar-se do mundo onde nascemos (família, região, cultura, etc) e passar a viver conforme o mundo que se quer construir.

Em sentido de liberdade é a possibilidade de elaborar o próprio mundo. É ter o poder de influenciar socialmente, juridicamente, economicamente, existencialmente. É o ingresso como líder no grande mundo. Quando se

assume as salas de comando da sociedade é possível pensar em instrumentalizar tantas estruturas, tantas ideias, a favor de sua filosofia, de sua visão de mundo. Não uma visão limitada e estereotipada, mas uma visão originada do autoconhecimento. O líder utiliza-se do seu poder construído historicamente para elevar a sociedade onde vive. O líder constrói um mundo mais adequado ao ser humano. Este é o líder político, econômico, o verdadeiro líder.

O trabalho é autoconhecimento, porque nele se experimenta, se prova, se coloca em xeque. O trabalho é ação contínua, teórica e prática, é enfrentamento, dialética com o mundo. No trabalho vale o resultado, se ganha ou se perde. Não há espaço para opiniões. No trabalho o indivíduo é obrigado a olhar profundamente para si mesmo e renascer.

Por fim, o trabalho eleva as potencialidades humanas. O trabalho permite o homem construir a si mesmo conforme a sua natureza. O homem é dotado de inteligência transcendente. Pelo trabalho o homem tem a dignidade de poder afirmar que vive conforme aquilo que ele mesmo estabeleceu. O trabalho é aprimoramento racional, é transformação da natureza em cultura, é expressão dos valores humanos no mundo natural. Este mundo é feito para o homem, e precisamos elaborá-lo. No fim, o que queremos é elaborar a nós mesmos, reinventar a nós mesmos. Mas isso parte de primeiro sabermos quem somos. O trabalho como ação é autoconhecimento, e depois, espaço para autonomia e liberdade. Por fim, o homem se autorrealiza e expressa sua dignidade.

Estas considerações finais respondem as hipóteses levantadas no capítulo 2:

- Jovens que possuem formação ontopsicológica têm uma percepção de trabalho como oportunidade de realização e crescimento, enquanto grande parte dos jovens que não receberam formação ontopsicológica voltada para o trabalho o relacionam mais a questões de autonomia financeira e imposição social;
- Jovens que possuem formação ontopsicológica na perspectiva do trabalho têm maior possibilidade de aprendizado e realização no trabalho, pois o desenvolvem de maneira mais responsável e profunda;

- A formação ontopsicológica é fundamental na atualidade para a educação e responsabilização dos jovens por seu potencial e carreira.

A primeira hipótese está correta pois se viu que as respostas dos participantes que realizam algum tipo de formação ontopsicológica revelam uma percepção de trabalho ligadas a dimensões profundas da existência humana, como a transformação de si mesmo, a construção da própria liberdade, e autoconhecimento. Já os jovens que não fizeram qualquer tipo de formação ontopsicológica apresentam visão de trabalho mais restrita a uma imposição social e necessidade profissional. Por isso os aspectos que abordam são muito mais direcionados ao cumprimento de obrigações e subsistência econômica.

A segunda hipótese não pode ser respondida de modo total, pois para se afirmar que um jovem que realiza formação ontopsicológica tem maior probabilidade de aprendizagem no trabalho necessitaria de uma pesquisa complementar mais voltada à prática, elencando competências aprendidas e aprimoradas por participantes de ambos os grupos, com posterior comparação. Contudo, pode-se indicar que há maior probabilidade de os jovens do primeiro grupo terem melhor desempenho neste quesito, uma vez que seria consequência lógica das outras conclusões trazidas pela pesquisa. Se um jovem possui percepção mais profunda da dinâmica de trabalho, seria normal que ele aproveitasse melhor cada atividade desempenhada, pois entraria mais na ação, procuraria mais entendê-la de modo profundo.

Por fim a terceira hipótese está confirmada pelo texto já exposto nessas conclusões. Um processo de formação ontopsicológica hoje pode contribuir com a construção de jovens mais autônomos e responsáveis pelas suas carreiras, vidas e questões sociais e coletivas.

As ideias levantadas anteriormente, de trabalho como construção da própria autonomia, liberdade e dignidade existencial é abordada enfaticamente na teoria ontopsicológica, que vê o líder como figura fundamental a ser formada para a sociedade nos dias de hoje. O líder precisa cultivar uma psicologia de autonomia diante dos demais e das estruturas sociais e de necessidade de aprendizagem e aprimoramento constante, tanto das técnicas e instrumentos de ação (habilidades exigidas pelo ramo profissional no qual está inserido) como da própria personalidade. Para ser um líder vencedor não basta ser

melhor tecnicamente, é preciso construir uma psicologia de líder. Um ponto de partida fundamental para tal é não ver o trabalho como opressão ou apenas como necessidade social, mas como oportunidade de desenvolvimento, de criação de novos projetos, de mudança de vida. Com isso não se defende que todos os trabalhos e todas as empresas sejam excelentes, pois há locais de trabalho que logo se tornam pequenos para determinado indivíduo, pois lá já cresceu e aprendeu tudo que poderia. E inclusive existem chefes que não proporcionam as mesmas oportunidades de crescimento que outros. Entretanto, mesmo para aprender a discernir melhor tais situações é importante cultivar experiências profissionais e uma preocupação profunda e interior com sua autoconstrução.

Na teoria ontopsicológica há outro elemento ainda mais profundo que decorre dessa busca de autoformação pelo trabalho: a possibilidade de realizar na existência o projeto de natureza que emana do Em Si ôntico. Todo indivíduo nasce com determinado potencial, que para ser concretizado é preciso ser posto em prática, o que requer viver e agir conforme as coordenadas do Em Si ôntico. Em outras palavras, cada um nasce com possibilidades de escrever uma história de determinado tamanho. Pode-se dizer que as noções filosóficas e psicológicas de felicidade e autorrealização estão vinculadas à aproximação ou não desse potencial de natureza. O problema é que são raros os indivíduos que conseguem externalizar em ação e retorno existencial para si este potencial de natureza. De toda forma o essencial que se extrai é este: independentemente de nascer com determinado potencial de natureza, este projeto ôntico precisa ser concretizado historicamente. Para tal é preciso observar os vários meios possíveis. No mundo de hoje o trabalho é certamente um dos instrumentos mais importantes.

Daqui nasce então uma última acepção de trabalho, esta própria da teoria ontopsicológica, e talvez mais profunda que as anteriores, que já são bastante elevadas: o trabalho é a possibilidade do indivíduo manifestar historicamente o potencial de natureza que emana do projeto ôntico. Pelo trabalho é possível o Em Si ôntico manifestar-se existencialmente e historicamente. Sendo a manifestação do Em Si ôntico provavelmente a formação do indivíduo para a felicidade e autorrealização, o trabalho pode ser meio para estas metas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Brasília: UnB, 2001.

BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO, G. *et al* . *Dicionário de Política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

BOBBIO, Norberto. *Locke e o Direito Natural*. Brasília: Editora UnB, 1997.

FRANÇA, V. R. Um estudo sobre a relação entre o Estado e a propriedade privada a partir de John Locke. *Revista de Informação Legislativa*. Brasília: Secretária de Edições Técnicas do Senado Federal. a. 37, n. 148, p. 187, out. 2000.

FREITAS, Marcos Cezar de. *O conceito de tecnologia: o quarto quadrante do círculo de Álvaro Vieira Pinto* (Introdução da obra *O Conceito de Tecnologia*, de Álvaro Vieira Pinto). In: PINTO, Álvaro Vieira. *O Conceito de Tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

HEGEL, Georg. W. F. *Grundlinien der Philosophie des Rechts oder Naturrecht und Staatswissenschaft im Grundrisse*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982 (Werke in zwanzig Bänden 7) [mit Hegels eigenhändigen Notizen und den mündlichen Zusätzen], auf der Grundlage der Werke von 1832-1845 neu edierte Ausgabe Redaktion Eva Moldenhauer und Karl Markus Michel.

HEGEL, Georg. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2005.

HEGEL, Georg. W. F. *Linhas Fundamentais da filosofia do Direito ou Direito natural e ciência do estado em compêndio – primeira parte, o direito abstrato*. Tradução, introdução e notas de Marcos Lutz Müller. Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 5. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2003.

HEGEL, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986 (Werke in zwanzig Bänden, 3) auf der Grundlage der Werke von 1832-1845 neu edierte Ausgabe, Redaktion Eva Moldenhauer und Karl Markus Michel.

HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. São Paulo: Iluminuras, 1996.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1996.

JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MASLOW. Abraham. *Diário de Negócios de Maslow*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

MARTINGNETTI, G. Propriedade. In: BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO, G. *et al* . *Dicionário de Política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

MELO, Simone Lopes de. *O significado do trabalho entre os jovens na transição de estudante universitário a profissional*. 2002. 183f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

MENEGHETTI, Antonio. *Aprendiz Líder*. São Paulo: Foil, 2009.

MENEGHETTI, Antonio. *A Arte de Viver dos Sábios*. Tradução de Maria Luisa Andreola. 3. ed. Florianópolis: Ontopsicologia Editrice, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. *A Graça: a Lógica do Dom*. Porto Alegre: Psicologica Editrice do Brasil, 1996.

MENEGHETTI, Antonio. *Criterio Ético do Humano*. Porto Alegre: Ontopsicologica Editrice, 2002.

MENEGHETTI, Antonio. *Conoscenza ontologica e coscienza*. Roma: Psicologica Editrice, 2007.

MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.

MENEGHETTI, Antonio. *Filosofia Ontopsicológica*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. *Fundamentos de Filosofia*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005.

MENEGHETTI, Antonio. *I gioanni e l'etica ontica*. Roma: Psicologica Editrice, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. *Intelecto e Personalidade*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006.

MENEGHETTI, Antonio. *O Nascimento do Eu*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. *Nova FrondaVirescit Vol. III: Em busca da Alma*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006.

PEREIRA, M. H. R. Introdução. 1972. In: PLATÃO. *A República*. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

PINTO, Álvaro Vieira. *O Conceito de Tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PLATÃO. *A República*. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: filosofia pagã antiga*. São Paulo: Paulus, 2003.

RICHARDSON, Jarry Roberto. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 2010.

ROSENFELD, Denis. *Política e Liberdade em Hegel*. São Paulo : Brasiliense, 1983.

SCHÜLER, Donaldo. *Literatura Grega*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SILVEIRA, D. D. *O direito agrário em debate*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1996.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia I*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1986.

VAZ, H. C. L. *A significação da Fenomenologia do Espírito*. In: HEGEL, Georg. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2005.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

6 ANEXOS

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados serão utilizados para pesquisas e elaboração de Tese em Psicologia da Universidade Estatal de São Petersburgo. Não é necessária a sua identificação.
Pesquisador Responsável: Josemar Sidinei Soares

1. Sexo: Masculino Feminino

2. Idade: _____

3. Escolaridade: _____

4. Você trabalha? Sim Não

5. Há _____ quanto tempo?

6. Com quantos anos você começou a trabalhar? _____

7. Responda as questões abaixo:

1) Cite uma palavra que traduz o significado de trabalho:

2) Um trabalho que faz sentido é um trabalho que...

3) Um trabalho que não faz sentido é um trabalho que...

4) Liste três aspectos positivos do seu trabalho:

1 _____

2 _____

3 _____

5) Liste três aspectos negativos do seu trabalho

1 _____

2 _____

3 _____

- 6) Depois do trabalho o que mais mudou no seu modo de pensar...
- _____
- _____
- 7) O seu maior objetivo com o trabalho é:
- _____
- _____
- 8) A sua maior dificuldade no trabalho é:
- _____
- _____
- 9) Liste três aspectos que modificaram em você depois que você começou a trabalhar
- 1 _____
- _____
- 2 _____
- _____
- 3 _____
- _____
- 10) O que o trabalho mais exige de você?
- _____
- _____
- 11) Você recebeu alguma formação existencial?
- _____
- _____

Leia com atenção cada afirmação e faça um “x” no número que corresponde ao seu comportamento:

1 – Nunca 2- Raramente 3- Às vezes 4- Quase sempre 5 – Sempre

Nº	Afirmações	Respostas				
		1	2	3	4	5
1	Trabalhar é agradável					
2	Todo trabalho traz aprendizagem contínua					
3	O seu trabalho traz aprendizagem contínua					
4	Você é reconhecido pelo seu trabalho					
5	O seu trabalho é fonte de relações humanas					
6	Você sente orgulho do seu trabalho					
7	As pessoas que o rodeiam se sentem orgulhosas pelo seu trabalho					

8	Você se identifica com o seu trabalho					
9	O seu trabalho interfere nas relações familiares e pessoais					
10	O seu trabalho se tornou um diferencial em relação aos outros jovens					
11	O seu trabalho lhe traz mais ganhos do que perdas					
12	Existem trabalhos torturantes					
13	O seu trabalho é torturante					
14	A expectativa que você tinha antes de trabalhar está sendo atendida					
15	A exigência do trabalho é mais física do que mental					
16	O trabalho é a atividade de maior importância da sua vida					
17	O trabalho modificou sua visão de mundo					

ENTREVISTA DE PESQUISA DE CAMPO SEGUNDA PARTE

Os dados serão utilizados para pesquisas e elaboração de Tese em Psicologia da Universidade Estadual de São Petersburgo. Não é necessária a sua identificação.

Pesquisador Responsável: Josemar Sidinei Soares

Responda as questões abaixo:

1. **O que faz quando não está trabalhando? O que você gosta de fazer em seu horário de lazer?**
2. **O que é o trabalho para você?**
3. **Como você via o trabalho antes de começar a trabalhar? Como você o vê hoje?**
4. **Quem é ou foi a sua referência de trabalho? As pessoas com quem você trabalha hoje são exemplos para você?**
5. **Qual o seu grande objetivo de vida? O trabalho atual contribui para esse objetivo? Por quê?**
6. **Você sente que o trabalho atual preenche as suas expectativas? Você se sente realizado?**
7. **Para você o que seria uma vida realizada?**
8. **Você passou a se conhecer melhor depois de trabalhar? Em quais aspectos?**
9. **O que é responsabilidade para você?**
10. **Como o trabalho seria um estímulo a aprendizagem contínua para você? O seu trabalho atual estimula o crescimento constante?**
11. **O seu trabalho provoca transformação na sua vida pessoal ou somente profissional? Como?**
12. **O seu trabalho se tornou um diferencial em relação aos outros jovens? Por quê?**
13. **O trabalho modificou sua visão de mundo? Por quê?**
14. **Você vê diferença em você antes e depois de trabalhar? Por quê?**

Sobrenome e nome: _____

Grupo: _____ Data de preenchimento: _____

INSTRUÇÃO: Seguem as descrições de algumas pessoas. Leia, por favor, cada descrição e reflita em quanto cada uma dessas pessoas se parece ou não se parece com você. Marque com X aquela casa, à sua direita, que mostrar quanto a pessoa descrita se parece com você.

	Muito se parece comigo	Parece-se comigo	Parece-se comigo até certo ponto	Parece-se comigo um pouco	Não se parece comigo	Não se parece nada comigo
1. Para ele é importante inventar algo novo e ser criativo. Ele gosta de agir à sua maneira.						
2. Para ele é importante ser rico. Ele quer possuir muito dinheiro e muitas coisas caras.						
3. Ele acha importante tratar qualquer pessoa de igual modo. Ele acredita que todos devem ter iguais condições na vida.						
4. Para ele é muito importante mostrar suas capacidades. Ele quer deixar as pessoas maravilhadas com o que estiver fazendo.						
5. Para ele é importante viver num ambiente seguro. Ele evita tudo o que possa ameaçar a sua segurança.						
6. Ele acha que é importante fazer muitas coisas diferentes na vida. Ele sempre aspira à inovação.						
7. Ele acredita que as pessoas têm de fazer o que lhes mandarem. Ele acha que as pessoas devem seguir as regras sempre, mesmo quando ninguém as vê.						
8. Para ele é importante ouvir a opinião das pessoas que discordam dele. Mesmo que não concorde com elas, quer entendê-las de qualquer modo.						
9. Ele acha que é importante não pedirmos mais do que já temos. Ele acredita que as pessoas devem contentar-se com o que possuem.						
10. Ele sempre procura motivos para divertir-se. Para ele é importante fazer aquilo que lhe der prazer.						

11. Para ele é importante tomar suas decisões sozinho. Ele gosta de ser livre em escolher e planejar as suas atividades.						
12. Para ele é muito importante ajudar os outros. Ele quer cuidar do bem-estar destes.						
13. Para ele é muito importante obter êxito. Ele gosta de impressionar os outros.						
14. Para ele é muito importante a segurança de seu país. Ele acha que o estado deve estar pronto a rebater as ameaças externas e internas.						
15. Ele gosta de risco. Ele está sempre em busca de aventuras.						
16. Para ele é importante comportar-se sempre com decência. Ele quer evitar as ações que os outros considerem erradas.						
17. Para ele é importante ser chefe e indicar aos outros o que fazer. Ele quer que os outros façam o que ele mandar.						
18. Para ele é importante ser fiel aos seus amigos. Ele quer dedicar-se às pessoas próximas.						
19. Ele acredita sinceramente que as pessoas devem cuidar da natureza. Para ele é importante cuidar do meio ambiente.						
20. Para ele é importante ser crente. Ele procura seguir as suas convicções religiosas.						
21. Para ele é importante manter as coisas em ordem e limpeza. Ele não gosta mesmo de desordem.						
22. Ele acha que é importante interessar-se por várias coisas. Ele gosta de ser curioso, tentando compreender diversas matérias.						
23. Ele acha que todos os povos do mundo devem viver em harmonia. Para ele é importante contribuir para o estabelecimento da paz entre todos os habitantes da terra.						
24. Ele acha que é importante ser ambicioso. Ele quer mostrar o quanto é talentoso.						
25. Ele acha que o melhor é agirmos						

de acordo com as tradições estabelecidas. Para ele é importante seguir os hábitos que assimilou.						
26. Para ele é importante sentir prazer em viver. Ele gosta de “mimar” a si mesmo.						
27. Para ele é importante ser sensível em relação às necessidades de outrem. Ele procura apoiar a quem conheça.						
28. Ele acha que sempre deve respeitar os pais e as pessoas idosas. Para ele é importante ser obediente.						
29. Ele quer que todos sejam tratados de modo justo, inclusive as pessoas desconhecidas. Para ele é importante defender os fracos.						
30. Ele gosta de surpresas. Para ele é importante que sua vida tenha muitas impressões boas.						
31. Ele faz de tudo para não adoecer. Para ele é muito importante preservar a saúde.						
32. Para ele é importante progredir na vida. Ele procura fazer tudo melhor do que os outros.						
33. Para ele é importante perdoar as pessoas que o ofenderem. Ele procura ver o lado bom destas, sem guardar mágoas.						
34. Para ele é importante ser independente. Ele gosta de contar consigo mesmo.						
35. Para ele é importante ter um governo estável. Ele se preocupa com a preservação da ordem pública.						
36. Para ele é muito importante sempre tratar os outros com polidez. Ele procura nunca irritar nem incomodar os outros.						
37. Ele realmente quer deleitar-se com a vida. Para ele é muito importante o passatempo prazeroso.						
38. Para ele é importante ser humilde. Ele procura não atrair atenção.						
39. Ele sempre quer ser aquele que toma decisões. Ele gosta de ser líder.						

40. Para ele é importante adaptar-se à natureza, fazer parte dela. Ele acredita que as pessoas não devem alterar a natureza.						
--	--	--	--	--	--	--